

fundamentos

NO II * N.º 16 JUNHO
AGOSTO * 1950

a luta na
COREIA

Sobre o Marxismo em Linguística

J. STÁLIN

**INSTITUTO DA HILÉIA
AMAZÔNICA** G. CABRAL

**A VERDADE SOBRE A
ARDE** ROSSINE G. GUARNIERI

A P R O . . . fundamentos
BÁRIO DE ITABARE

MITCHURIN P. LAKOVLE



REVISTA DE CULTURA MODERNA

FUNDADOR
MONTEIRO LOBATO

PREÇO Cr\$ 3,00

Comissão de Redação: Afonso Schmidt, Artur Neves, Caio Prado Junior, J. E. Fernandes, Rivadavia Mendonça e Rui Barbosa Cardoso.

★

Conselho de Redação: Annibal M. Machado, Aparicio Torelli, Artur Ramos (†), Astrojildo Pereira, Candido Portinari, Clovis Graciano, Edison Carneiro, Galeão Coutinho, Graciliano Ramos, J. Vilanova Artigas, Mario Schenberg, Moacir Werneck de Castro, Oscar Niemeyer e Samuel Barnsley Pessoa.

★

INDICE

EDITORIAL	3
A LUTA HERÓICA DO POVO DA COREIA — Pak-Hen-En	4
A URSS APONTA OS INVASORES DA COREIA	8
EVOCACÃO DE ROMAIN ROLLAND — J. E. Fernandes	11
ARA PACIS — R. Rolland	12
BARBUSSE E A GUERRA — G. Andrade e Silva	13
SOBRE O MARXISMO EM LINGÜÍSTICA — J. Stalin	14
MITCHURIN — P. Iakovlev	20
INSTITUTO DA HILÉIA AMAZÔNICA — George Cabral	23
A VIDA — Conto de P. Pavlenko	24
A VERDADE SOBRE A ABDE — Rossine C. Guarnieri	25
OS HORRORES DOS BOMBARDEIOS ATÔMICOS	28
PORQUE DEVEMOS ASSINAR O APELO DE ESTOCOLMO — Omar Catunda	31
D. ALICE TIBIRIÇA — Helena N. Prado	33
UM ESCRITOR SERVE A GUERRA — Roldão Mendes Rosa	34
PIOR QUE NO ROMANCE DE WELLS — Afonso Schmidt	34
POESIA — TEMPO DE GUERRA E DE BOMBAS — Jorge Medauar	36
CARTA ABERTA AOS ESCRITORES OCIDENTAIS — Ilya Ehrenburg	37
Ilya Ehrenburg	37
APRO... fundamentos	39
CINEMA — HOLLYWOOD NA GUERRA FRIA	40
NOTAS E NOTÍCIAS — RESENHA POLÍTICA	

★

Diretor responsável: Rui Barbosa Cardoso.

★

Redação e Administração: Rua Barão de Itapetininga 275 - 9.º - S. 96 - São Paulo

Concurso de contos Monteiro Lobato “PRO’ APÊLO DE ESTOCOLMO”

★

“10 MIL CRUZEIROS PARA O MELHOR CONTO CONTRA A BOMBA ATÔMICA”

Fundamentos, no intuito de incentivar a luta pela interdição das armas atômicas e levando em conta que o APÊLO DE ESTOCOLMO constitui a mais alta expressão dessa campanha humanitária, resolveu em resposta àquele histórico documento, instituir o presente concurso PRÓ APÊLO DE ESTOCOLMO, cujo prêmio único leva o nome do grande escritor que fundou esta revista.

CONDIÇÕES GERAIS

- 1.º) Os contos destinados ao concurso poderão versar os mais variados temas, desde que êstes, direta ou indiretamente, se liguem à luta pela paz e pela interdição das armas atômicas. A comissão julgadora fará entrar em concurso qualquer trabalho que, em sentido amplo, esteja relacionado com a vida e a luta do nosso povo, no seu anseio de progresso e libertação, ainda que o mesmo não aborde temas direta e especificamente relacionados com as armas atômicas. Os participantes, dentro dessa orientação geral, terão a mais ampla liberdade, devendo apenas cuidar de tornar o seu trabalho uma contribuição efetiva à cruzada humanitária em que estão empenhados todos os povos do mundo.
- 2.º) Os originais devem ser datilografados em 3 vias, com dois espaços, e ser enviados à redação de FUNDAMENTOS — Rua Barão de Itapetininga, 275 — S. Paulo — até 30 de setembro p. futuro. Não deverão ultrapassar 10 laudas, formato officio.
- 3.º) Os trabalhos devem ser assinados com pseudônimo. Em envelope à parte fechado, que acompanhará os originais e só será aberto após o julgamento, o autor deverá fornecer o seu nome, o seu pseudônimo e o título do conto para identificação futura.
- 4.º) Este concurso está aberto não só aos escritores profissionais, como a tôda e qualquer pessoa que a êle queira concorrer.
- 5.º) Será concedido um único prêmio de Cr.\$ 10.000,00 ao conto que obtiver a 1.ª classificação.
- 6.º) Serão concedidas MENÇÕES HONROSAS aos contos classificados em 2.º e 3.º lugar e os mesmos, publicados em FUNDAMENTOS com ilustrações.
- 7.º) FUNDAMENTOS terá o direito de publicar, sem qualquer pagamento, os contos que entrarem em concurso. Os originais não serão devolvidos.
- 8.º) A Comissão Julgadora será composta pelos escritores: AFONSO SCHMIDT, GALEÃO COUTINHO — HELENA SILVEIRA — JOSÉ GERALDO VIEIRA e ARTUR NEVES.

★

PONHA SUA INTELIGÊNCIA A SERVIÇO DA PAZ
CONCORRENDO A ÊSTE HONROSO PRÊMIO LITERÁRIO

LEI DE SEGURANÇA - LEI DE GUERRA

Os planos do imperialismo norte-americano entraram agora em fase de urgência na sua execução, porque os homens dos trustes de Wall Street desejam desencadear, já, uma nova guerra. Como prova dessa sinistra preparação, aí estão as agressões tanto á Coréia, com a invasão militar de seu território, como á China, com a inclusão da ilha Formosa no chamado sistema "defensivo" das tropas invasoras de Mac Arthur.

E' que a crise final do capitalismo está cada vez mais próxima e já se delineiam tão nitidamente as suas conseqüências, que os prenúncios de sua chegada fazem os exploradores cair em desespero e, como só vêem na guerra a única saída como tentativa para defesa dos seus privilégios e explorações, tudo estão mobilizando para um novo conflito mundial, mobilização essa que atinge todos os setores sob dominação dos senhores de Washington. São as provocações diretas, de um lado, e o reforçamento da submissão de colônias e semicolônias, de outro lado. E' o que estamos presenciando no Brasil, onde os senhores do Departamento de Estado e do *Pentágono* promovem a reocupação de nossas bases militares, no Norte, no Nordeste e no Sul, realizam a apropriação de nossas reservas minerais, sob forma mais drástica que um confisco, impõem o contróle de tôdas as fontes da produção brasileira e, por cima de tudo isto, exigem e dirigem a preparação de força armada para lutar na Ásia, contra povos que empreenderam a libertação de suas pátrias.

Mas, o plano guerreiro do imperialismo encontra cada vez maior decisão na resistência de tôdas as camadas populares, nesta nossa luta pela libertação e pela paz. Diante disto, sentem os opressores que é preciso armar o govêrno que aí está a seu serviço, com novas medidas de arbitrio e opressão. Não que o govêrno já não esteja praticando todos os atentados contra o povo e seus líderes. O exemplo disto são todos os desmandos contra os direitos dos cidadãos, tôdas as prisões, espancamentos e seqüestros que as polícias de Dutra, Ademar e outros sobas estaduais estão executando contra os melhores e mais ativos lutadores filhos do povo, como o bravo líder e herói de 35, Agliberto Azevedo, seviciado e consumido nas masmorras do Nordeste; como o querido representante dos trabalhadores santistas na Assembléia Legislativa e vítima da cassação, o Professor João Taibo Cadórniga, mais uma vez, alvo da sanha sangüinaria dos agentes bestiais do Largo General Osório; como o sábio mestre da mocidade universitária paulista, destacado lutador pela defesa do nosso petróleo, que honra o corpo de redação de nossa revista, Professor Omar Catunda, agora submetido a nova prisão e sujeito a indigno tratamento e desacatos; como êsse grupo de patrióticas mulheres da Federação de Mulheres do Estado de S. Paulo, que foram submetidas a vexames, espancamentos e prisão, na Praça Clóvis Beviláqua, ao realizarem sua manifestação pacífica de protesto contra os preparativos de remessa de seus filhos e irmãos como trouxa do imperialismo norte-americano para a Coréia.

Julho - Agosto 1950

Mesmo praticando todos êsses crimes e atentados às liberdades constitucionais, quer o govêrno que se suprimam tôdas as últimas franquias populares e nesse sinistro desígnio há um perfeito conluio de todos os candidatos a serviço do imperialismo que aspiram apenas ser os escolhidos para títeres dos colonizadores ianques.

E' a razão por que a lei de segurança voltou ao regime de urgência, como nova cobertura para a execução do plano que visa afastar e neutralizar o povo na entrega da Pátria ao invasor norte-americano. Com a lei de segurança esperam fazer que o povo não possa manifestar sua vontade de nenhum modo. Nenhuma reunião, mesmo familiar, será permitida, e se fôr promovida, sofrerá brutal repressão dos beleguins da Ordem Política. Os escritores não escreverão mais, a não ser os traidores a serviço dos dominadores imperialistas. Os estudantes não cursarão livremente as suas escolas. Os moços não estarão desimpedidos para o trabalho construtivo e pacífico, mas, estarão mobilizados para a odiosa guerra de conquista, para a "guerra policial", como a que os colonizadores desencadearam na Coréia.

Com a lei de segurança, mais facilmente tirarão os filhos às mães, os irmãos às irmãs, os noivos às noivas.

Com a lei de segurança, os juizes serão reduzidos à função de policiais, os *tiras* serão elevados à missão de juizes e o povo será mergulhado no mais negro arbitrio.

Com a lei de segurança, o processo de Prestes será levado ao ignominioso fim que a reação tanto deseja.

É a política de guerra dos imperialistas que quer e precisa da lei de segurança, para realizar os seus desígnios macabros de aniquilamento do povo e apresamento de suas riquezas. A lei de segurança será a instauração em caráter permanente do "Plano Cohen", a pretexto de garantir a ordem chamada *continental* em função da qual os simples movimentos populares, como o de manifestação contrária à participação do Brasil na guerra imperialista, serão considerados atos de agressão a justificar o desembarque de tropas estrangeiras e a ocupação total do país, como prescrevem expressamente o Pacto do Atlântico e o Tratado do Rio de Janeiro.

Mais uma vez cabe ao povo barrar os negros desígnios dos reacionários de dentro e de fora do país, lutando contra a lei de segurança — a lei de guerra. A ela devemos todos opor a defesa da paz, missão esta que cabe a todos os cidadãos honestos, porque será reforçando e aumentando o movimento da defesa da paz, que estaremos contribuindo diretamente para a libertação nacional e o bem-estar do nosso povo. Grande tarefa nessa campanha cabe aos intelectuais brasileiros que, lutando contra a lei de segurança e pela defesa da paz, estarão prestando a sua contribuição para o supremo bem do povo e da Pátria.

A LUTA HERÓICA

Como contribuição para o maior esclarecimento da situação coreana e da luta de libertação empreendida por seu povo, Fundamentos publica na íntegra a seguir o importante artigo de autoria de Pak Hen En, ministro das Relações Exteriores da República Popular Democrática da Coreia e um dos heróis da luta de unificação de sua pátria e de expulsão dos invasores imperialistas americanos, do mesmo modo que antes lutara contra a sangüinária colonização japonesa.

O povo coreano foi libertado do jugo do imperialismo japonês pelas forças do valoroso exército soviético que desempenhou um papel decisivo no esmagamento dos agressores fascistas, tanto no Ocidente como no Oriente.

É graças à União Soviética que conduz uma luta conseqüente por uma democracia verdadeira e que defende a independência, a liberdade e a soberania dos povos, grandes e pequenos, que se abriu para o povo coreano, ou sejam 27 milhões de homens, a estrada de uma vida livre e feliz, a perspectiva do reerguimento e do desenvolvimento de seu Estado Nacional.

Em seguida a esta grande viragem na vida da Coreia, as forças criadoras do povo coreano, esmagadas pela bota do militarismo japonês despertaram e o povo coreano se lançou resolutamente na realização de suas aspirações seculares: criar o Estado democrático independente da Coreia. Ainda não decorreram um mês da libertação e os coreanos já haviam instaurado, em todas as regiões do país, comitês populares — órgãos verdadeiramente democráticos do poder — e proclamavam a fundação de seu estado soberano: a República Popular da Coreia. Os comitês populares tendo em suas mãos o poder, destruíram até às raízes o aparelho de administração colonial dos invasores japoneses e introduziram sem tardança novas legislações democráticas.

Na vanguarda da luta patriótica do povo coreano se encontrava o Partido Comunista, defensor conseqüente dos interesses nacionais do povo coreano e organizador de sua luta por uma completa independência e desenvolvimento democrático da pátria. Sob a direção do Partido Comunista o povo coreano se uniu em torno dos comitês populares, e os inimigos do povo, os elementos pró-japoneses, traidores do país, tremeram por sua sorte diante dessa temível força popular.

Com a criação da República Popular coreana, foram postas em execução transformações democráticas decisivas: reforma agrária, nacionalização dos principais ramos da indústria; leis progressistas do trabalho; liberdade de palavra, de imprensa, de reunião e de organização; igualdade de direitos para as mulheres; extensão da instrução pública; renascimento da cultura nacional.

Ao entrar na Coreia do Norte em agosto de 1945 para esmagar os ocupantes

japoneses, o grande exército soviético não somente encorajou as aspirações patrióticas e as reivindicações democráticas do povo coreano, como o ajudou de todos os modos e de maneira desinteressada, a realizar essas reivindicações. Durante sua permanência em território coreano o Exército Soviético apresentou-se ao povo coreano como o fiel executor dos grandes princípios da política externa leninista-stalinista, de respeito à soberania dos povos, grandes e pequenos. O povo coreano adquiriu a convicção de que o Exército Soviético não tem outra finalidade senão assegurar sua independência e seu desenvolvimento democrático. Quando ele entrou na Coreia, e quando saiu do país, foi saudado pelo povo como um exército amigo, um exército libertador.

Graças à ajuda amiga da União Soviética, as aspirações do povo se concretizaram integralmente na Coreia do Norte após a libertação. Eis porque, no momento atual, é justamente na Coreia do Norte que a liberdade e a independência do povo coreano receberam uma base sólida.

Não há a menor dúvida, de que, se os imperialistas americanos não se houvessem imiscuído nos negócios internos de seu povo, já há muito tempo que o povo coreano teria realizado, em escala nacional, as transformações democráticas que, por enquanto, só existem na Coreia do Norte. O poder popular ter-se-ia instalado na Coreia do Sul igualmente e toda a Coreia ter-se-ia transformado em um Estado democrático unido e independente.

I

Infelizmente, diante do povo coreano surgiu o imperialismo americano com as mesmas ambições colonizadoras que o nosso povo havia sofrido, tão amargamente, com a dominação japonesa. Desde os primeiros dias de ocupação da Coreia do Sul pelas tropas americanas, estas revelaram seus objetivos e intenções verdadeiras. As autoridades americanas começaram por se voltar contra o povo e a dissolver os comitês populares que ele havia criado. Sobretudo, as tropas americanas tentaram pela repressão destruir a aspiração dos coreanos a sua soberania nacional. O general Arnold, chefe da administração, declarou cnicamente, em 10 de outubro de 1945, que na Coreia do Sul a soberania não pertencia ao povo coreano, e sim, à administração militar americana. Esta declaração foi confirmada imediatamente por medidas militares tendentes a abafar a vontade do povo coreano. Os americanos declararam ilegal a república popular e perseguiram seus dirigentes. Constituiu isso, de fato, uma declaração de guerra ao povo coreano. Era privá-lo pela violência de uma soberania que lhe pertencia por direito após a expulsão dos ocupantes japoneses. Os americanos mobilizaram todas suas

forças para estrangular os comitês populares.

Em lugar desses comitês, restabeleceram o aparelho administrativo odiado pelo povo, da época japonesa; e, os elementos pró-japoneses que haviam enriquecido explorando e oprimindo o povo em colaboração com os ocupantes japoneses, reapareceram em cena, refeitos do susto inicial e convencidos de que a troca de patrões em nada ameaçava sua prosperidade. Depois de conseguirem a proteção dos colonizadores americanos os traidores do povo retomaram coragem e se puseram a reunir e consolidar as forças reacionárias. Com a colaboração dos reacionários locais os americanos instituíram na Coreia do Sul, um regime policial terrorista tendo como finalidade esmagar a atividade dos partidos democráticos e das organizações sociais, tirar aos coreanos suas liberdades políticas. A intenção dos americanos era a de impedir a unificação das forças democráticas sob a direção do Partido Comunista e de provocar uma cisão no país. O mercenário americano Li Syng Man que estava reservado para este fim, entra em cena e é colocado à frente da clique dos elementos pró-japoneses.

No que diz respeito às medidas americanas no domínio econômico, nada do que havia pertencido aos japoneses foi devolvido ao povo coreano, tudo foi encampado pelos americanos. A realização de uma reforma agrária, baseada na confiscação das terras dos grandes proprietários feudais e dos traidores, e, na distribuição dessas terras entre os camponeses, foi categoricamente recusada. O camponês na Coreia do Sul, continuou como antes sujeito a exploração e a opressão. A lei fixando a jornada de trabalho em oito horas não foi aplicada.

A cólera e a indignação do povo coreano cresceram ainda mais quando os americanos, de propósito deliberado, fizeram fracassar a execução da resolução tomada pelos ministros do Exterior na Conferência de Moscou, decisão que previa a criação de um governo único, democrático, na Coreia. A não aplicação das decisões da conferência de Moscou pelo governo americano e a interrupção dos trabalhos da comissão mista soviético-americana, formada para aplicar aquelas decisões, acentuaram a divisão da Coreia e conduziram o povo coreano a novos sofrimentos.

A despeito das promessas de liberdade para a atividade democrática, a administração militar americana decretou a prisão de dirigentes do Partido Comunista Coreano, e numerosos "patriotas militantes" que haviam lutado com abnegação contra os japoneses nos anos de ocupação foram lançados na prisão sem qualquer motivo.

A política colonizadora dos Americanos na Coreia tomou um caráter descarado. A fim de vender o que chamam seus excedentes de guerra os americanos impuseram aos coreanos um "crédito" de 26 milhões de dólares. Requisitaram a

DO POVO DA CORÉIA

fôrça e enviaram para o Japão as colheitas de arroz e outros cereais, condenando dessa forma a população da Coréia do Sul a sofrer fome.

As violências dos americanos e suas medidas colonizadoras provocaram em tôda a Coréia do Sul a explosão de um movimento de resistência popular em massa. O primeiro grande movimento desse gênero foi a greve de 40.000 operários na Coréia do Sul, greve que em certos lugares se transformou em insurreição armada.

No curso desse movimento os americanos e seus mercenários assassinaram mais de 300 patriotas; fizeram mais de 2.600 feridos; mais de 3.000 coreanos desapareceram (na realidade a maior parte foi assassinada), e, mais de 25.000 foram presos. Mas, apesar dos assassinios e dos derramamentos de sangue, mais de 2 milhões de operários, camponeses, jovens estudantes e pequeno-burgueses das cidades tomaram parte nesta ação popular.

Esta ação heróica do povo da Coréia do Sul, sob a direção da classe operária, marcou o início de uma luta de massas organizada dos patriotas coreanos contra a política americana de sujeição de nosso país. Desde então, essa luta tem-se ampliado e continua a se desenvolver continuamente; ela demonstra a coragem sem limites, a coesão e a abnegação dos patriotas coreanos. Hoje, a luta heróica do povo coreano transformou-se numa fôrça temível, invencível, que se parece segundo as palavras do próprio Li Syng Man, a um "incêndio na floresta". Este incêndio destruirá tôdas as fôrças reacionárias que tentam impedir a unificação da Coréia e roubar-lhe a liberdade.

II

O movimento de outubro de 1946, a greve geral de 22 de março de 1947, a luta de massa do povo coreano para conclusão dos trabalhos da comissão mista soviético-americana em 1947, a luta de todo o povo pela aplicação da proposta soviética sobre a retirada simultânea das tropas americanas e soviéticas da Coréia e a outorga ao povo coreano do direito de criar êle próprio o seu governo único: tudo isso obrigou os americanos a compreender que não lhes seria possível reinar diretamente sobre a Coréia do Sul.

Procuraram então os americanos o meio de enganar o povo coreano de maneira a poderem, embora ficando nos bastidores, não só se imiscuir nos negócios internos da Coréia, como ainda desmembrá-la definitivamente e torná-la uma colônia. Com êsse fim, os americanos impuseram a discussão do problema coreano na Assembléia geral da ONU e forçaram a adoção de uma decisão ilegal sobre a organização de eleições separadas na Coréia do Sul, sob contrôle de uma pretensa comissão da ONU. Em meio às eleições os americanos tentaram

impor ao povo coreano a clique de Li Syng Man que está vendida a êles. Era um projeto criminoso destinado a encobrir com a égide da ONU a política americana de escravização da Coréia.

Mas os imperialistas americanos não conseguiram enganar o povo coreano; não conseguiram, como diz uma fábula coreana: "roubar os sinos tapando as orelhas."

O povo coreano compreendeu muito bem que a criação na Coréia do Sul de um governo separado de fantoches dos americanos só poderia acentuar ainda mais a divisão da Coréia, agravar as condições de vida do povo do Sul do país, aumentar o terror e o arbítrio policial, consolidar a dominação americana no sul.

Desde que a pretensa comissão da ONU chegou a Coréia do Sul, os operários de Seul desencadearam um movimento de protesto. No dia 7 de fevereiro de 1948, os operários da Coréia do Sul começaram a greve geral. Em seguida se desenvolveu uma heróica luta de massas para salvação do país, sob as palavras de ordem: "Abaixo a comissão da ONU", "Dai ao povo coreano o direito de formar seu próprio governo único". Dessas jornadas participaram 1.300.000 pessoas, em greves e manifestações contra a comissão da ONU.

O movimento contra as atividades da comissão da ONU desenvolveu-se em meio a um terror sangrento; os patriotas que compareciam às manifestações arriscavam a vida. Numerosos heróis populares tombaram sob os golpes do exército americano e da clique vendida de Li Syng Man. Apesar de tudo o movimento tomou grande extensão, o que demonstra a vontade inabalável do povo coreano em lutar contra as novas tentativas de escravização da pátria. Mais de uma vez a luta assumiu a forma de resistência armada do povo.

Em 3 de abril de 1948, na parte mais meridional do país, na ilha de Chechudo, brilhou a flama da luta popular dos guerrilheiros. A própria comissão da ONU não pôde esconder as causas que haviam levado os habitantes da ilha a se revoltar contra o novo jugo colonial. Em seu relatório a 4.ª Sessão da Assembléia geral da ONU, a comissão indica que o que estava na origem da rebelião era o ataque e o metralhamento pelos policiais e membros da união da juventude do Noroeste (organização terrorista reacionária) de pessoas suspeitas de pertencer ao Partido Comunista. No seu furor contra os habitantes da ilha de Chechudo que aspiravam à unificação e à liberdade, a policia reacionária criada pelos americanos, fez mais de 10.000 prisões e torturou até a morte centenas de pessoas. Não podendo mais suportar as arbitrariedades da policia, os habitantes da ilha se levantaram em armas contra seus novos inimigos.

Não obstante as condições geográficas desfavoráveis de uma terra isolada pelas

PAK HEN EN

ondas, não obstante, a fragilidade dos armamentos e a tática cruel da terra queimada empregada por um inimigo bem armado e recebendo constantemente todos os reforços de que necessitava, os heróicos habitantes da ilha conseguiram impedir em seu território a realização das eleições separadas de 10 de maio de 1948. As eleições não se realizaram na ilha.

As autoridades de Li Syng Man lançaram contra os habitantes da ilha de Chechudo grandes fôrças armadas que se vieram com crueldade inaudita os patriotas. A comissão da ONU não pôde ela própria esconder os atos de ferocidade cometidos pelos bandidos de Li Syng Man contra os habitantes da ilha de Chechudo. No seu relatório a 4.ª sessão da Assembléia Geral da ONU, informa: "Com finalidade pacificadora, o governo enviou a essa ilha numerosas tropas, mas as desordens não se acalmaram antes do início de 1949. As operações militares continuavam ainda em maio de 1949. As vilas foram reduzidas a cinzas e os estragos em edificações,

PRESTES E A GUERRA NA CORÉIA

"A guerra na Coréia, onde os aviões norte-americanos já estão massacrando mulheres e crianças, é um crime hediondo e injustificável. Nenhuma pessoa pode deixar de sentir-se revoltada e indignada com tamanha brutalidade que ameaça a humanidade inteira, pois já está bem claro que o que querem os senhores do imperialismo yanque é precipitar o desencadeamento de uma terceira guerra mundial, quer dizer, da guerra atômica.

Diante do grandioso movimento de centenas de milhões de seres humanos que, sob a direção da gloriosa União Soviética, se levantam no mundo inteiro em defesa da paz, contra a guerra imperialista e que exigem com vigor cada dia maior a interdição, absoluta da arma atômica, os provocadores de guerra se desesperam e sentem que já não podem fazer a preparação para a guerra às ocultas e sem passar à agressão aberta, que os desmascara e dificulta seus passos ulteriores no caminho da guerra. A agressão atual é, sem dúvida, muito séria, constitui grave ameaça e preocupa a todos os povos, mas — o que é necessário acentuar, — não é indicio de fôrça e sim de fraqueza e do desespero em que se encontram os provocadores de guerra que têm à sua frente os bandidos e aventureiros do atual governo dos Estados Unidos."

(Da entrevista publicada na "Imprensa Popular")

gado doméstico e sementeiras se eleva a milhões de vons."

A luta armada dos habitantes de Chechudo favoreceu o rápido fortalecimento da luta de todo o povo da Coreia do Sul, luta que se iniciou com a ação de outubro de 1946.

A luta cada vez mais ampla do povo coreano contra a política colonizadora dos Estados Unidos, incitou os chefes dos partidos políticos e das organizações sociais das mais diversas tendências a conjugar seus esforços contra a tentativa de eternizar a divisão temporária da Coreia. O congresso dos representantes dos partidos políticos e das organizações sociais do sul e do norte, que se inaugurou em Fenian, no dia 29 de abril de 1948, clamou todo o povo coreano, em nome da liberdade e da unificação da pátria, a boicotar as eleições separadas organizadas para 10 de maio, pela clique de Li Syng Man.

Em resposta a este apelo, e malgrado os embustes, as ameaças e o terror, a população da Coreia do Sul passou à luta contra as eleições separadas. Em numerosas cidades e vilas da Coreia do Sul, as "urnas eleitorais" e os "postos eleitorais" foram destruídos pelo povo. Na véspera das eleições, centenas de milhares de pessoas se refugiaram nas florestas e nas montanhas para não participar das eleições. Estas famosas eleições fracassaram vergonhosamente. Menos de 30% dos eleitores tomaram parte. No que diz respeito aos eleitores, é fato estabelecido que a maior parte foram coagidos pela força ou pela mentira.

Foi necessário que os americanos e os seus agentes da comissão da ONU recorressem a uma grosseira falsificação para dizerem que as "eleições" se haviam coroado de êxito, e para constituir com a clique de Li Syng Man um governo fantoche da Coreia do Sul.

Na ocasião da instauração na Coreia do Sul do regime antipopular das marionetes de Li Syng Man, os patriotas coreanos se viram diante da tarefa de criar um governo Central da Coreia que fosse verdadeiramente popular. Na conferência dos representantes dos partidos políticos e das organizações sociais do Norte e do Sul, que se realizou em junho de 1948, foi decidido realizar, em agosto do mesmo ano, eleições em todo o território do país. A clique de Li Syng Man fez todo o possível para impedir as eleições populares no Sul. Durante, estas eleições 291 pessoas tombaram vítimas do terror de Li Syng Man e 9.081 foram presas. Não obstante, 6.712.407 votantes, sobre o total de 8.601.746 eleitores, ou seja 77,52% participaram das eleições clandestinas no Sul. Na Coreia do Norte, onde as liberdades democráticas são asseguradas 99,98% dos eleitores tomaram parte nas votações. Os resultados mostram a atividade política sem precedentes das massas e a notável unidade do povo coreano. Em seguida a estas eleições a República Popular Democrática da Coreia foi proclamada e um governo central da Coreia foi criado, encabeçado por Kim Ir Sen, herói nacional do povo coreano.

O governo da República Popular Democrática da Coreia compreende um número igual de representantes do Sul e de

Sem força legal o Conselho de Segurança

A invasão da Coreia por tropas dos Estados Unidos é apresentada como medida policial determinada pela Organização das Nações Unidas, através de uma resolução do seu Conselho de Segurança. No entanto essa resolução é nula e de nenhum efeito, conforme teve ocasião de demonstrar o governo soviético, em sua nota a Trigue Lie, em que se afirma o seguinte:

«O governo soviético faz observar que esta resolução foi adotada por seis votos e o do delegado do «Kuomintang», Tsiang, que não tem direito de representar a China. Por outro lado, segundo a Carta da ONU, as decisões do Conselho de Segurança devem ser aprovadas por sete votos, dos quais cinco dos membros permanentes do Conselho, isto é: Estados Unidos, Grã-Bretanha, França, Rússia e China. Ora, a Rússia e a China estavam ausentes quando da votação. Além disso, o Conselho somente pode tomar decisões sobre assuntos importantes, quando haja unanimidade dos cinco membros permanentes.

«Diante disso, é evidente que a decisão do Conselho de Segurança sobre o problema coreano, não tem força legal.»

E' o artigo 27 da Carta das Nações Unidas que fixa essa obrigatoriedade de eficácia de suas medidas, o que não se verificou na ilegal medida tomada pelos Estados Unidos e seus sequazes, fantasiados de Conselho de Segurança da ONU.

A transcrição da íntegra do artigo 27 nos dá a completa convicção da burla praticada pelo governo norte-americano para coonestar o seu plano de agressão contra a Democracia Popular coreana, conforme foi pôsto em prática:

Art. 27:

- «1. Cada membro do Conselho de Segurança terá um voto.
- «2. As decisões do Conselho de Segurança, em questões processuais, serão tomadas por um voto afirmativo de sete membros.
- «3. As decisões do Conselho de Segurança, em todos os outros assuntos, serão tomadas por um voto afirmativo dos sete membros, inclusive os votos de todos os membros permanentes, ficando estabelecido que, nas decisões previstas no Capítulo VI (Soluções Pacíficas de Controvérsias), e no parágrafo 3 do artigo 5, aquele que fôr parte em uma controvérsia se absterá de votar.»

Praticando assim atos ilegais tão ostensivos de agressão contra a República Popular da Coreia e contra a República Popular da China, é certo que as medidas de força de Truman, como ressaltou o «Pravda», são «sem precedentes nas relações internacionais de após-guerra, são um novo testemunho do fato de que os meios dirigentes norte-americanos, não contentes em preparar a agressão, passaram aos atos diretos de agressão.»

Contra esse gesto grosseiro de agressão praticado pelos imperialistas de Wall Street, toda a humanidade se levantou em um movimento amplo de defesa e preservação da paz, que os exploradores do dólar querem calcar a seus pés.

representantes do Norte, entre os quais se encontram representantes das diferentes tendências políticas e camadas sociais da Coreia. O estabelecimento de um governo central é uma das principais vitórias do povo coreano na sua luta pela unidade e a liberdade.

III

A clique traidora de Li Syng Man foi levada ao poder com a ajuda das armas americanas. Sem a interferência americana sua existência seria inimaginável. A clique de Li Syng Man está isolada do povo que a despreza. Diante do ódio geral do povo coreano, Li Syng Man e seus asseclas não vêem outra salvação fora do emprêgo da violência e do terror sangrento contra os patriotas. Mas estas medidas antipopulares que permitem à clique de Li Syng Man manter provisoriamente seu regime apodrecido, aceleram ao mesmo tempo sua perdição. O regime de Li Syng Man está condenado.

A cascata de arranjos ministeriais, as divergências na "Assembléia Nacional", toda a política do governo de Li Syng Man mostram a instabilidade e a podridão do regime antipopular das marionetes da Coreia do Sul.

Sentindo a fragilidade de suas posições, a clique de Li Syng Man desenvolve todos os esforços para reter em nosso solo o exército americano de ocupação. Está pronta a alienar nos americanos todas as riquezas do país, ao mesmo tempo que sua liberdade, com tanto que seja protegida pelas armas contra o povo indignado com sua política.

Exprimindo a vontade do povo coreano a assembléia popular suprema da República Popular Democrática da Coreia dirigiu-se, em sua primeira sessão, aos governos da U.R.R.S. e dos Estados Unidos para pedir a aplicação da proposta soviética da retirada de suas tropas do território coreano. O governo da União Soviética respondeu com presteza ao pedido da assembléia popular suprema da Coreia, e, indo ao encontro dos interesses nacionais do povo coreano, retirou suas

tropas da Coreia do Norte em dezembro de 1948. Esta medida do governo soviético teve uma importância histórica para a Coreia.

Por ocasião da partida da Coreia das unidades do grande exército soviético, o povo coreano endereçou ao generalíssimo Stálin, chefe dos povos e libertador da Coreia, uma carta de agradecimentos que recebeu 9.900.000 assinaturas, somente na Coreia do Sul.

A recusa do governo dos Estados Unidos em aceitar a proposta soviética desmascarou completamente os designios agressivos dos imperialistas americanos que se esforçam por prolongar a ocupação da Coreia do Sul para dela fazer uma colônia e uma base militar dos Estados Unidos. A decisão do governo soviético em retirar suas tropas da Coreia e a luta crescente do povo coreano para afastar da Coreia as tropas americanas, encheram de pavor a clique de Li Syng Man e a colocaram junto com seus patrões americanos em situação difícil. Ligados a isso, foram concluídas uma série de acordos militares entre os Estados Unidos e os homens de Li Syng Man, e, na "Assembléia Nacional" da Coreia do Sul, conseguiu-se com o auxílio de ameaças e provocações, representar às pressas uma comédia inspirada pelos americanos, e suplicar aos Estados Unidos de prolongar a estada de suas tropas na Coreia do Sul.

A clique de Li Syng Man opôs à vontade popular um terror reacionário de uma amplitude e de uma ferocidade inauditas.

A começar por Seul, Li Syng Man aplica em toda a Coreia do Sul o sistema chamado da precaução solidária. É um sistema de perseguições sem exemplo na história. Três ou cinco casas vizinhas constituem um elo nesta cadeia. Todos os moradores destas três ou cinco casas ficam obrigados a se espionar mútua-

mente, e a dar parte imediatamente à polícia ou aos "destacamentos de autodefesa" das suspeitas que têm ou das visitas estranhas que recebem os moradores dessas casas. Se esta obrigação não é cumprida, os habitantes destas três ou cinco casas são presos, torturados, seus bens são confiscados e eles são deportados. Nos casos em que se descubra que uma das casas recebeu a visita de um suspeito, a família que o recebeu é exterminada.

Nas regiões onde operam os guerrilheiros os moradores são evacuados a força. Esta evacuação é feita de maneira tão desumana, que os próprios reacionários da "Assembléia Nacional" da Coreia do Sul, manifestavam inquietude a propósito. Assim, Cho Han En, do partido do Povo de Han (o Cuomintang coreano) declarou no dia 8 de outubro de 1949: "No distrito de Bonghua, província de Kengsan setentrional, existem ao todo 8 cantões. Com exceção de 36 localidades (quer dizer um quarto de todo o distrito) todos os habitantes receberam ordens das autoridades militares de evacuar suas residências entre 3 e 8 de outubro. A população não sabe para onde ir."

As transferências forçadas de populações se processam nas regiões de Tebiacsan, de Chirisan, na parte meridional da província de Chola do Sul, nas regiões de Odesan, de Umusan, nas regiões montanhosas do centro da província de Kengsan do norte, na região de Sobiaksan, etc. A população da Coreia do sul visada por esta ordem feroz eleva-se a cerca de 4 milhões de pessoas. Estes quatro milhões de pacíficos moradores, privados de suas casas, de seus bens, de seus animais, e de suas sementes, tiveram de, em um espaço de 5 dias, abandonar seus torrões natais e se tornarem miseráveis vagabundos. Tais são

as medidas draconianas, do governo de Li Syng Man.

Se as populações resistem à transferência forçada, os homens de Li Syng Man fazem uso de suas armas. A este propósito, Kim Kuan Dun declarou na Assembléia nacional no dia 8 de outubro de 1947: "Se os moradores não se submeterem às transferências forçadas efetuadas atualmente pelas autoridades militares em diferentes regiões, eles, são passíveis, como elementos reacionários, de medidas de repressão que poderão chegar até a execução" (Jornal Seul Synmun de 9 de outubro de 1949).

Não restavam nem sombras das liberdades democráticas prometidas. O terror e o arbítrio policiais reinam na Coreia do Sul. Tais são os resultados da atividade dos representantes da "democracia" americana e de seus discípulos na Coreia do Sul. Em 1945, 15 coreanos foram mortos; em 1946, mais de 4.200; em 1947, 3.800; em 1948, mais de 32.000; em 1949, até o fim de julho, 53.000. Ao todo mais de 93.000 patriotas coreanos. De outro lado até o fim de julho de 1949, 478.000 pessoas foram jogadas na prisão. No momento atual (N. d. R., março de 1950) o número de detidos se eleva a 154.000 pessoas. A pretensa comissão da ONU não pôde guardar silêncio sobre o arbítrio de Li Syng Man, este carrasco do povo. Ela inorna no seu relatório que em virtude da "lei de segurança do Estado" que prevê longas detenções e mesmo a pena de morte para a atividade democrática, "99.710 pessoas foram presas no período que vai de 4 de setembro 1948 a 30 de abril de 1949."

Não é de espantar que as prisões da Coreia não possam conter os patriotas presos tão numerosos são eles. O "governo de Li Syng Man constrói às pressas novas prisões e amplia as existentes. Todos os locais servem para esse fim, inclusive os armazéns de fábricas, são transformados em presídios: aproximadamente, como foi constatado pela comissão de juristas, de seis a oito reclusos estão confinados por pen (um pen sendo igual a 3,3 metros quadrados) na Coreia do Sul.

IV

Além do desencadeamento de um terror policial feroz, a ruína econômica constitui dura provação para o povo da Coreia do Sul. A "ajuda americana" a propósito da qual se faz uma publicidade tão insistente não melhorou a situação econômica da Coreia do Sul. Ao contrário, a destruição premeditada da economia prossegue e a Coreia do Sul cai cada vez em maior dependência em relação aos Estados Unidos. Vejamos o que dizia, em primeiro de junho de 1949, o jornal de Li Syng Man, Enlab Synmun, a propósito da situação da indústria da Coreia do Sul.

"No que respeita a nossa atividade industrial, não se pode negar que ela se encontra em uma situação realmente triste... No centro industrial de Endopo, que pode ser considerado o coração do estado de Han (antigo nome da Coreia retomado pelos reacionários) que é uma aglomeração compacta de mais de duzen-



Trigue Lie: — O pano dá para o casaco somente.

tas fábricas e usinas grandes e pequenas, somente 55 estão em atividade no momento atual, das quais uma dezena no máximo, garantem a seus operários salários estáveis, horas de trabalho e pagam-lhes o dinheiro ganho!" Assim, apenas 5 por cento das organizações industriais de Endopo funcionam de maneira normal. Tais os benefícios da "ajuda econômica" concedida pelos "benfeitores" americanos à Coréia do Sul. Por causa da ruína industrial centenas de milhares de operários foram postos na rua e condenados à falta de emprêgo. Os sem-trabalho se encontram em situação impossível. A vida dos operários que só acidentalmente encontram trabalho é extremamente penosa. O mesmo jornal Enhab Synmun escreve: "A situação material dos operários dos principais ramos industriais é indescritível... A situação dos operários é tal que é difícil imaginar como chegam a subsistir." A vida não é mais fácil para os camponeses aos quais se recusa obstinadamente a reforma agrária e que gemem, como no passado, sob o jugo dos senhores feudais. O jornal Enhab Synmun escrevia em 16 de junho:

"Na agricultura não se trata de aumentar a produção. Os camponeses continuam a lavar seus campos para prolongar um pouco a existência porque é duro morrer; eles hipotecam tudo que pode ser hipotecado e tomam empréstimos com taxas elevadas que vão até 10 a 20 por cento." Tal é a vida dos camponeses, tal o estado em que se encontra a agricultura na Coréia do Sul. O próprio jornal de Li Syng Man não pode esconder os horrores da vida das massas populares na Coréia do Sul, que sofrem o jugo duplo do imperialismo americano e da reação interna.

O povo da Coréia do Sul tem uma missão histórica a resolver: liquidar o

bando de Li Syng Man, expulsar os imperialistas americanos, obter assim a unificação rápida de sua pátria e a criação de um Estado Coreano democrático e independente.

O programa de unificação, pacífica do país, proposto pela frente única democrática da Pátria, que agrupa as melhores forças patrióticas da Coréia, exprimiu a aspiração legítima de todo nosso povo, a unidade e independência. O povo coreano inteiro, tanto no norte como no sul saudou esse programa. No dia 20 de julho de 1949, os trabalhadores da Coréia do Sul fizeram uma greve geral de duas horas para apoiar este programa de unificação pacífica da Frente Única Democrática da Pátria. Os operários de todos os ramos industriais da Coréia do Sul, tomaram parte nesta greve, e os camponeses, os estudantes e a pequena burguesia das cidades responderam com um poderoso movimento de vários milhões de homens.

No entanto a clique de Li Syng Man, temendo perder o poder, recusou a proposta de unificação pacífica do país, acentuou o terror contra os patriotas e prepara abertamente um grande exército equipado e instruído pelos americanos com vistas a uma cruzada ao Norte. A clique de Li Syng Man procura atizar a guerra civil na Coréia. Com este fim, ela organiza sem cessar incidentes no paralelo 38 que separa a Coréia do Norte e Coréia do Sul, e envia ao norte bandos de espiões e agentes diversionistas.

V

Em resposta à política sangrenta de Li Syng Man o povo coreano reúne suas forças e luta cada vez mais encarnadamente pela liberdade e independência.

A luta armada dos guerrilheiros que juntamente com os movimentos de massa dos operários, dos camponeses e da pequena burguesia, se alarga sem parar por toda a Coréia do Sul, é a expressão brilhante do patriotismo e da abnegação do povo.

No dia 20 de outubro de 1948, no porto de Iosu, onde as forças armadas embarcavam para ilha de Chechudo, o 14.º regimento do Exército de Li Syng Man se insurgiu. Este regimento juntou-se aos guerrilheiros e a luta armada no Sul ganhou nova amplitude. Nessa época, as montanhas de Chirisan na província de Chola do Sul, a região marítima do Sul e a ilha de Chechudo eram as principais regiões de atividade dos guerrilheiros. O "governo" de Li Syng Man mobilizou grandes forças armadas para lançar contra os guerrilheiros e convidou os oficiais do exército americano para conselheiros.

Em princípios de 1949 o "governo" de Li Syng Man desencadeou por ordens do embaixador americano Muccio as campanhas militares de março e abril contra os guerrilheiros, com a intenção de liquidá-los antes da primavera. Como se indica no relatório da comissão da ONU, estas campanhas do exército de Li Syng Man na província de Chola Meridional "atingiram" mais de 23.000 pessoas. Em outras palavras, todas as vilas da ilha de Chechudo foram incendiadas mas as crueldades dos homens de Li Syng Man não imobilizaram os patriotas. Li Syng Man não conseguiu extinguir a chama da luta popular.

Até o verão de 1949 a atuação dos guerrilheiros consistia essencialmente em atacar os postos policiais e em liquidar os funcionários de Li Syng Man nas províncias. Os guerrilheiros operavam em pequenos destacamentos de 50 a 100 pessoas. Seus armamentos eram bas-

A URSS APONTA OS

Constitui documento de alta importância a declaração do vice-ministro do Exterior da União Soviética, Andrei Gromiko. Seu texto na íntegra reproduzindo a seguir, vale como um complemento ao importante artigo de Pak-Hen-En, por nós publicado em outro local.

E' o seguinte o texto do hitórico documento:

"Os acontecimentos que têm lugar na Coréia se deram em 25 de junho em consequência da ação provocadora da Coréia Meridional contra as regiões fronteiriças da República Popular da Coréia. Estas ações faziam parte de um plano premeditadamente urdido. De vez em quando Li Sing Man e outros representantes da Coréia do Sul revelavam a existência deste plano.

Já em 7 de outubro, de 1949, numa entrevista com um correspondente da "United Press", Li Sing Man jactou-se sobre a capacidade do Exército da Coréia do Sul, declarando que o Exército da Coréia Meridional poderia apoderar-se de Jenian num prazo de 3 dias.

Em 31 de outubro de 1949, o ministro de Defesa da Li Sing Man declarou aos representantes da imprensa que as tropas da Coréia Meridional são suficientemente fortes para apoderar-se de Jenian num prazo de poucos dias.

Umhas semanas antes da agressão provocadora da Coréia Meridional contra as regiões fronteiriças da Coréia Setentrional, em 19 de junho, na chamada Assembléia Nacional, Li Sing Man declarou na presença do Conselheiro do Departamento de Estado, John Foster Dulles: "se não pudermos defender a democracia com a guerra fria, ganharemos a vitória com a guerra quente". Não é difícil compreender que para falar assim, ele contava com o apoio dos norte-americanos.

PREPARATIVOS AMERICANOS

Em 19 de maio, um mês antes da agressão, o dirigente da Administração Americana de Auxílio à Coréia, na comissão para consignações externas do Congresso Americano, John-

son, declarou que "100 mil soldados e oficiais da Coréia Meridional, apetrechados com aparelhamento americano e instruídos pela missão militar americana, terminavam seus preparativos e podem iniciar a guerra a qualquer momento".

E' notório que dias antes do início dos acontecimentos, Johnson, Bradley e Dulles chegaram ao Japão, onde conferenciaram com Mac Arthur. Depois Dulles viajou para a Coréia e visitou as regiões fronteiriças ao longo do paralelo 38.º. Em 19 de junho uma semana antes dos acontecimentos, Dulles declarou na supracitada Assembléia Nacional, que os Estados Unidos estavam dispostos a prestar todo auxílio e apoio moral e material à Coréia na luta contra o comunismo.

Este fatos falam por si e carecem de comentários.

ATOS DIRETOS DE AGRESSÃO

Porém, os primeiros dias de combate demonstraram que os acontecimentos não são favoráveis aos agressores e seus cúmplices. As tropas da

tante fracas; raramente dispunham de metralhadoras leves.

Graças à extensão do movimento de massa, ligado com a greve geral de duas horas, levadas a efeito em 20 de julho de 1949 pelos operários da Coréia do Sul para apoiar o programa de unificação pacífica do país estabelecido pela Frente Única Democrática da Pátria, a luta dos guerrilheiros tomou nova extensão. Desde então ela não cessou de se tornar cada vez mais poderosa e mais organizada. Os destacamentos de guerrilheiros se multiplicam todos os dias.

Destacamentos de mais de 400 a 500 homens agem nas montanhas de Chirisan na parte meridional da província de Chola, nos montes Tebiaksan, na parte meridional da província de Kengson do Norte, nos montes Odesan que são regiões centrais das operações de guerrilhas. Eles já atacam os centros administrativos de distritos, as sedes de polícia e as bases centrais do exército de Li Syng Man. Nos combates vitoriosos com o inimigo os destacamentos de guerrilheiros se apossam de grandes prêsas de guerra e dessa forma adquirem, às expensas do exército de Li Syng Man, armamentos de toda sorte, inclusive lanças-minas, metralhadoras pesadas e peças de artilharia.

Assim, em agosto de 1949 mais de 44.000 guerrilheiros participaram em 759 combates. Os guerrilheiros atacaram 9 sedes de distrito, 6 sedes policiais, apreenderam 523 metralhadoras leves e pesadas, e 17.000 cartuchos.

Em setembro, os guerrilheiros participantes de operações militares somavam 77.000. Eles se empenharam em 1.184 combates.

Nas regiões dos guerrilheiros os camponeses, aplicam por si mesmos a reforma agrária. Eles distribuem as terras que são confiscadas dos proprietários

feudais. Estende-se o movimento pela reconstituição dos comitês populares dispersas pela administração militar americana.

Assim, na Coréia do Sul, o movimento dos guerrilheiros, esta terrível força armada do povo, desfere golpes cada vez mais perceptíveis no regime fantoche de Li Syng Man. Este, atingido por incurável megalomania não pode mais esconder seu pavor dos guerrilheiros. Durante uma entrevista recente com o vice-presidente da United Press, ele se queixa que os guerrilheiros lhe causam quebra — cabeças e que, por consequência, ele necessita grandemente de armas." (Jornal Seul Synmun, 8 de outubro 1949).

Durante uma entrevista à imprensa em 21 de outubro, Li Syng Man reconheceu de fato o fracasso das expedições punitivas contra os guerrilheiros, quando declarou que "era difícil desembaraçar o país dos guerrilheiros somente com as forças do exército e da polícia." (Informação da Agência de Seul, Hanguk, de 22 de outubro de 1949). Esta confissão é significativa.

A luta armada heróica que trava o povo coreano do sul pela liberdade e unidade de sua pátria se amplia e força alguma da reação a quebrará porque os guerrilheiros coreanos são alimentados por um patriotismo ardente, porque eles saem do povo, porque defendem seu interesse e gozam de seu apoio e de seu amor ilimitado. Os heróicos combatentes da Coréia do Sul são igualmente galvanizados pelos sucessos da edificação democrática na Coréia do Norte onde são lançados as bases políticas e econômicas sólidas para a independência da Coréia democrática.

A edificação democrática pacífica no Norte, o trabalho político de massas e a luta armada contra os colonialistas do sul, tais são as etapas da luta conduzida pelo povo coreano com um único e mesmo fim: a criação de uma Coréia democrática, independente e unida. Unido em torno do governo da República Democrática Popular da Coréia, o povo coreano atingirá, a despeito de todos obstáculos, o objetivo que ele deseja ardentemente e essa será sua melhor contribuição à obra da paz geral e da democracia.

"Já está suficientemente claro que não foram os coreanos do Norte que iniciaram o conflito. Este foi provocado pelo governo fantoche da Coréia do Sul, derrotado pelo povo nas eleições de março último, e que tinha a empurrá-lo no caminho da agressão o próprio governo dos Estados Unidos. E tanto isto é verdade que Truman logo utilizou a oportunidade para, simultaneamente com a agressão à Coréia, passar à intervenção armada na China, nas Filipinas e no Viet-Nam. E são, assim, todos os povos que lutam pela independência nacional do jugo imperialista que são brutalmente agredidos. Os trustes e monopólios anglo-americanos querem defender a ferro e fogo seus interesses nas colônias. E é por isso que devemos compreender que a luta do povo coreano é a nossa própria luta, é parte integrante da batalha que todos os povos nacionalmente oprimidos sustentam contra o imperialismo pela libertação nacional de suas pátrias e que têm hoje, como exemplo a ser imitado por todos nós, o glorioso povo chinês."

(Da entrevista de Prestes publicada na "Imprensa Popular".)

INVASORES DA CORÉIA

República Popular da Coréia tiveram uma série de vitórias na luta contra a Coréia Meridional. Quando se tornou claro que o governo de Li Syng Man — que jamais teve o apoio do povo — estava se desmoronando, o governo dos Estados Unidos deu ordem às forças aéreas, navais e terrestres para intervir ao lado das autoridades da Coréia Meridional, contra o povo coreano. Assim, o governo dos Estados Unidos passou da política de preparativos de agressão, aos atos diretos de agressão. Ele se colocou no caminho da intervenção aberta, nos assuntos internos da Coréia. Infringindo a paz, mostrou que não aspira ao reforçamento da paz e é, pelo contrário, inimigo da paz.

Os fatos demonstram que o governo dos Estados Unidos, passo a passo, desmascarou seus planos agressivos na Coréia.

Primeiro o governo dos Estados Unidos declarou que a ajuda à Coréia se limitava ao envio de armamentos. Depois declarou que enviava forças aéreas e navais, porém, sem as

forças terrestres. Depois enviou as forças terrestres dos Estados Unidos para a Coréia. É também conhecido que primeiramente o governo dos Estados Unidos declarou que as forças armadas norte-americanas só participariam nos combates dentro da Coréia Meridional. Porém, poucos dias depois, as tropas americanas atacaram Jenian e outras cidades.

Tudo isto demonstra que o governo dos Estados Unidos arrasta, cada vez mais os Estados Unidos para a guerra. Mas, sendo obrigado a tomar em conta que o povo americano não quer a guerra, arrasta o país aos poucos para a guerra aberta.

OS E. U. A. INFRINGEM OS ESTATUTOS DA ONU

Os Estados Unidos tentam justificar seus atos agressivos, dizendo que assim agiram por incumbência da ONU. Isto é uma falsidade patente.

Que sucedeu na realidade?

O governo dos Estados Unidos iniciou a intervenção na Coréia, antes

da reunião do Conselho de Segurança de 27 de junho, sem ter em conta a resolução que seria aprovada. Deste modo o governo dos Estados Unidos colocou a ONU ante um fato consumado, ante a infração da paz. O Conselho de Segurança tinha assinado "a posteriori" a resolução proposta pelo governo dos Estados Unidos, apoiando seus atos agressivos. Além do mais, a resolução foi aprovada pelo Conselho de Segurança infringindo o estatuto da ONU.

Segundo o estatuto da ONU no seu artigo 27, todas as resoluções do Conselho de Segurança referentes a assuntos importantes, devem ser aprovadas por não menos de 7 votos, inclusive pelos 5 membros permanentes que são: União Soviética, China, Estados Unidos, Inglaterra e França. Entretanto, a resolução dos Estados Unidos sobre a intervenção militar americana na Coréia, foi aprovada com 6 votos apenas: Estados Unidos, Inglaterra, França, Noruega, Chile e Equador. Como 7.º, foi contado o voto dado pelo partidário do Kuomintang, que ocupa

(Continua na pág. 10)

ilegalmente o lugar da China. Além disso, na reunião do Conselho de Segurança, de 27 de junho, dos 5 estavam presentes apenas 8 membros, os Estados Unidos, Inglaterra e França. Na reunião do Conselho estiveram ausentes 2 membros permanentes, a URSS e a China, tendo em vista que a posição dos Estados Unidos priva a China da possibilidade de participar e isto tornou impossível a participação da URSS nas reuniões do Conselho.

A ONU NÃO PODE INTERVIR EM ASSUNTOS INTERNOS

Assim, pois o estatuto da ONU quanto à aprovação de resoluções importantes, não foi respeitado. Também é sabido que o estatuto da ONU só prevê a intervenção da ONU em assuntos de caráter internacional e não em assuntos internos. É taxativamente proibida a sua intervenção quando se trata de assuntos internos de qualquer Estado.

Deste modo, o Conselho de Segurança, com a resolução de 27 de junho, infringiu também este importante princípio da ONU.

TRANSFORMAM A ONU EM SUA "FILIAL"

Resulta do exposto, que o governo dos Estados Unidos utilizou a ONU para encobrir a sua intervenção na Coreia. Isto tornou-se possível somente porque a grosseira pressão dos Estados Unidos sobre os membros da ONU transformou-a numa espécie de filial do Departamento de Estado, num instrumento de política dos círculos governantes dos Estados Unidos. A resolução ilegal aprovada sob a pressão dos Estados Unidos, demonstra que o Conselho de Segurança atua não como órgão responsável pelo reforçamento da paz, para defender a paz, mas sim como instrumento utilizado pelos círculos governamentais dos Estados Unidos para o desencadeamento de uma guerra. A resolução do Conselho de Segurança é um ato hostil à paz.

INDECOROSA A ATUAÇÃO DE TRIGVE LIE

Se o Conselho de Segurança tivesse estimado a paz teria procurado reconciliar as partes beligerantes. Isto deveria ser feito pelo Conselho de Segurança e pelo secretário geral da ONU, o Sr. Trigve Lie. Porém ele não o fez, sabendo que tal ação de paz contradiz os planos dos agressores.

É impossível não assinalar o papel indecoroso desempenhado neste assunto, pelo Sr. Trigve Lie. Sendo obrigado em virtude da sua situação, a velar pela observação do estatuto da ONU quanto à Coreia, o secretário-geral não somente não cumpriu sua resolução, mas ajudou a infringir grosseiramente o estatuto, por parte dos Estados Unidos e de outros membros do Conselho de Segurança.

Deste modo o Sr. Trigve Lie demonstra que ele se desvela não tanto pelo reforçamento da ONU e pela paz, quanto para ajudar os Estados Unidos na sua política de guerra em relação à Coreia.

A MENTIRA DAS "OPERAÇÕES POLICIAIS"

Em entrevista à imprensa, em 17 de junho, o presidente Truman negou que os Estados Unidos estivessem em estado de guerra, dizendo que as tropas americanas estavam empreendendo operações policiais em apoio da ONU contra um grupo de bandidos na Coreia Setentrional. Não é difícil compreender a inconsistência dessas declarações. É sabido que ao empreender atos agressivos, o agressor recorre a uma série de pretextos para encobrir suas ações.

No verão de 1937, o Japão militarista interveio na China Setentrional, iniciando a marcha sobre Pequim dizendo que não passava de um incidente e que visava a manutenção da paz no Extremo Oriente.

As operações militares na Coreia dirigidas por Mac Arthur, por ordem do governo dos EE. UU. podem ser na mesma medida consideradas operações policiais em apoio à ONU, como a guerra contra a China iniciada pelos militaristas japoneses podia ser considerada como incidente de caráter local.

Como é sabido as operações dos Estados Unidos na Coreia não são realizadas sob o comando de qualquer patente policial e sim por Mac Arthur. Seria porém absurdo que Mac Arthur comandante e chefe das forças armadas americanas no Japão estivesse dirigindo operações policiais. Quem poderia acreditar que as forças de Mac Arthur contando com a aviação militar, fortalezas voadoras que atacam populações civis e cidades pacíficas da Coreia estejam realizando operações policiais? Quem poderá acreditar que as forças armadas de Mac Arthur, contando com cruzadores, porta-aviões e forças terrestres são necessárias para operações policiais contra um grupo de bandidos?

INFRAÇÃO DA PAZ

A isto não darão crédito nem mesmo as pessoas mais ingênuas.

Não seria demasiado recordar alguns exemplos da História. Quando os Estados Unidos intervindo na China denominaram o Exército Popular de grupo de bandidos, todos sabem o que sucedeu. Aquêles que foram denominados de grupos de bandidos, representavam na verdade as mais caras aspirações do povo chinês. Porém, aquêles que os círculos governantes dos Estados Unidos impuseram ao povo chinês, não passavam de um grupo de aventureiros e bandidos fracassados, que negociava com a honra e a independência nacional do país.

Em que consiste a intervenção armada norte-americana na Coreia? Significa que os círculos agressivos dos Estados Unidos infringiram a paz e querem apoderar-se da Coreia Meridional como também na Coreia Setentrional. A invasão das forças armadas norte-americana na Coreia é uma guerra aberta contra o povo coreano e visa privar a Coreia de sua independência nacional e estabelecer na Coreia, por meio da violência, um regime antipopular, assim como transformar a Coreia em colônia sua e

utilizar seu território como praça de armas no Extremo Oriente.

AGRESSÃO TAMBÉM CONTRA A CHINA

O presidente Truman ordenou à Sétima Esquadra dos Estados Unidos que "conjurasse" um ataque à Ilha Formosa. Isto significa a ocupação de uma parte da China, é agressão direta contra a China. Os Estados Unidos infringiram assim, os acordos internacionais de Cairo e Potsdam sobre a Ilha Formosa, sob os quais está a assinatura dos Estados Unidos. Representa a infração da declaração do presidente Truman, que em 5 de janeiro de 1950 disse que os Estados Unidos não intervirão nos negócios da China.

INTERVENÇÃO NAS FILIPINAS

O presidente Truman declarou que ordenara o aumento das forças militares nas Filipinas. Isso visa a intervenção nos negócios internos das Filipinas e ataca a luta interna. Os Estados Unidos continuam tratando as Filipinas como colônia sua e não como Estado independente, apesar de ser membro da ONU.

INDOCHINA

Declarou também o presidente Truman que tinha dado ordem para que se intensificasse o auxílio militar à Indochina. Esta declaração demonstra que o governo dos Estados Unidos se colocou no caminho do desencadeamento da guerra contra o povo vietnamita. Isto demonstra que os Estados Unidos desempenham o papel de gendarme dos povos da Ásia.

Deste modo a declaração do presidente Truman, de 27 de junho, significa que o governo dos Estados Unidos está infringindo a paz e passou dos preparativos de agressão para os atos de agressão numa série de países da Ásia. Deste modo o governo dos Estados Unidos espezinhou suas obrigações ante à ONU, sobre o reforçamento da paz no mundo inteiro. Manifestou-se como infrator da paz.

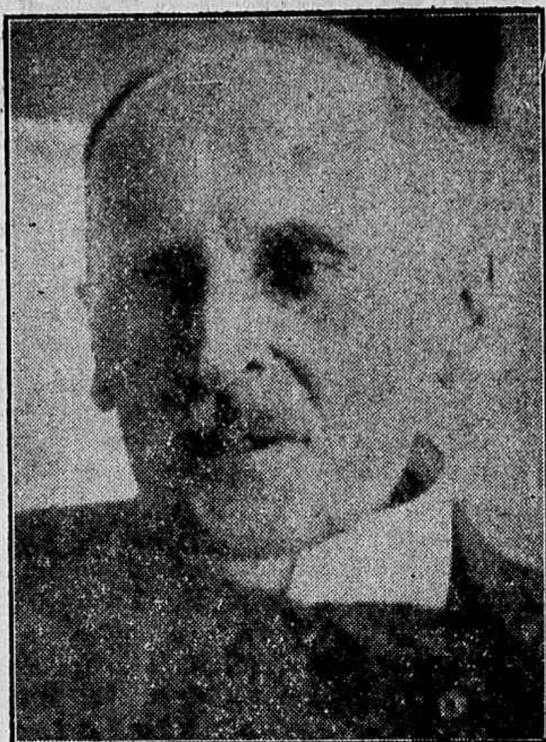
O FIM DE TAIS AVENTURAS

Existem na História não poucos exemplos, quando, através da intervenção externa, se quis asfixiar a luta dos povos por sua liberdade e independência.

Um exemplo é a guerra entre os Estados Meridionais e Setentrionais da América do Norte no 6.º decênio do último século. As forças setentrionais e encabeçadas por Lincoln, que visavam a abolição da escravidão, a independência nacional e a unificação do país, desbarataram as forças dos escravagistas das plantações, que não contavam com o apoio do povo. É notório que naquela época o governo inglês também interveio nos assuntos da América em favor dos escravagistas, porém o povo é que saiu vitorioso.

Outro exemplo: No período que se seguiu à Revolução de Outubro na URSS, os generais reacionários pretendiam esmagar a revolução e resta-

(Conclui na página 42)



Evocação de Romain Rolland

J. E. FERNANDES

Existiu nesta primeira metade de século uma alta figura de homem e escritor cuja memória deve ser reverenciada com admiração toda vez que fôr evocada: Romain Rolland. Seus méritos de grande escritor não excederam as suas qualidades de cidadão responsável, antes com elas se fundiram em harmoniosa unidade — a dupla grandeza de Romain Rolland — homem e artista.

Aos olhos dos jovens que se iniciam no estudo da história contemporânea o nome de Rolland avulta como verdadeiro símbolo do intelectual que luta contra a guerra, pela concórdia universal. Se, entre os grandes escritores de sua época muitos se empenharam em lutas acesas, contra a injustiça como Zola, contra a hipocrisia burguesa como Shaw, contra a miséria, a dor e o atraso como Gorki, Romain Rolland tomou como objetivo de seu combate a proscrição das carnificinas e a resistência à guerra.

Saído do pessimismo idealista que impregnava a juventude francesa na década de 1880 a 1890, Romain Rolland ingressa já maduro para o século XX de cuja primeira metade seria uma das individualidades mais notáveis. Do estudo da música e de seus grandes mestres — sempre a maior paixão de sua vida — Rolland extrai a lição que havia de marcar sua atitude como homem e como artista, a lição de que a incompreensão entre os povos, em sua época, derivava da expansão do chauvinismo cujos malefícios atingiam a própria arte. Rolland via nisso uma grande ameaça à sobrevivência da arte e do humanismo. A arrogância e suficiência do militarismo prussiano não representavam a Alemanha que ele tanto estudara, e que soubera compreender com tanta penetração no seu magistral estudo biográfico de Beethoven. Nem era sua aquela França amargurada, roída pelo espírito de vingança, alimentando paixões místicas como a de seu amigo Leon Bloy, com quem rompe, aliás, por esse motivo. A atmosfera de ódios incontidos e mal disfarçados pela hipocrisia das relações diplomáticas internacionais, a intolerável tensão dos espíritos (cujas causas

profundas Lênin estuda com clareza e profundidade em seu livro sobre o Imperialismo, publicado na época), toda essa opressiva ameaça à universalidade da arte e à grandeza do homem, ditam a Romain Rolland a necessidade da luta pela paz permanente entre as nações. Com tal espírito trabalha exaustivamente na conclusão da majestosa narrativa que é o Jean Christoph. São os anos que antecedem imediatamente à guerra de 1914.

Rolland, antes obscuro, ganha rápida notoriedade. Sua fama se estende por todo o mundo, ao mesmo tempo que se amplia sua consciência pacifista, sempre em busca de maior consequência na fundamentação de sua luta. Romain Rolland torna-se o líder dos intelectuais pacifistas, defensor da civilização e do progresso que, éle Rolland, considera, a essência da humanidade. Corresponde-se com os maiores vultos da época e trabalha intensamente contra a guerra. Tudo em vão! Em 1914, o poder dos trustes e monopólios ainda era maior do que a vontade de paz dos intelectuais, dos povos e das massas proletárias, traídos pelos líderes socialistas que haviam assumido compromisso de preservar a paz no Congresso de Basileia. Estoura a guerra. Romain Rolland recusa-se a tomar parte, permanecendo expatriado na Suíça. Trabalha como voluntário na Cruz Vermelha Internacional onde num labor diário, por anos a fio procura minorar os sofrimentos dos que se valiam daquela instituição em procura de lenitivo para os terríveis desencontros provocados pela guerra. Suas convicções se aprofundam, ao mesmo tempo que começam a interessá-lo os desenvolvimentos revolucionários que então se processam na Rússia. Entra em correspondência com Lunatcharski e outros revolucionários russos. Éle que já em 1884, ao impeto de seus 20 anos de idade, escrevera a Tolstói uma carta apaixonada, provocadora de uma famosa resposta, entra agora em ativa correspondência com o grande Gorki, correspondência essa que só se interromperia com a morte do escritor russo em 1936. Sua profunda estima pelo progresso o faz pressentir a importância do que estava em caminho na Rússia. Em 15 de março de 1917 Rolland escrevia a Lunatcharski: "Notícias desconcertantes nos chegam da Rússia e fazem meu coração bater de alegria e esperança." A esse crédito de confiança aberto à Revolução de Outubro responde o reconhecimento dos revolucionários russos que por intermédio de Lunatcharski, em carta de 27 de março de 1917 mandam dizer a Rolland: "É certo que as forças coligadas da reação e daqueles que se chamam "moderados" se alinham contra nós. Mas que nos importa. O proletariado consciente estará conosco, assim como a melhor parte da humanidade de que sois representante." Na sua amiudada correspondência com Gorki levanta a voz prestigiosa em defesa do jovem país do socialismo, atacado por muitos inimigos. Estig-

matiza a burguesia plutocrática que tudo fazia para abafar os grandiosos esforços revolucionários de nossos irmãos russos." Rolland teria que percorrer ainda um longo caminho para chegar a conhecer a verdadeira natureza da Revolução Russa, mas antecipava suas firmes declarações de 1927 em diante quando dizia ser a Rússia dos Soviéticos" o maior esforço social, o mais possante, o mais fecundo da Europa moderna." "Defendei a Rússia por todos os meios de que dispordes, uns pelas armas, outros pela recusa da consciência" exorta a todos no seu "Pour la revolution, la Paix." Sabia perfeitamente que o perigo em que se encontravam as repúblicas socialistas constituía, ao mesmo tempo, uma ameaça terrível para toda liberdade social e individual.

Nos anos que se seguem à primeira guerra mundial desenvolve prodigiosa atividade em favor da paz. Redige e assina manifestos e panfletos. Escreve livros em defesa de suas convicções. A repercussão de seus pronunciamentos é cada vez maior dado o seu imenso prestígio literário, já então aureolado pelo Prêmio Nobel de Literatura que lhe fôra atribuído em 1916. Funda em companhia de Henri Barbusse, Anatole France e outros, o movimento Clarté e a revista Monde, de tão grande influência nos meios intelectuais de todo o mundo. À medida que correm os anos mais claro se torna para Rolland o verdadeiro sentido da paz no mundo moderno: a paz como fundamento para o progresso da sociedade rumo ao socialismo e, inversamente, o socialismo como a garantia da paz. É dos primeiros a denunciar o fascismo e o nazismo como o aviltamento da civilização. Embora em idade avançada e com a saúde combalida nunca o seu entusiasmo arrefece na luta pelo progresso social da humanidade. Prestigia com o seu nome e com o trabalho todas as grandes campanhas da década heróica da luta antifascista. Funda com Barbusse a Liga dos Direitos do Homem e participa do Congresso da Paz de Amsterdão.

Cresce a cada dia que passa a sua admiração pela União Soviética. É pois com entusiasmo que para lá se encaminha em 1935 não obstante a saúde não lhe permitir realizar a sonhada viagem pelo Volga em companhia do amigo Gorki, exulta, em poder, pelo menos visitar Moscou e "ouvir bater este grande coração do mundo novo." De volta da União Soviética empenha todo o peso de seu prestígio na defesa da pátria dos operários e na repulsão das calúnias que contra ela são assacadas pelo inimigo do socialismo. Ao fazê-lo Romain Rolland honrava o compromisso que assumira em carta a Stálin, na véspera de seu retorno da URSS: "Tomei contacto com o povo poderoso que

ARA PACIS

ROMAIN ROLLAND

PÁGINA ESCRITA POR ROMAIN ROLLAND EM AGOSTO DE 1914 UM MÊS DEPOIS DE DEFLAGRADA A II GUERRA MUNDIAL.

De profundis clamans... Do abismo do ódio, erguerei meu canto até ti, divina Paz.

Não o afogará o clamor dos exércitos. Em vão vejo subir o mar sangrento que sustém o corpo formoso da Europa mutilada e em vão ouço o louco vendaval que subleva os espíritos.

Ainda que fique só, ser-te-ei fiel. Não tomarei parte na comunhão sacrílega do sangue. Não devorarei o meu pedaço do Filho do Homem. Sou irmão de todos e a todos amo, homens, que viveis uma hora, que roubais essa hora.

Como surgira de meu coração, sobre a santa colina, por cima dos lauréis gloriosos e das alturas, a oliveira plena de sol, na qual cantam as cigarras!

Paz augusta, que tens sob teu cetro soberano as agitações do mundo e que com o choque das ondas acordas o ritmo dos mares.

Catedral que descansa sobre o justo equilíbrio de forças antagônicas; florão deslumbrante, no qual o sangue brota em jorros diversos porém unidos pelo olho harmonioso de uma aresta.

À maneira de um passaro enorme, que se libra no meio do céu e esconde sob suas asas a planície, teu vôo abarca, mais além do que existe, o que foi e o que será.

Tu és irmã da alegria e irmã da dor, irmã mais nova, porém, mais prudente. Tu as conduzes pela mão. Tais como duas margens, unidas por um claro canal, onde se reflete o céu, entre a dupla fileira de seus álamos brancos.

Tu és a divina mensageira que vai e vem, como a andorinha, de um para outro rio, unindo-os e dizendo a uns: "Não choreis mais, a alegria já voltará", e a outros "Não sejais demasiado fúteis; a ventura se vai tão facilmente como vem".

Teus formosos braços maternais estreitam ternamente as crianças inimigas e sorris vendo-as morder-te o seio túmido de leite.

Tu unes as mãos e os corações que escapam buscando-se e junges sob o teu jugo os touros mais bravios de maneira que ao invés de empregares em pelepas o furor que faz fumegar seus flancos, tu o utilizas em riscar, nas entranhas dos campos, o sulco largo e profundo, em que germina a semente.

Tu és a companheira fiel que acolhes aos lutadores cansados que regressam. Vencedores ou vencidos, todos, para o teu amor, são iguais. Porque o preço do combate não é um pedaço de terra, que um dia alimentará as banhas do vencedor, misturada à de seu adversário. O preço é o de converter-se em instrumento do destino e não se dobrar sob a sua mão.

Oh!, minha paz, que sorris, com teus formosos olhos cheios de lágrimas, arco-iris de verão, tarde ensolarada que acaricias com teus dedos de ouro os campos úmidos, recolhes os frutos caídos e curas as feridas das árvores destróçadas pelo vento e pelas geadas: esparze sobre nós teu alento e ameniza as nossas dores! Estas passarão, como passaremos nós. Só tu és eterna!

Irmãos, unamo-nos, e vós também, minhas forças, entrechocais-vos no meu coração dilacerado. Entrelaçai vossos dedos e ide dançando!

Marchamos sem febre e sem veemência; porque não vivemos à caça do tempo. Nós aprisionamos o tempo. Minha Paz tece seu ninho com filêtes do ossário dos séculos.

Assemelha-se ao grilo que canta nos campos. Chega a tempestade, cai a chuva em torrentes, inunda os sulcos e o canto. Nem bem, porém, passa a tormenta, o pequeno músico obstinado começa de novo.

Assim, quando escuto, pelo Oriente cheio de fumo, sobre a terra esmagada, distanciar-se apenas o golpe furioso dos Quatro Cavaleiros, volto a erguer a cabeça e prossigo meu canto temeroso e obstinado!

conduz uma luta incessante contra milhares de obstáculos e constrói, sob a direção do Partido Comunista, um mundo novo com um ímpeto heroico e organizado. ... O dever estrito, em todos os países, é o de a defenderem (a URSS) contra todos inimigos que ameaçam sua ascensão. A este dever, vós o sabeis, caro camarada, eu jamais faltei, e jamais, a ele faltarei."

Os ideais pacifistas de Romain Rolland foram ainda uma vez conspurcados pela brutal agressão nazista contra a humanidade. Mas, apesar da precariedade de sua saúde e do grande abalo que sofreu com o desencadeamento de uma nova guerra, Ro-

main Rolland viveu ainda o suficiente para ver o esmagamento do nazismo e com ele, a criação, das bases de uma paz duradoura. Foi-lhe poupada a decepção de testemunhar outra vez a insânia de mais uma arremetida dos ferozes interesses guerreiros contra a paz dos povos e dos homens. Vivo, certamente o teríamos mais uma vez na vanguarda da luta mais nobre dos dias que correm — a luta pela paz — luta na qual nunca cessou de combater. Desta feita porém, Romain Rolland poderia juntar ao seu profundo sentimento humanista de que a paz é o ideal da humanidade civilizada, a convicção de que a paz é a aspiração concreta dos povos e do proletariado de

BARBUS

Agora, quando o imperialismo anglo-norte-americano procura criar, em escala universal, o clima de guerra necessário aos seus sinistros designios; quando êle mobiliza todos os meios de publicidade, tentando incutir nas massas que fazem a guerra — a idéia de que esta é natural e necessária, de que a guerra contra a União Soviética é a única solução para os problemas nacionais e humanos (que êle, o imperialismo, cada vez mais se revela incapaz de resolver); quando se gastam criminosamente milhões e milhões na fabricação de armas atômicas, tentando convencer os povos de que, sem sofrimento e sacrifício para os agressores — semeando de bombas atômicas o imenso território da União Soviética e Democracias Populares — é possível vencer rapidamente os países já libertos da opressão capitalista e imperialista, quando, por outro lado, cada vez mais se intensifica a oposição das massas, contra essa bestial carnificina que se prepara, oposição que vai ganhando organização e força no formidável movimento mundial Pró-Paz; agora, mais talvez que na época da sua publicação e êxito retumbante — nos comove e faz pensar a leitura do grande livro de Barbusse, "Le Feu".

E a história, como se sabe (na Primeira Guerra mundial, 1914-1918), de uma esquadrã, de um grupo de soldados, de homens fardados que fazem e sofrem a guerra. Nem uma figura de oficial, mesmo em segundo plano; alguns sargentos e tenentes, um major, outros oficiais apenas perpassam como sombras, quase sempre

todo o mundo, que guiados pela sua admirada União Soviética, saberão assegurar-la contra qualquer decisão em contrário dos fomentadores de guerras.

Nós brasileiros temos um dever de gratidão todo especial para com o grande lutador. Rolland tomou parte ativa no Comitê de Defesa de Prestes quando a vida do nosso Cavaleiro da Esperança corria perigo ameaçada pela ditadura fascista de Vargas. Com o rigor e a elevação do seu majestoso estilo, escrevia Romain Rolland sobre Prestes: "Insensato seriam os amos do Brasil, se não vissem que, ao golpear Prestes é ao Brasil mesmo que golpeiam. E mais. Um Luís Carlos Prestes é sagrado para nós. Pertence a toda a humanidade. Quem o golpeia, golpeia a toda a humanidade".

No mais aceso da luta gloriosa pela paz, quando todo intelectual e todo patriota está obrigado a tomar posição, a recordação de Romain Rolland é um incentivo à luta; seu nome é uma bandeira; seu exemplo, é uma lição plena de ensinamentos.

Os partidários da paz de todo mundo, ao evocarem a figura livre, humana e vigilante do militante que foi, Romain Rolland, podem fazer suas as palavras calorosas com que o saudava o amigo e companheiro de jornada Máximo Górkí, ao ensejo de seus 70 anos de idade: "Vós sois hoje amado por todos homens honestos da terra."

SE E A GUERRA

GILBERTO DE ANDRADA E SILVA

anônimos, porque, sem tais sombras, a luz por vêzes crua da grande tela não seria exatamente focalizada, nem teria êsse poder de evocação — que só a arte pode criar e que é, creio eu, o que faz ainda reler com emoção o livro admirável.

O próprio cabo Bertrand, soldado e impecável chefe subalterno, não tem mais relêvo que os outros tipos, numerosos, que vão surgindo e desaparecendo no correr da ação — combatendo, sofrendo, matando e morrendo revelando suas idéias e sentimentos, anseios e desalentos, misérias e revoltas. E é êste o encanto e grande valor do livro, livro de combate: verdade, realidade que, sob uma forma artística, se projeta sobre o futuro. Homens de carne e osso vivem no inferno da guerra; do entrecchoque das idéias e sentimentos que traziam da vida civil, através do sofrimento comum surgem, ainda sem precisão e sem consciência perfeitas, as novas idéias e os novos sentimentos comuns: ódio à guerra e ao militarismo; revolta contra a animalidade a que se viam reduzidos; piedade pelo inimigo (pelo soldado, bem entendido, e não pelo junker, o oficial prusiano); ódio aos aproveitadores da guerra, desprezo pelos que gozam a vida na retaguarda; indignação pelo falso heroísmo que lhes querem atribuir os patrioteiros e que eles repelem; a luta dos homens, que há de continuar, depois da guerra, contra os opressores dos povos.

Na introdução, feridos de guerra, estendidos na varanda de um hospital suíço, têm, num lampejo de tempestade, esta visão do porvir: "Na sua visão, saem formas da planície, feita de lama e água, e se ajeitam à superfície do solo, cegas e esmagadas pelo lodo, como naufragos monstruosos. E a eles lhes parece que são soldados... e êsses naufragos que se procuram desenterrar são multidão, mas os trinta milhões de escravos, arrojados uns sobre os outros pelo êrro e pelo crime, na guerra da lama, erguem as faces humanas onde germina enfim uma vontade. O futuro está nas mãos dos escravos, e vê-se bem que o velho mundo será mudado pela aliança que construirão um dia entre si — aquêles cuja miséria e número são infinitos."

Ao longo do livro, em quadros sucessivos, a terra degradada, transformada em mar de lama; as aldeias arrasadas, os acantonamentos, as marchas penosas; a monotonia sinistra da vida nas trincheiras; o horror macabro dos mortos e feridos, os homens transidos, enlameados, sujos, por vêzes famintos, devorados pela vermina. E as idéias e sentimentos dêsses heróis lamentáveis, em frases, em diálogos nos quais palpita a própria vida.

Vale a pena citar alguns trechos:

"— E' preciso que, depois desta, não haja mais guerra! As exclamações sombrias, furiosas, dêsses homens acorrentados à terra, encarnados de terra, subiam e passavam no vento como um bater de asas.

— Não mais guerra, chega de guerra!

— Sim, basta!

"— A gente é feito para viver e não para rebentar assim! — Os homens são feitos para ser maridos, pais — homens, quê! — não animais que se espreitam, se degolam e empestam!"

"— Os povos se deveriam entender através da pele e sobre o ventre daqueles que os exploram de uma ou doutra maneira. Tôdas as multidões deveriam se entender."

"— Disse um: No fim de tudo, porque a guerra? Porque, não sabemos nada; mas por quem, a gente pode dizer... é pelo prazer de alguns dirigentes que podem ser contados."

Já no fim da crônica soberba e sombria, fala Barbusse: "Ah! tendes razão, pobres operários inumeráveis das batalhas, vós que tereis feito tôda a grande guerra com vossas mãos... multidão terrestre, de que cada face é um mundo de dores... Há tudo isso contra vós, contra vós e o vosso grande interesse geral que se confunde exatamente, vós o entrevistastes, com a justiça — não há somente os brandidores de sabre, os aproveitadores e os patifes."

Em seguida, a enumeração — ainda hoje exata, quase que matematicamente — dos outros fazedores de guerra, inimigos do povo e dos trabalhadores: "... os monstruosos interessados, homens da finança, pequenos e grandes negociastas...; os que sonham e gritam como mulheres diante das côres vivas dos uniformes, que se embriagam com a música militar ou com as canções servidas ao povo, como cálices de bebidas, os deslumbrados, os fracos de espírito, os fetichistas, os selvagens; os que se enterram no passado... os tradicionalistas... que aspiram a ser guiados pelos mortos...; todos os padres que vos procuram excitar e adormentar, para que nada mude, com a morfina do seu paraíso... os advogados — economistas, historiadores, que sei eu!... — que vos embrulham com frases teóricas, que proclamam o antagonismo das raças nacionais, ... os sábios [que] são em muitos casos uma espécie de ignorantes que perdem de vista a simplicidade das cousas e a apagam e a enegrecem com detalhes e formas".

Todos êsses grupos, os únicos que, então como hoje, querem a guerra, que vivem da guerra, que lucram sordidamente com a guerra, tôda essa gente ávida e estúpida... "mesmo quando dizem que não querem a guerra, tudo fazem para perpetuá-la. Alimentam a vaidade nacional e o amor da supremacia pela força. Só nós, dizem eles, cada um por trás das suas barreiras, somos detentores da coragem, da lealdade, do talento, do bom gôsto. Da



grandeza e da riqueza de um país fazem como que uma doença devoradora".

"São vossos inimigos — conclui Barbusse — tanto como o são hoje êstes soldados alemães que jazem aqui entre vós, e que não são mais que pobres homens ludibriados, odiosamente enganados e embrutecidos, animais domésticos... São vossos inimigos, qualquer que seja o lugar em que nasceram e o modo por que se pronuncia o seu nome e a língua em que mentem. Olhai-os no céu e na terra. Olhai-os por tôda parte! Reconhecei-os uma vez por tôdas, e lembrai-vos para sempre!"

Barbusse, quando escreveu "O Fogo", não tinha ainda completado a evolução harmoniosa que o levou à posição clara e viril de militante comunista. Mas já vislumbrava nas brumas do futuro a rubra claridade da Revolução Proletária, continuadora da Revolução Francesa, já sentia que a só classe revolucionária é aquela cujo "numero e a miséria são infinitos". Por isso a idéia de luz, de claridade, que simbolicamente exprime a libertação dos oprimidos, volta no meio do volume e na última linha: "A embriaguez do sono me vai invadindo. Mas lembro-me do que eles fizeram (os soldados, seus camaradas) e do que farão. E, perante esta profunda visão de pobre noite humana que enche esta caverna (o abrigo numa trincheira) sob o seu sudário de trevas, sonho com um grande luz que não sei qual seja". "Entre duas massas de nuvens tenebrosas sal um raio tranquilo, e essa linha de luz tão apertada, tão enlutada, tão pobre que tem o ar pensativo, trás apesar de tudo a certeza de que o sol existe".

Logo depois, forma com Romain Rolland Anatole France o "Groupe Clarté" defende perante a França e o mundo a Revolução Russa, libertadora de povos. Visita posteriormente a Pátria do Socialismo, escreve uma notável biografia de Stalin, integra-se de corpo e alma no movimento comunista, e vai por fim descansar para sempre em terra Soviética, ao lado dos grandes heróis da causa do Proletariado, que é a causa da Humanidade.



STALIN E GORKI

Um grupo de jovens camaradas dirigiu-se a mim para me propôr que opinasse pela imprensa sôbre os problemas da linguística, principalmente no que diz respeito ao marxismo na linguística. Não sou linguísta e não posso, evidentemente, satisfazer de todo aos camaradas. Quanto ao marxismo em linguística, do mesmo modo que nas outras ciências sociais, trata-se de um assunto com o qual eu tenho relação direta. Ai está porque aceitei responder a uma série de perguntas colocadas por êsses camaradas.

PERGUNTA: — E' exato que a lingua seja uma super-estrutura sôbre uma infra-estrutura?

RESPOSTA: — Não, não é exato.

A infra-estrutura é o regime econômico da sociedade numa etapa determinada de seu desenvolvimento. A super-estrutura são as opiniões políticas, jurídicas, religiosas, artísticas, filosóficas da sociedade e as instituições políticas, jurídicas e outras que lhes correspondem.

Tôda infra-estrutura tem sua super-estrutura correspondente. A infra-estrutura do regime feudal tem sua super-estrutura, suas opiniões políticas, jurídicas e outras, e as instituições a elas correspondentes; a infra-estrutura capitalista tem sua super-estrutura e a infra-estrutura socialista a sua. Se a infra-estrutura se transforma e desaparece, ela acarreta a transformação e o desaparecimento de sua super-estrutura; se nasce uma infra-estrutura nova, ela acarreta o nascimento de super-estrutura que lhe corresponde.

Sob êsse aspecto, a lingua se diferencia radicalmente da super-estrutura. Tomemos por exemplo a sociedade e a lingua russa. Durante os ultimos trinta anos, na Russia, a velha infra-estrutura capitalista foi liquidada e foi construída uma nova, socialista. Em consequência, a super-estrutura da infra-estrutura capitalista foi liquidada e criou-se uma nova super-estrutura correspondente á infra-estrutura socialista. As velhas instituições políticas, jurídicas e outras foram, por consequência, substituídas por instituições novas, socialistas. Mas, apesar disso, a lingua russa continuou, no essencial, o que ela era antes da Revolução de Outubro.

O que foi que mudou na lingua russa durante esse periodo? O vocabulário da lingua russa mudou em certa medida; mudou no sentido de que se enriqueceu com uma quantidade importante de novas palavras e expressões nascidas com a nova produção socialista, com o novo Estado, a nova cultura socialista, a nova sociedade, a nova moral, e enfim com o desenvolvimento da técnica e da ciência, o sentido de uma série de palavras e expressões modificou-se, adquirindo um novo significado; certo numero de palavras antiquadas desapareceram do vocabulário. No que diz respeito ao léxico fundamental e ao sistema gramatical que são a base da lingua, não somente não foram liquidados e substituídos depois da liquidação da infra-estrutura capitalista por um novo léxico fundamental e por um novo sistema gramatical da lingua, mas foram conservados na sua integridade e não sofreram nenhuma modificação séria; mantiveram-se exatamente como base da lingua russa moderna.

Prossigamos. A super-estrutura é gerada pela infra-estrutura, mas isso não significa absolutamente que ela seja apenas o reflexo da infra-estrutura, que seja passiva,

SOBRE O MAR

neutra, que permaneça indiferente ao destino de sua infra-estrutura, ao destino das classes, ao caráter do regime. Ao contrário, depois de ter vindo á luz, ela se torna uma imensa força ativa, ajuda ativamente sua infra-estrutura a se formar e consolidar, recorre a todos os meios para auxiliar o novo regime a dar o golpe de graça na velha infra-estrutura e nas velhas classes, e a liquidá-las.

E não pode ser de outro modo. A super-estrutura é criada pela infra-estrutura exatamente para servi-la, para ajudá-la ativamente a se formar e consolidar, para lutar ativamente a fim de liquidar a velha infra-estrutura caduca e sua velha super-estrutura. Basta que a super-estrutura renuncie a êsse papel de auxiliar, basta-lhe passar de uma posição de defesa ativa de sua infra-estrutura para uma posição de indiferença relativamente a esta, basta adotar uma atitude idêntica em face de todas as classes, para que perca sua qualidade e deixe de ser uma super-estrutura.

Sob êsse aspecto, a lingua difere radicalmente da super-estrutura. A lingua não é gerada por tal ou qual infra-estrutura, velha ou nova, no interior de uma determinada sociedade, mas por todo o transcurso da história da sociedade e da história das infra-estruturas ao longo dos séculos. Ela não é criada por uma só classe, mas por tôda a sociedade, por todas as classes da sociedade, pelos esforços de centenas de gerações. Ela não é criada para satisfazer ás necessidades de uma só classe, mas de tôda a sociedade, de todas as classes da sociedade. Ela é criada justamente como lingua unica para tôda a sociedade e comum a todos os membros da sociedade, como lingua de todo o povo. Por isso, o papel auxiliar desempenhado pela lingua, como meio de os homens se comunicarem entre si, não consiste em servir a uma classe em detrimento das outras classes, mas em servir indiferentemente a tôda a sociedade, a todas as classes da sociedade. E' isso exatamente que explica que a lingua possa servir indiferentemente tanto ao velho regime agonizante, como ao novo regime ascendente, tanto á velha infra-estrutura como á nova, tanto aos exploradores como aos explorados.

Não é um segredo para ninguém que a lingua russa serviu tanto ao capitalismo russo e á cultura burguesa russa antes da Revolução de Outubro, como serve hoje ao regime socialista e á cultura socialista da sociedade russa.

Deve-se dizer a mesma coisa do ucraniano, do bielorusso, do uzbeque do kazak, do georgiano, do armeniano, do estoniano, do letão, do lituano, do moldavo, do tártaro, do azerbaijano, do bachkir, do turcomano e das outras linguas das nações soviéticas que tanto serviram ao velho regime burguês dessas nações, como servem hoje ao novo regime socialista.

E não pode ser de outro modo. E' para isso que a lingua existe, foi para isso que ela foi criada: para servir á sociedade em seu conjunto de instrumento que permita aos homens comunicar-se entre si; para ser comum aos membros da sociedade e unica para a sociedade, independentemente de sua situação de classe. Basta que a lingua abandone essa posição de instrumento comum a todo o povo, basta que a lingua se ponha a preferir e a apoiar um grupo social qualquer em detrimento dos outros grupos sociais, para que ela perca sua qualidade, para que deixe de ser o meio de os homens se comunicarem entre si, para que se transforme numa gíria de um grupo social qualquer, se degrade e se condene a desaparecer.

Dêsse ponto de vista, distinguindo-se fundamentalmente da super-estrutura, a lingua não se distingue, porém, dos meios de produção, das máquinas por exemplo que são tão indiferentes ás classes como a lingua e que podem servir indiferentemente tanto ao regime capitalista como ao regime socialista.

Prossigamos. A super-estrutura é o produto de uma época durante a qual vive e age uma infra-estrutura econômica determinada. Eis por que a super-estrutura não vive muito tempo; é liquidada e desaparece ao mesmo tempo que a infra-estrutura determinada.

A lingua, ao contrário, é o produto de tôda uma série de épocas durante as quais se forma, se enriquece, se desenvolve e ganha brilho. Eis por que a lingua vive incomparavelmente mais tempo do que qualquer infra-estru-

XISMO EM LINGUISTICA

J. STALIN

tura ou qualquer super-estrutura. E' justamente o que explica que o nascimento e a liquidação, não somente de uma infra-estrutura e de sua super-estrutura, mas de muitas infra-estruturas e de suas super-estruturas correspondentes não conduzem, na história, á liquidação de uma lingua determinada, á liquidação de sua estrutura e ao nascimento de uma lingua nova com um vocabulário novo e um sistema gramatical novo.

Mais de cem anos são transcorridos depois da morte de Puchkin. Desde então, na Rússia, o regime feudal e o regime capitalista foram liquidados e nasceu um terceiro, o regime socialista. Portanto, duas infra-estruturas e suas super-estruturas foram liquidadas e uma nova infra-estrutura socialista nasceu com sua nova super-estrutura. Contudo, se considerarmos a lingua russa, por exemplo, durante esse longo periodo ela não sofreu nenhuma transformação fundamental e a lingua russa moderna difere pouco da de Puchkin por sua estrutura.

O que mudou na lingua russa desde aquela época? O vocabulário da lingua russa se enriqueceu notavelmente nesse lapso de tempo; grande quantidade de palavras antiquadas desapareceu do vocabulário; mudou o sentido de um numero consideravel de palavras; o sistema gramatical foi melhorado. No concernente á estrutura da lingua de Puchkin, ela se conservou em toda a sua essência, com seu sistema gramatical e seu léxico fundamental, como base da lingua russa moderna.

E isso é perfeitamente compreensível. De fato, de que serviria que depois de cada convulsão, a estrutura existente da lingua, seu sistema gramatical e seu léxico fundamental fossem destruidos e substituidos por outros novos, como acontece habitualmente com a super-estrutura? De que serviria que "água", "terra", "montanha", "floresta", "peixe", "homem", "andar", "fazer", "produzir", "comerciar", etc., não se chamassem mais água, terra, montanha, etc., mas outra coisa? A quem aproveitaria que as variações das palavras na lingua e a disposição das palavras na frase não se fizessem segundo a gramática existente, mas segundo uma outra, inteiramente diferente? Que proveito tiraria a revolução de semelhante transformação radical na lingua? Via de regra, a história não faz nada de essencial sem que haja para isso uma necessidade particular. Cabe perguntar para que seria necessária, uma tal transformação radical na lingua, uma vez que está provado que a lingua existente, com sua estrutura, satisfaz perfeitamente, no essencial, ás necessidades do novo regime? Pode-se e deve-se destruir a velha super-estrutura e substitui-la por uma nova em alguns anos, para deixar o campo livre ao desenvolvimento das forças produtivas da sociedade, mas como destruir a lingua existente e criar em seu lugar uma lingua nova em alguns anos, sem provocar anarquia na vida social, sem ameaçar a sociedade de desagregação? Quem pois, além dos dom Quixotes, pode atribuir-se uma tal tarefa?

Enfim, há ainda uma diferença radical entre a super-estrutura e a lingua. A super-estrutura não está ligada diretamente á produção, á atividade produtiva do homem. Ela só está ligada á produção indiretamente, por meio da economia, por meio da infra-estrutura. Eis por que a super-estrutura não reflete as mudanças de nivel de desenvolvimento das forças produtivas imediata e diretamente, mas depois das mudanças na infra-estrutura, por refração das mudanças da produção nas mudanças da infra-estrutura. Isso quer dizer que a esfera de ação da super-estrutura é estreita e limitada.

A lingua, ao contrário, está ligada diretamente á atividade produtiva do homem e não somente á sua atividade produtiva, mas também a qualquer outra atividade do homem em todas as esferas de seu trabalho, desde a produção até a infra-estrutura, desde a infra-estrutura até a super-estrutura. Eis por que a lingua reflete as mudanças da produção imediata e diretamente, sem esperar as mudanças da infra-estrutura. Eis por que a esfera de ação da lingua, que engloba todos os dominios da atividade do homem, é muito mais vasta e mais variada que a esfera de ação da super-estrutura. Mais ainda, ela é quase ilimitada.

É isso que explica, sobretudo, que a lingua, seu vocabulário propriamente dito, se encontra em estado de mo-

dificação quase ininterrupta. O desenvolvimento ininterrupto da indústria e da agricultura, do comércio e dos transportes, da técnica e da ciência, exige da lingua que ela enriqueça seu vocabulário com novas palavras e expressões indispensáveis a seu trabalho. E a lingua que reflete diretamente essas necessidades, enriquece seu vocabulário com novas palavras, aperfeiçoa seu sistema gramatical.

Portanto:

- a) um marxista não pode considerar a lingua como uma super-estrutura sobre uma infra-estrutura;
- b) confundir a lingua com uma super-estrutura é cometer um erro certo.

PERGUNTA: — E' exato que a lingua sempre teve e conserva um carater de classe, que não exista uma lingua comum e unica para a sociedade, uma lingua que não tenha um carater de classe mas que seja a de todo o povo?

RESPOSTA: — Não, não é exato.

Não é difícil compreender que numa sociedade sem classes, não pode haver uma lingua de classe. O regime do comunismo primitivo não conhecia classes, por conseguinte, nele não podia haver lingua de classe, nele a lingua era comum, unica, para toda a coletividade. A objeção segundo a qual deve-se entender por classe toda coletividade humana, inclusive a coletividade da comuna primitiva, não é uma objeção, mas um jogo de palavras que não merece ser refutado.

Quanto ao desenvolvimento posterior das linguas, — das linguas dos clãs ás linguas das tribos, das linguas das tribos ás linguas dos povos e das linguas dos povos ás linguas nacionais, — em toda parte, em todas as fases de seu desenvolvimento, a lingua, como meio de os homens se comunicarem entre si na sociedade, era comum e unica para a sociedade, servindo do mesmo modo aos membros da sociedade, independentemente de suas condições sociais.

Não me refiro aqui aos impérios do periodo da escravidão e da Idade Média, como, por exemplo, o império de Ciro e de Alexandre, o Grande, ou ainda o império de Cesar e de Carlos Magno que não tinham base economica própria e eram formações militares-administrativas, efêmeras e instáveis. Estes impérios não somente não tinham, como não podiam ter uma lingua unica para o império e inteligível para todos os membros do império. Representavam conglomerados de tribos e de povos que tinham sua vida e sua própria lingua. Por isso, não me refiro a estes impérios ou a outros que lhes são semelhantes, mas ás tribos e os povos que faziam parte do império e que tinham sua base economica e sua lingua formada há muito tempo. A história mostra que as linguas destas tribos e destes povos não tinham um carater de classe, que eram linguas de todo o povo, comuns ás tribos e aos povos e inteligíveis para eles.

Certamente havia, ao lado dos dialetos, modismos locais, mas eram dominados e subordinados pela lingua unica e comum, da tribo ou do povo.

Mais tarde, com o aparecimento do capitalismo, a liquidação do desmembramento feudal e a formação de um mercado nacional, os povos se transformaram em nações e as linguas dos povos em linguas nacionais. A história mostra que essas linguas nacionais não são linguas de classe, mas linguas comuns ao conjunto do povo, comuns a todos os membros da nação e unicas para a nação.

Foi dito acima que a lingua, como meio de os homens se comunicarem entre si na sociedade, serve paralelamente a todas as classes da sociedade e manifesta sob esse aspecto uma espécie de indiferença relativamente ás classes. Mas as pessoas, os diferentes grupos sociais, as classes estão longe de ser indiferentes relativamente á lingua. Elas se esforçam para utilizar a lingua no seu interesse

para impor-lhe seu vocabulário particular, sua terminologia particular, suas expressões particulares. As camadas superiores das classes possuidoras, que se isolam do povo e que odeiam o povo; a aristocracia, dos nobres, as camadas superiores da burguesia, se distinguem especialmente sob esse aspecto. Vemos criar-se gírias, dialetos de "classe", "línguas" de salão. Na literatura, esses dialetos e gírias são às vezes erroneamente considerados como línguas; "a língua nobre", "a língua burguesa", em oposição à "língua proletária", à "língua comonesa". Por estranho que isso possa parecer, é por essa razão que certos de nossos camaradas chegaram à conclusão de que a língua nacional é uma ficção, que somente as línguas de classe existem na realidade.

Creio não haver nada mais errôneo do que essa conclusão. Podemos considerar esses dialetos e gírias como línguas? Por certo que não. Não podemos fazer isso, em primeiro lugar porque esses dialetos e essas gírias não possuem seu sistema gramatical nem seu léxico fundamental, tomam-nos emprestado à língua nacional. Em segundo lugar, porque essas línguas e essas gírias têm uma esfera de aplicação estreita entre os membros das camadas superiores desta ou daquela classe e não são absolutamente válidas como meio de os homens se comunicarem entre si, para a sociedade em seu conjunto. Que têm eles, então? Têm um certo número de palavras específicas que refletem os gostos específicos da aristocracia ou das camadas superiores da burguesia; certo número de expressão e de ditos que se distinguem por seu caráter rebuscado, precioso e isento das expressões e ditos "grosseiros" da língua nacional; finalmente, certo número de palavras estrangeiras. Quanto ao essencial, isto é, a maioria esmagadora das palavras e o sistema gramatical, é tomado emprestado à língua de todo o povo, à língua nacional. Por conseguinte, os dialetos e gírias representam ramificações da língua nacional de todo o povo, são privados de qualquer independência lingüística e destinados a vegetar. Pensar que os dialetos e gírias possam transformar-se em línguas independentes capazes de afastar e de substituir a língua nacional, é perder a perspectiva histórica e abandonar as posições do marxismo.

Alude-se a Marx, cita-se uma passagem de seu artigo "São-Marx" em que ele diz que os burgueses têm sua "língua própria", que essa "língua" é o produto da burguesia, que ela é marcada pelo espírito do mercantilismo, da venda e da compra. Por meio desta citação, certos camaradas querem demonstrar que Marx afirmava por assim dizer "o caráter de classe da língua", que ele negava a existência de uma língua nacional única. Se esses camaradas abordassem a questão objetivamente, deveriam ter citado uma outra passagem desse mesmo artigo "São-Marx", em que Marx, tratando da questão dos caminhos, da formação da língua nacional única, fala da "concentração dos dialetos numa língua nacional única, em função da concentração econômica e política".

Marx reconhecia portanto a necessidade de uma língua nacional ÚNICA como forma superior à qual os dialetos estão subordinados como forma inferior.

Que pode ser, nesse caso a língua dos burgueses que, segundo Marx, "é o produto da burguesia"? Marx a considerava como uma língua semelhante à língua nacional, possuindo uma estrutura lingüística própria? Podia ele considerá-la como uma língua assim? Não, certamente! Marx queria dizer simplesmente que os burgueses infestaram a língua nacional única com seu vocabulário de mercadores, que, por conseguinte, os burgueses têm sua gíria de mercadores.

Dai se conclui que aqueles camaradas desvirtuaram a posição de Marx. E a desvirtuaram porque citaram Marx não como marxista, mas como escolástico não indo ao fundo do problema.

Alude-se a Engels, citam-se palavras de Engels na sua obra "A situação da classe operária na Inglaterra": "... A classe operária tornou-se aos poucos um povo inteiramente diferente da burguesia inglesa": "os operários falam um outro dialeto, têm outras idéias e concepções, outros costumes e outros princípios se moral, outra religião e outra política diferente da burguesia". Na base dessa citação, certos camaradas deduzem que Engels negava a necessidade de uma língua nacional comum a todo o povo, que ele afirmava, por conseguinte, "o caráter de classe" da língua... A verdade é que Engels não fala aqui da língua, mas do dialeto, dando-se perfeitamente conta que o dialeto, como ramificação da língua nacional, não pode substituí-la. Mas esses camaradas, visi-

velmente, não encaram com bons olhos a existência de uma diferença entre língua e dialeto...

É claro que essa citação e empregada fóra de propósito, pois Engels não fala aqui em "língua de classe", mas sobretudo das idéias das concepções, dos costumes, dos princípios de moral, da religião, da política de classe. É perfeitamente justo que as idéias, as concepções, os costumes, os princípios de moral, a religião, a política sejam diametralmente opostos nos burgueses e nos proletários. Mas o que tem a ver com isso a língua nacional ou "o caráter de classe" da língua? Será que a existência de contrações de classe na sociedade pode servir de argumento a favor "do caráter de classe" da língua ou contra a necessidade de uma língua nacional única? O marxismo diz que a comunidade de língua é um dos traços essenciais da nação, sabendo perfeitamente, por outro lado, que dentro das nações existem contrações de classe. Aceitam estes camaradas esta tese do marxismo?

Alude-se a Lafargue para dizer que na sua brochura "A língua francesa antes e depois da revolução", Lafargue reconhece o "caráter de classe" da língua e que ele nega, por assim dizer, a necessidade de uma língua nacional comum a todo o povo. Não é exato, Lafargue fala eticamente, da "língua nobre", ou "aristocrática", e das "gírias" das diferentes camadas da sociedade. Mas esses camaradas esquecem que Lafargue, que se desinteressa pelo problema da diferença entre a língua e a gíria e que chama aos dialetos ora "língua artificial", ora "gíria", afirma claramente em sua brochura que "a língua artificial, que distinguia a aristocracia... era extraída da vulgar, falada pelos burgueses e pelos artesãos, a cidade e o campo".

Lafargue reconhece pois a existência e a necessidade de uma língua de todo o povo, compreendendo perfeitamente o caráter subordinado e a dependência da "língua aristocrática" e dos outros dialetos e gírias, em face da língua de todo o povo.

Dai se conclui que a referência a Lafargue não cumpre seu objetivo.

Alega-se como argumento que, num certo momento, na Inglaterra, os feudais ingleses falaram "durante séculos" a língua francesa, enquanto o povo inglês falava a língua inglesa, e pretende-se que esta circunstância seja um argumento a favor do "caráter de classe" da língua, e contra a necessidade de uma língua comum a todo o povo. Isso não é um argumento, mas uma simples anedota. Em primeiro lugar, não eram todos os feudais, mas um grupo estreito da aristocracia feudal inglesa na corte real e nos condados que falava então o francês. Em segundo lugar, eles não falavam uma língua "de classe" mas a língua francesa comum, a língua de todo o povo francês. Em terceiro lugar, sabe-se que essa predileção pela língua francesa desapareceu mais tarde sem deixar sinal, dando lugar à língua comum a todo o povo inglês. Crêem esses camaradas que os feudais ingleses e o povo inglês se tenham entendido "durante séculos" com a ajuda de tradutores, que os feudais ingleses não se serviam da língua inglesa, que não existia nessa época uma língua inglesa comum a todo o povo, que o francês era então na Inglaterra algo mais que uma língua de salão só tendo curso nos círculos estreitos das camadas superiores da aristocracia inglesa? Como se pode na base de tais "argumentos" anedóticos, negar a existência e a necessidade de uma língua comum a todo o povo?

Durante algum tempo, os aristocratas russos, também se entretinham falando francês na corte dos tsares e nos salões. Orgulhavam-se de balbuciar palavras francesas ao falar russo, de não saber falar russo sem o sotaque francês. Quer isso dizer que nessa época na Rússia, não existia uma língua comum a todo o povo, que a língua comum a todo o povo era então uma ficção, e as "línguas de classe" uma realidade?

Nossos camaradas cometem aqui pelo menos dois erros.

O primeiro erro consiste em que confundem a língua com a super-estrutura. Pensam que se a super-estrutura tem um caráter de classe, a língua, também, não deve ser comum a todo o povo, mas deve ter um caráter de classe. Contudo, já disse acima que a língua e a super-estrutura são duas noções diferentes, que um marxista não pode admitir que se confundam.

O segundo erro consiste no fato de que esses camaradas consideram a oposição entre os interesses da burguesia e os do proletariado, sua encarnizada luta de classe como a desagregação da sociedade, como a ruptura de todos os laços entre as classes hostis. Na sua opinião, já que a sociedade se desagregou e não existe mais sociedade única, mas somente classes, não é preciso uma língua única

para a sociedade, não é preciso uma língua nacional. Que resta pois se a sociedade se desagregou e se não existe mais língua nacional comum a todo o povo? Restam as classes e as "línguas de classe". Naturalmente, cada "língua de classe" terá sua gramática "de classe": uma gramática "proletária", outra gramática "burguesa". E verdade que tais gramáticas não existem na realidade. Mas isso não importa a estes camaradas: eles creem que um dia haverá tais gramáticas.

Num dado momento, tivemos "marxistas" que afirmavam que as estradas de ferro que permaneceram em nosso país depois da Revolução de Outubro eram burguesas, e que não conyinha a nos, marxistas, nos utilizarmos delas, que era preciso destruí-las e construir novas estradas de ferro "proletárias". Isso lhes valeu o apelido de "trogloditas"...

É claro que essa visão primitiva, anarquista, da sociedade, das classes, da língua, nada tem de comum com o marxismo. Mas ela existe, sem nenhuma dúvida, e continua a viver na cabeça de certos camaradas nossos que se embruilharam nesse problema.

É evidentemente falso que, em consequência da luta de classes encarniçada, a sociedade se tenha desagregado em classes que não são mais ligadas economicamente uma à outra dentro da própria sociedade. Ao contrário enquanto existir o capitalismo, os burgueses e os proletários estarão ligados entre si por todos os rios econômicos, como elementos da mesma sociedade capitalista. Os burgueses não podem viver e enriquecer sem ter assalariados à sua disposição; os proletários não podem continuar a existir sem empregar-se com os capitalistas. A ruptura de todos os laços econômicos entre eles significa cessar toda produção, e cessar toda produção leva a morte a sociedade, a morte as próprias classes. É claro que nenhuma classe querará marchar para sua destruição. Mas por que a luta de classes, por mais violenta que seja, não pode levar à desagregação da sociedade. Somente a ignorância em matéria de marxismo e a incompreensão total da natureza da língua poderiam sugerir a certos camaradas nossos a fábula da desagregação da sociedade, das "línguas de classe", das gramáticas "de classe".

Alude-se, além disso, a Lenin e recorda-se que Lenin reconhecera a existência da cultura burguesa e a cultura proletária, que a palavra de ordem de cultura nacional sob o capitalismo era uma palavra de ordem nacionalista. Tudo isso é exato, e Lenin tinha nisso inteira razão. Mas o que tem a ver com isso o "caráter de classe" da língua? Referindo-se às palavras do Lenin concernentes às duas culturas sob o capitalismo, estes camaradas querem, visivelmente, persuadir o leitor de que a existência de duas culturas na sociedade, — a cultura burguesa e a cultura proletária — significa que deve haver também duas línguas, porque a língua está ligada à cultura, que, por conseguinte, Lenin nega a necessidade de uma língua nacional única, que ele é, por conseguinte, pelas línguas "de classe". O erro desses camaradas consiste aqui no fato de que identificam e confundem a língua com a cultura. Contudo, a língua e a cultura são duas coisas diferentes. A cultura pode ser burguesa ou socialista. A língua, esta, como meio de comunicação, é sempre uma língua comum a todo o povo e tanto pode servir à cultura burguesa como à cultura socialista. Não é um fato que as línguas russa, ucraniana, uzbeka, servem hoje à cultura socialista dessas nações, do mesmo modo que serviam à sua cultura burguesa antes da Revolução de Outubro? Esses camaradas se enganam portanto redondamente ao afirmar que a existência de duas culturas diferentes leva à formação de duas línguas diferentes e à negação da necessidade de uma língua única.

Falando de duas culturas Lenin partia exatamente da tese de que a existência de duas culturas não pode conduzir à negação de uma língua única e à formação de duas línguas, de que a língua deve ser única. Quando os homens do Bund puseram-se a acusar Lenin de ter negado a necessidade de uma língua nacional e de considerar a cultura como "não-nacional", Lenin, como é sabido, protestou violentamente e declarou que lutava contra a cultura burguesa e não contra a língua nacional cuja necessidade era para ele indiscutível. É estranho que certos camaradas nossos tenham começado a seguir as pegadas dos homens do Bund. Quanto à língua única, cuja necessidade se pretende que Lenin tenha negado é preciso referir-se às seguintes palavras de Lenin:

"A língua é um meio especial de comunicação entre os homens: a unidade da língua e seu desenvolvimento sem

obstáculos são uma das condições essenciais para as trocas comerciais verdadeiramente livres e amplas correspondentes ao capitalismo contemporâneo, para um agrupamento livre e amplo da população em todas as diversas classes".

Dai se conclui que esses estimados camaradas desvirtuaram as idéias de Lenin.

Alude-se finalmente a Stalin. Citam-se as palavras de Stalin dizendo que "a burguesia e seus partidos nacionalistas foram e continuam sendo, durante este período, a principal força dirigente dessas nações". Tudo isso é exato. A burguesia e seu partido nacionalista dirigem efetivamente a cultura burguesa, do mesmo modo que o proletariado e seu partido internacionalista dirigem a cultura proletária. Mas que tem a ver com isso o "caráter de classe" da língua? Ignoram esses camaradas que a língua nacional é uma forma da cultura nacional, que a língua nacional pode servir tanto à cultura burguesa como a cultura socialista? Ignoram esses camaradas a conhecida tese dos marxistas, segundo a qual as culturas atuais, russa, ucraniana, bielorrussa e outras são socialistas por seu conteúdo e nacionais pela forma, isto é, pela língua? Concorram eles com essa tese marxista?

O erro de nossos camaradas reside em que não vêem a diferença entre a cultura e a língua e não compreendem que o conteúdo da cultura se modifica em cada período novo do desenvolvimento da sociedade, enquanto a língua permanece, no essencial, a mesma durante vários períodos e serve indiferentemente à nova cultura e à velha cultura.

Portanto:

a) a língua, como meio de comunicação, sempre foi e continua sendo única para a sociedade e comum a todos os membros da sociedade;

b) a existência dos dialetos e das gírias não prejudica, mas confirma a existência de uma língua comum a todo o povo, de uma língua da qual esses dialetos e gírias são ramificações e à qual estão subordinados;

c) a tese sobre o caráter de classe da língua é uma tese errônea, não marxista.

PERGUNTA: — Quais são os traços característicos da língua?

RESPOSTA:

A língua faz parte dos fenômenos sociais que se manifestam ao longo da existência da sociedade. Ela nasce e desenvolve com o nascimento e o desenvolvimento da sociedade. Ela morre ao mesmo tempo que morre a sociedade. Não há língua fora da sociedade. Mas por que não se pode compreender a língua e as leis de seu desenvolvimento senão estudando a língua em ligação indissolúvel com a história da sociedade, com a história do povo a que pertence a língua estudada e que é seu criador e portador.

A língua é um meio, um instrumento, com o auxílio do qual os homens se comunicam entre si, trocam seus pensamentos e chegam a se compreender mutuamente. Diretamente ligada ao pensamento, a língua registra e fixa em palavras e em arranjos de palavras, em frases, os resultados do trabalho do pensamento, os êxitos do trabalho de conhecimento do homem e torna assim possível a troca de pensamentos na sociedade humana.

A troca de pensamentos é uma necessidade permanente e vital, porque sem essa troca é impossível coordenar as ações comuns dos homens na luta contra as forças da natureza, na luta pela produção dos bens materiais indispensáveis, é impossível obter êxitos na atividade produtiva da sociedade, e por conseguinte, é impossível a própria existência da produção social. Portanto, sem uma língua inteligível para a sociedade e comum a todos os seus membros, a sociedade cessa a produção, se desagrega e deixa de existir como sociedade. Nesse sentido, a língua, sendo um instrumento de comunicação, é ao mesmo tempo um instrumento de luta de desenvolvimento da sociedade.

É sabido que todas as palavras de que se compõe a língua formam no seu conjunto o que se chama o vocabulário. O essencial no vocabulário, é o léxico fundamental que tem por sua vez como núcleo todos os termos radicais. O léxico fundamental é muito menos vasto que o vocabulário, mas vive durante muito tempo, durante séculos, e serve de base à formação de palavras novas. O vocabulário reflete o estado da língua; quanto mais rico e variado é o vocabulário, mais rica e desenvolvida é a língua.

Entretanto, tomado isoladamente, o vocabulário não forma ainda a língua, é antes o material de construção da língua. Da mesma forma que os materiais de cons-

trução não formam o edifício, embora seja impossível construir sem eles, o vocabulário não constitui a própria língua, embora sem ele não seja concebível nenhuma língua. Mas o vocabulário se reveste da maior importância quando entra no domínio da gramática que fixa as regras da variação das palavras, as regras de sua disposição nas frases e dá assim à língua um caráter harmonioso e racional. A gramática (morfologia, sintaxe) é um conjunto de regras sobre a variação das palavras e sobre a disposição das palavras e frase. Em consequência, é precisamente graças à gramática que a língua pode dar ao pensamento humano um invólucro material, o da língua.

O traço característico da gramática, é que ela fornece as regras da variação das palavras tendo em vista, não as palavras concretas, mas as palavras em geral privadas de todo caráter concreto; ela fornece as regras da formação das frases tendo em vista não determinadas frases concretas, por exemplo, um sujeito concreto, um predicado concreto, etc., mas em geral, toda espécie de frases, independentemente da forma concreta de tal ou qual frase. Por conseguinte, fazendo abstração do particular e do concreto tanto nas palavras como nas frases a gramática toma daquilo que há de geral na base das variações das palavras e de sua disposição frases e tira disso as regras, as leis gramaticais. A gramática é o resultado de um longo trabalho de abstração do pensamento humano, o expoente de êxitos do pensamento.

Sob esse aspecto a gramática lembra a geometria que determina suas leis, fazendo abstração dos objetos concretos, considerando os objetos como corpos privados de todo caráter concreto e estabelecendo entre eles relações que não são relações concretas entre determinados objetos mas relações entre corpos em geral privados de qualquer caráter concreto.

Ao contrário da super-estrutura que não está ligada à produção diretamente, mas por meio da economia, a língua está diretamente ligada à atividade produtiva do homem, bem como a toda e qualquer atividade em todas as esferas de seu trabalho, sem exceção. Assim, o vocabulário, como elemento mais sensível às transformações, encontra-se em estado de transformação quase perpétua; deve-se notar que diferentemente da super-estrutura, a língua não precisa aguardar a liquidação da infra-estrutura, ela modifica seu vocabulário antes da liquidação da infra-estrutura e independentemente do estado dessa última.

Todavia, o vocabulário da língua não se transforma, como a super-estrutura por meio da supressão do antigo e da edificação do novo, mas enriquecendo o vocabulário existente com palavras novas que se formam em ligação com as mudanças do regime social, com o desenvolvimento da produção, da cultura, da ciência, etc. Se bem que o vocabulário perca, via de regra, uma certa quantidade de palavras envelhecidas, ele se enriquece com uma quantidade muito mais elevada de palavras novas. No que diz respeito ao léxico fundamental, ele se mantém no essencial e é utilizado como base do vocabulário da língua.

Isto é compreensível. Não é absolutamente necessário destruir o léxico fundamental se ele pode ser utilizado com êxito durante vários períodos históricos, sem nem mesmo falar do fato de que a destruição do léxico fundamental, acumulado durante séculos, considerando-se a impossibilidade de criar num curto lapso de tempo um novo léxico fundamental conduziria a paralisar a língua, a provocar uma desorganização total das relações entre os homens.

O sistema gramatical da língua muda de modo ainda mais lento que o léxico fundamental. Elaborado ao longo das épocas e formando um todo único com a língua, o sistema gramatical muda ainda mais lentamente que o léxico fundamental. Certamente, ele sofre mudanças com o tempo, aperfeiçoa-se, melhora e precisa suas regras, se enriquece com novas regras, mas as bases do sistema gramatical se conservam durante muito tempo, porque, como a história demonstra, elas podem servir com êxito à sociedade durante épocas.

Assim, a estrutura gramatical da língua e seu léxico fundamental constituem a base da língua, a essência de seu caráter específico.

A história revela a grande estabilidade e a resistência imensa da língua à assimilação forçada. Em lugar de explicar esse fenômeno, certos historiadores não fazem mais do que se espantar. Mas não há nisso nenhum motivo de espanto. A estabilidade da língua se explica pela esta-

bilidade de seu sistema gramatical e do seu léxico fundamental. Durante centenas de anos, os assimiladores turcos se esforçaram por mutilar, destruir e aniquilar as línguas dos povos balcânicos. Durante esse período, o vocabulário das línguas balcânicas sofreu sérias modificações, adotou uma quantidade não desprezível de palavras e expressões turcas, houve "convergências" e "divergências", mas as línguas balcânicas resistiram e sobreviveram. Por que? Por que o sistema gramatical e o léxico fundamental dessas línguas conservaram-se no essencial.

Resulta de tudo isso que a língua, sua estrutura, não podem ser consideradas como o produto de uma determinada época. A estrutura da língua, seu sistema gramatical e o léxico fundamental são o produto de muitas épocas.

Deve-se compreender que os elementos da língua moderna se formam na mais remota antiguidade, antes da época escravagista. Tratava-se de uma língua pouco complicada, com um vocabulário muito pobre, mas com seu próprio sistema gramatical primitivo é verdade mas que não deixava de ser por isso um sistema gramatical.

O desenvolvimento posterior da produção, o surgimento das classes, o aparecimento da escrita: o nascimento do Estado, que necessitava para administrar de uma correspondência mais ou menos bem cuidada; o desenvolvimento do comércio, que precisava mais ainda de uma correspondência bem cuidada; o aparecimento da imprensa, o desenvolvimento da literatura, tudo isso trouxe grandes mudanças ao desenvolvimento da língua. Enquanto isso, as tribos e os povos se desmembravam e se dispersavam, confundiam-se e se mesclavam e, mais tarde, se deu o aparecimento das línguas nacionais e dos Estados nacionais, produziram-se convulsões revolucionárias, os velhos regimes sociais foram substituídos por novos. Tudo isso trouxe ainda maiores modificações à língua e ao seu desenvolvimento.

Mas seria um erro grosseiro pensar que o desenvolvimento da língua se deu do mesmo modo que o da super-estrutura: por meio da destruição do que existe e da edificação do novo. Na realidade, o desenvolvimento da língua se deu não por meio da destruição da língua existente e da formação de uma língua nova, mas pelo desenvolvimento e aperfeiçoamento dos principais elementos da língua existente. Deve-se notar que a passagem de uma qualidade da língua a outra não se deu pela explosão, nem pela destruição brutal do velho e aplicação do novo, mas por uma acumulação progressiva e prolongada de elementos, de nova qualidade, da estrutura nova da língua através do desaparecimento gradual dos elementos da velha qualidade.

Diz-se que a teoria do desenvolvimento da língua por fases é uma teoria marxista, porque ela reconhece a necessidade de explosões bruscas como condição da passagem da língua, da velha qualidade à qualidade nova. Isso não é exato, certamente, porque seria difícil encontrar qualquer coisa de marxista nessa teoria. E se a teoria do desenvolvimento por fases reconhece, de fato, explosões bruscas na história do desenvolvimento da língua, pior para ela. O marxismo não reconhece nenhuma explosão brusca na história do desenvolvimento da língua, nenhum desaparecimento súbito da língua existente, nem qualquer formação súbita de uma língua nova. Lafargue não tinha razão ao falar "de uma brusca revolução da língua entre 1789 e 1794" na França. (Ver a brochura de Lafargue: "A língua francesa antes e depois da revolução".) Não houve nessa ocasião nenhuma revolução da língua na França e menos ainda revolução brutal. Certamente, durante aquele período o vocabulário da língua francesa enriqueceu-se com novas palavras e novas expressões, perdeu certa quantidade de termos envelhecidos, certas palavras mudaram de sentido, e acabou-se. Mas mudanças desse gênero não decidem absolutamente da sorte da língua. O principal numa língua é o seu sistema gramatical e o seu léxico fundamental. Mas o sistema gramatical e o léxico fundamental da língua francesa, ao contrário, conservaram-se sem modificações notáveis e não somente se conservaram, mas continuam a existir em nossos dias na língua francesa contemporânea.

Não preciso nem mesmo dizer que para liquidar a língua existente e para formar uma nova língua nacional ("revolução brutal na língua!"), um espaço de cinco, seis anos é ridiculamente curto, isso exige séculos.

O marxismo entende que a passagem de uma língua da velha qualidade a uma qualidade nova se produz não

pela explosão, não pela destruição da língua existente e a constituição de uma língua nova, mas pela acumulação gradual dos elementos de uma nova qualidade, portanto, pelo desaparecimento gradual dos elementos da velha qualidade.

E' preciso dizer, em intenção dos camaradas apreciadores de explosões, que a lei da passagem da velha qualidade á qualidade nova pela explosão, não somente não pode ser aplicada á história do desenvolvimento da língua, mas ainda que não é sempre aplicavel aos outros fenômenos sociais, quer se trate das infra-estruturas ou das super-estruturas. Ela é obrigatoria para uma sociedade dividida em classes hostis. Mas ela não é absolutamente obrigatoria para uma sociedade sem classes hostis. Num periodo de oito a dez anos, realizamos na agricultura de nosso país, a passagem do regime burguês, do regime de exploração camponesa individual, ao regime socialista kolchosiânico. Foi uma revolução que liquidou o velho regime economico burguês no campo e que criou um regime novo, socialista. Todavia, essa reviravolta radical não se produziu pela explosão, isto é, pela destruição do poder existente e a criação de um poder novo, mas pela passagem gradual do velho regime burguês no campo ao regime novo. Conseguimos fazê-lo, porque foi uma revolução vinda de cima, porque essa reviravolta radical foi realizada por iniciativa do poder, existente com o apoio das massas essenciais do campesinato.

Diz-se que numerosos fatos de cruzamentos de linguas que se produziram na história, permitem supor que durante esse cruzamento se vê formar uma nova língua por explosão, pela passagem brusca da velha qualidade á qualidade nova. Isto é absolutamente falso.

Não se pode considerar o cruzamento de linguas como ato unico de um golpe decisivo cujos resultados se fazem sentir durante alguns anos. O cruzamento de linguas é um longo processo que se realiza durante centenas de anos. Eis porque não se trata aqui de nenhuma explosão.

Prossigamos. Seria completamente falso pensar que o cruzamento da duas linguas, por exemplo, gera uma terceira língua nova que não lembre nenhuma das linguas cruzadas e difere qualitativamente de caãa uma delas. Na realidade, quando do cruzamento, uma das linguas ordinariamente obtem a vitória, conserva seu sistema gramatical, conserva seu léxico fundamental e continua a se desenvolver segundo as leis internas de seu desenvolvimento, enquanto a outra língua perde gradualmente sua qualidade e desaparece pouco a pouco.

Por conseguinte, o cruzamento não dá uma terceira língua, uma língua nova, mas conserva uma das linguas, conserva seu sistema gramatical e seu léxico fundamental e permite que ela se desenvolva segundo as leis internas de seu desenvolvimento.

E' verdade que isso enriquece de certo modo o vocabulário da língua que obteve a vitória ás expensas da língua vencida, mas em lugar de enfraquecê-la, isso só faz reforçá-la.

Tal foi, por exemplo, o caso da língua russa com a qual se cruzaram durante o desenvolvimento histórico, as linguas de diversos outros povos, e que sempre obteve a vitória.

Certamente, o vocabulário da língua russa enriqueceu-se durante esse tempo á custa do vocabulário das outras linguas, mas isso, longe de enfraquecê-la, ao contrário, enriqueceu e reforçou a língua russa.

No referente ao caráter nacional da língua russa, êle não sofreu o menor prejuizo, porque, tendo conservado seu sistema gramatical e seu léxico fundamental, a língua russa continuou a progredir e a aperfeiçoar-se de acordo com as leis internas de seu desenvolvimento.

Não há nenhuma duvida que a teoria do cruzamento não pode fornecer nada de sério á linguística soviética. Se é verdade que a linguística tem por tarefa essencial estudar as leis internas do desenvolvimento da língua, é preciso reconhecer que a teoria do cruzamento, não somente não resolve esse problema, mas nem mesmo o coloca: simplesmente ela não o nota ou não o compreende.

PERGUNTA: — A "Pravda" teve razão de abrir uma discussão livre sobre as questões de linguística?

RESPOSTA: — Teve razão.

Em que sentido as questões de linguística serão resolvidas? Isso tornar-se-á claro no fim da discussão. Mas podemos dizer, desde já, que a discussão foi de grande utilidade.

A discussão mostrou, antes de tudo, que nas instituições de linguística, tanto no centro como nas republicas, reinava um regime incompatível com a ciência e os homens de ciência. A menor critica sobre o estado de coisas na linguística soviética e mesmo as tentativas mais timidas de criticar a pretensa "nova doutrina" em linguística eram objeto de perseguições por parte dos meios dirigentes da linguística e eram imediatamente sufocadas por êles. Por uma atitude critica relativamente á herança de N. J. Marr pela menor desaprovação da doutrina de N. J. Marr, demitiam-se ou rebaixavam-se trabalhadores e pesquisadores de valor no dominio da linguística. Os linguistas chegavam a funções responsáveis não em virtude de seu trabalho, mas de sua aceitação sem reservas da doutrina de N. J. Marr.

E' um fato reconhecido por todos que nenhuma ciência pode se desenvolver e prosperar sem luta de opiniões, sem liberdade de critica. Mas essa regra, geralmente admitida, era ignorada e pisoteada do modo mais arrogante. Criara-se um grupo fechado de dirigentes infalíveis que, depois de se terem protegido de qualquer critica possível, só agiam por sua cabeça e cometiam toda sorte de abusos.

Um exemplo entre outros: as conferências feitas por N. J. Marr em Baku e conhecidas sem o nome de "Curso Baku", curso que o próprio autor renegara e proibira de reeditar, foram todavia reeditadas por ordem da casta de dirigentes (o camarada Mechtchaninov os chama de "discipulos" de N. J. Marr) e inscritas na lista de manuais recomendados sem reserva aos estudantes. Issò quer dizer que se enganava aos estudantes, fornecendo-lhes um "Curso" desautorizado como manual de valor. Se eu não estivesse convencido da honestidade de Mechtchaninov e das outras personalidades da linguística, diria que tal atitude equivale á sabotagem.

Como pôde acontecer isso? Isso aconteceu porque o regime á moda de Araktcheev, instaurado na linguística, cultivava o espirito de irresponsabilidade e encoraja tais abusos.

A discussão foi perfeitamente util, sobretudo porque ela lançou luz sobre esse regime autoritário e o reduziu a pedaços.

Mas a utilidade da discussão não fica nisso. Não somente a discussão espatifou o velho regime em linguística, mas fez surgir o confusioismo incrível que reina nas questões mais importantes da linguística nos meios dirigentes desse ramo da ciência. Antes que a discussão começasse, êles calavam e silenciavam sobre o desassossêgo que existia na linguística. Mas quando a discussão começou e quando se tornou impossivel calar, êles foram obrigados a exprimir-se nas colunas da imprensa. E então? Evidenciou-se que na doutrina de N. J. Marr há toda uma série de lacunas, de êrros, de problemas imprecisos, de teses insuficientemente elaboradas. Pergunta-se por que os "discipulos" de N. J. Marr só começaram a falar disso após a abertura da discussão? Por que não se preocuparam com isso mais cedo? Por que não falaram nisto aberta e honestamente no momento azado, como é próprio dos homens de ciência?

Depois de ter reconhecido "alguns erros de N. J. Marr os discipulos de N. J. Marr pensam, parece, que só se pode continuar a desenvolver a linguística na base da teoria "atualizada" de N. J. Marr, que êles consideram como uma teoria marxista. Eu vos peço por favor, deixemos de lado o "marxismo" de N. J. Marr. N. J. Marr quis realmente tornar-se marxista e procurou sê-lo, mas não o conseguiu. Não foi mais do que um simplificador e vulgarizador do marxismo no gênero dos membros do "Proletcult" ou do "Rapp".

N. J. Marr introduziu na linguística a tésese falsa, não marxista, da língua como super-estrutura e embrulhou-se e embrulhou a linguística. E' impossivel, na base de uma tésese falsa, desenvolver a linguística soviética.

N. J. Marr introduziu na linguística uma outra tésese, igualmente falsa e não marxista, sobre "o caráter de classe" da língua e embrulhou-se e embrulhou a linguística. E' impossivel, na base de uma formulação falsa, em contradicção com todo o transcurso da história dos povos e das linguas, desenvolver a linguística soviética.

N. J. Marr introduziu na linguística um tom sem modéstia, suficiente e arrogante, que não pertence ao marxismo e que leva a negar pura e simplesmente e sem reflexão tudo o que havia na linguística antes de N. J. Marr.

(Conclui na página 42)

MITCHURIN

O nome de Ivan Vladimirovitch Mitchurin, célebre biólogo russo, é conhecido no mundo inteiro. Foi um audaz inovador no domínio da ciência, pesquisador infatigável e grande reformador da natureza. Ele é conhecido e devidamente apreciado no país dos Sovietes, país do socialismo vitorioso, que oferece tôdas as possibilidades para o desenvolvimento da ciência e onde o grande sábio pôde mostrar todo o poder de seu talento.

Mitchurin, fundou uma ciência biológica nova, materialista, que desenvolve e dirige a natureza viva. A teoria geral do desenvolvimento da natureza viva e de sua variação dirigida, constitui a base da biologia materialista. A doutrina mitchurinista, encerra todos os elementos essenciais desta ciência: os princípios e métodos de pesquisas pela via dialético-materialista, no processo de evolução do mundo vegetal e animal. Eis porque a doutrina mitchurinista não tem um alcance biológico restrito, mas geral, abrangendo todos os domínios da ciência biológica: cultura de plantas, criação de gado, medicina, fisiologia, ecologia, etc.

Os princípios teóricos de Mitchurin são irrefutáveis; são justos, não sendo baseados em especulações ou raciocínios abstratos (como os geneticistas formais), mas sobre numerosos fatos observados no vivo e tirados da atividade prática. São o fruto de um longo trabalho, de uma luta obstinada para obter o conhecimento das leis da natureza viva. Passo a passo, com o conhecimento de um sábio autêntico e a sagacidade de um genial naturalista, Mitchurin penetrou nos profundos mistérios da natureza.

Em suas pesquisas científicas, Mitchurin sempre teve em mente as palavras de F. Engels, de que para a Dialética "nada há de definitivo, de absoluto, de sagrado; ela mostra a caducidade de tôdas as coisas e nada existe para a Dialética além do processo ininterrupto do vir a ser e do perecer, da ascensão sem fim do inferior para o superior."

Citando esta indicação eminentemente importante de Engels, Mitchurin escreve: "Eu sempre tive em conta êstes princípios em meu trabalho, e eles me têm inspirado em tôdas as numerosas experiências que empreendi tanto para melhorar as variedades existentes como para obter novas variedades de plantas, frutas e bagas."

Numerosos sábios, que nada têm dado de positivo, nem à teoria nem à prática, têm afirmado, escrevia Mitchurin, que "os organismos vegetais existentes sobre a terra não se modificam, que nada se pode criar melhor que a natureza." Eu afirmo que tôda a variedade das formas vegetais, nasceram graças às mudanças que se produzem sem cessar na natureza, partindo de uma quantidade muito restrita de plantas, e demonstro por fatos numerosos que o homem pode e deve fazer melhor que a natureza.

A doutrina de Mitchurin parte dêste princípio fundamental que as novas propriedades adquiridas pelos vegetais e os animais, sob a influência das condições exteriores de vida, podem ser herdadas. Isto quer dizer que a mudança qualitativa da natureza dos organismos vegetais e animais, dependem das condições de vida.

Portanto, o essencial na doutrina de Mitchurin, não é o cruzamento, nem a hibridação, como afirmam de uma maneira notoriamente incorreta e falsa os representantes da genética formal burguesa. O ESSENCIAL NA DOCTRINA DE MITCHURIN E O PAPEL DO MEIO EXTERIOR, A EDUCAÇÃO ADEQUADA E ORIENTADA DOS HÍBRIDOS.

A hibridação não é considerada por Mitchurin senão como uma fonte de variação das formas próximas corretamente escolhidas, a fim de obter nos híbridos propriedades novas, propriedades desejadas.

Mitchurin afirmou algumas vezes que com a obtenção de sementes híbridas, o selecionador não faz mais que começar o seu trabalho. O organismo jovem, obtido pelo cruzamento de dois genitores, se distingue por uma hereditariedade "abalada" e, portanto, possui uma grande plasticidade. Em um tal organismo, aplicando-se os diversos métodos de educação mitchuriniana, seu crescimento pode ser dirigido pelo selecionador.

Quando o modo de educação é inadequado, mesmo com o melhor híbrido, os resultados são precários, e caso con-

trário, com uma planta híbrida dotada de qualidades indesejáveis, se aplicarmos corretamente os métodos de educação, poderemos obter uma boa variedade nova.

"Confirma-se, no final das contas, sobrelinha Mitchurin, que a estrutura do híbrido não depende senão em 1/10 dos produtores e de 9/10 da influência do meio exterior."

Darwin descobriu a lei do desenvolvimento do mundo orgânico e estabeleceu a concepção exata da evolução dos organismos vivos. Não conseguiu, contudo, mostrar como é necessário dirigir a evolução para criar metódicamente novas formas de plantas no interesse do homem. Esta tarefa devia caber a Mitchurin.

Após ter desenvolvido os lados positivos da doutrina de Darwin, Mitchurin elevou a biologia materialista a um grau superior, criando os fundamentos do darwinismo criador soviético.

Já nos primórdios de sua atividade, Mitchurin, refutou inteiramente, por numerosas experiências, a falsa teoria de Grell, arboricultor conhecido, sobre a possibilidade de aclimatar velhas plantas, algumas vezes frutificadas e pertencentes às variedades meridionais, nas regiões do norte.

Mitchurin demonstrou experimentalmente que a aclimação das plantas é realmente possível, porém, por sementeira. Nenhuma variedade, se não possui em seu país de origem a capacidade de resistir a uma baixa de temperatura igual à temperatura mínima da região para onde foi transplantada, não se aclimata, pelo simples transporte das próprias plantas ou de seus enxertos.

Mitchurin enuncia aqui, pela primeira vez a teoria segundo a qual a natureza da variedade se forma desde os primeiros dias do desenvolvimento da semente, e que, durante este tempo, ela pode ser mais facilmente modificada no sentido desejado pelas condições da educação.

As longas e pacientes pesquisas de Mitchurin para encontrar os melhores métodos suscetíveis de estender as culturas frutíferas para o norte, convenceram-no a praticar a hibridação de formas de plantas geograficamente distantes combinada com a educação dirigida. Quanto mais longe de seu lugar de origem, estivessem as plantas usadas na hibridação, tanto mais se combinavam nos híbridos, as qualidades positivas de seus ancestrais e mais facilmente êstes híbridos se adaptavam às duras condições de zona central da Rússia, onde vivia e trabalhava Mitchurin.

Uma das maiores descobertas de Mitchurin, coisa perfeitamente demonstrada, é que a variação dos organismos obtidos, tanto por via sexual como por via vegetativa ou assexual, é dirigida pelas mesmas leis; e que não existe diferença de princípio entre as células sexuais e somáticas. Êste princípio, muito essencial, Mitchurin demonstrou por numerosas experiências e pesquisas no domínio da hibridação vegetativa das plantas.

As células sexuais, como demonstrou Mitchurin, se formam no final das contas numa determinada etapa do desenvolvimento do organismo, a partir das próprias células somáticas que compõem todo o corpo do organismo.

É por via da hibridação vegetativa que Mitchurin criou variedades de culturas frutíferas de qualidades excelentes. Os híbridos vegetativos constituem um material irrefutável que permite bem compreender esta propriedade, força importante dos organismos: a hereditariedade.

É dirigindo as condições do meio exterior que se pode orientar, aperfeiçoar, criar novas variedades possuindo a hereditariedade que nos é necessária.

Mitchurin elaborou sua teoria do desenvolvimento sobre a base das relações entre o passado histórico do organismo e sua hereditariedade. O organismo está em ligação indissolúvel com o meio exterior, formando uma unidade com êste meio. Mitchurin, considera, portanto, como fator decisivo na formação dos organismos o papel desempenhado pelas condições exteriores. "Como se vê, escreve Mitchurin, há os que pretendem ser sábios conhecedores das leis do reino vegetal, que consideram ingênua e duvidosa minha afirmação relativa à influência exercida pelo meio exterior no processo de constituição de novas formas e espécies; as quais, segundo eles, não foram ainda provadas pela ciência.

R I N (*)

P. IAKOVLEV

Da Academia de Ciências.

É interessante saber antes de tudo, se esses senhores, verdadeiramente acham que as 300.000 diferentes espécies de plantas foram criadas (fora de toda influência do meio exterior) unicamente pela transmissão hereditária das qualidades de seus produtores. Por fim, semelhante solução teria sido absurda. Não se poderia supor que os primeiros indivíduos de organismos vegetais vivos, pudessem dar, por fecundação cruzada, progressivamente, durante dezenas de milhões de anos todo o reino vegetal atualmente existente sobre o globo, sem sofrerem a influência do meio exterior, uma vez que, as condições durante os séculos e os milênios passados, foram tão freqüente e vigorosamente modificadas...

A doutrina de Mitchurin, que não se limita a aprofundar e a desenvolver o darwinismo, tem desempenhado e continua a desempenhar papel considerável no sentido de denunciar o caráter anticientífico das diferentes teorias idealistas reacionárias dos adversários da biologia materialista.

A tendência reacionária idealista, o weismanismo (mendelismo-morganismo), tem reinado há longos anos na ciência biológica. Esta corrente anticientífica, tem sido combatida pela escola materialista de Mitchurin.

A luta violentamente agravada, que dividia os biólogos em dois campos irreconciliáveis, se desenrola ao redor da velha questão fundamental: os organismos vegetais e animais podem herdar os caracteres e propriedades que eles adquirem durante toda a vida. Em outras palavras, a mudança qualitativas da natureza dos organismos vegetais e animais dependem de tais ou quais condições de vida, quer dizer do meio ambiente que age sobre os organismos. A tendência materialista dialética de Mitchurin em biologia, afirma esta dependência por fatos numerosos. A tendência idealista metafísica weismaniana (mendelista-morganista) refuta esta dependência sem provas, gratuitamente.

Em agosto de 1948, se instalou em Moscou a Sessão da Academia Lenin de Ciência Agrícola da URSS, consagrada ao exame da situação na ciência biológica. Nesta sessão, a tendência weismaniana (mendelista-morganista) foi inteiramente denunciada e batida no terreno ideológico como uma tendência anticientífica, reacionária, idealista-metafísica, destacada da vida e praticamente estéril em oposição à mitchurinista que marca o desenvolvimento criador da doutrina darwinista, numa nova etapa superior da biologia materialista. "Esta discussão se desenvolveu sob a famosa divisa de Mitchurin: Não podemos esperar favores da natureza, mas arrancá-los, eis nosso objetivo." Este ensinamento mitchuriano está, pode-se dizer, cheio de espírito bolchevista e exorta não somente os trabalhadores da ciência mas também os milhões de praticos da agricultura, a uma atividade viva, criadora, para o bem e para a glória do nosso povo (V. Molotov.)

A doutrina de Mitchurin, a única ciência biológica avançada do mundo, se desenvolveu e fortificou na URSS, país do socialismo vitorioso. E isto não é um acaso. "A doutrina mitchuriniana, diz o acadêmico Lyssenko, é inseparável da prática dos kolkozos e dos sovietozos. Ela é a forma mais perfeita da unidade da teoria e da prática na ciência agrícola."

Mitchurin escreveu que sem o regime soviético, ele teria sido um ermitão desconhecido na Rússia Czarista. Recordando-se dos tempos pré-revolucionários, Mitchurin escrevia: "Todo o caminho que percorri antes da Revolução era semeado de zombaria, de desprezo de esquecimento. Antes da Revolução, constantemente ouvia o julgamento dos ignorantes sobre a inutilidade de meus trabalhos que eles qualificavam de extravagância e asneiras. Os empregados do Ministério berravam "Como ousas!" Os sábios oficiais denunciavam: meus híbridos como "ilegítimos". Os nobres (sacerdotes)

(*) Prefácio às Obras Escolhidas de I. V. Mitchurin, especialmente traduzido das "Oeuvres Choisies". Edições em Línguas estrangeiras, Moscou, 1949.



"Mitchurin, o jardineiro" — interpretação do grande artista Suisso Hans Erni.

me ameaçavam: Não sejas sacrílego, não transformes o jardim do bom Deus em casa de tolerância". É assim que eles chamavam a hibridação.

Todavia, Mitchurin persistia na realização de seus intentos. Tal como um patriota ardente, um inovador entusiasta, ele se dedica inteiramente aos interesses de seu povo. "Privado de meios pecuniários, desconhecido, escreveu Mitchurin, totalmente isolado da sociedade, constantemente em luta com a necessidade e levando existência miserável com as fontes exíguas, que um trabalho científico minucioso podia render na época, empreguei-me num escritório de estrada de ferro e, mesmo trabalhando no domínio da mecânica, continuava, não obstante a perseguir o fim que me havia proposto.

O Departamento da Agricultura dos Estados Unidos, conhecendo os trabalhos eminentes de Mitchurin e sua situação material penosa, ofereceu em 1911-1913 mais de uma vez lugar na América, ou pelo menos, a compra de toda sua coleção de variedades das formas de origem e dos híbridos. Embora as propostas fôsem naturalmente condições muito vantajosas para Mitchurin, ele sempre as recusou. Não desejava que suas realizações e coleções se tornassem nas mãos dos capitalistas um meio de aumentar seus lucros em lugar de servir o interesse do povo.

Lénin foi o primeiro a prestar atenção aos trabalhos de Mitchurin. Malgrado a guerra civil e a ruína econômica do país, o Governo Soviético, desde os primeiros meses de sua existência, prestou a Mitchurin uma ajuda eficaz. M. Kalinin, então presidente do Comitê Executivo Central dos Soviéticos da URSS, visitou duas vezes a "sementeira" de Mitchurin em Kozlov (atualmente Mitchurinsk. Mais tarde (em 1928), laboratórios notavelmente aparelhados, foram montados naquele local.

Por serviços eminentes prestados na criação de novas formas de plantas, o Governo Soviético conferiu a Mitchurin a ordem de Lénin e da Bandeira Vermelha, do trabalho. Em 1932, por decisão do presidium do Comitê Executivo Central URSS, a cidade de Kozlov, onde vivia e trabalhava Mitchurin, foi chamada Mitchurinsk. Desde então, a cidade de Mitchurin, tornou-se um grande centro de pesquisas científicas para a

Instituto da Hiléia Amazônica

ATENTADO À SOBERANIA NACIONAL

GEORGE CABRAL

Sob a égide da UNESCO, departamento da ONU, realizou-se em 1947, na capital da França, o XXVIII Congresso Internacional de Americanistas, sendo nessa ocasião apresentado o projeto de criação do Instituto da Hiléia Amazônica. O único representante do Brasil nesse conclave apoiou entusiasticamente a iniciativa que lhe parecia das mais promissoras para a cultura e o progresso nacionais.

No ano seguinte, nas cidades de Iquitos, no Peru, e de Manaus, capital do Amazonas, realizaram-se novas conferências sob o patrocínio da UNESCO sendo então transformado no "Tratado de Iquitos", o Convênio estabelecido anteriormente pelas nações integrantes da ONU, para a criação do Instituto Internacional da Hiléia Amazônica.

O governo do Sr. Gaspar Dutra, fiel à sua linha de traição aos interesses nacionais, por seus delegados, não vacilou no apoio à conjura tramada por potências estrangeiras contra a integridade, a soberania de nossa pátria e a liberdade de nosso povo.

Como no caso do Estatuto do Petróleo, a questão da Hiléia Amazônica vem despertando na opinião pública do país a maior indignação. E é mesmo o representante do Brasil ao XXVIII Congresso Internacional de Americanistas, o cientista patricio Sr. Plínio Ayrosa, professor de Etnografia da Universidade de São Paulo, quem modifica sua posição inicial de aplauso à criação do Instituto, para condená-lo enérgicamente como atentatório aos interesses nacionais. Conforme teve ocasião de salientar em carta dirigida ao Sr. Artur Bernardes, diz o Sr. Plínio Ayrosa que emprestou sua solidariedade àqueles que projetaram a criação do Instituto, porque êste para êle seria "apenas a instituição científica capaz de propiciar estudos profundos e sistemáticos da etnografia e da lingüística ameríndias." Alertado, porém, pela leitura dos veementes discursos que o Sr. A. Bernardes vem preferindo na Câmara Federal contra o referido Instituto, esclarece o missivista em sua correspondência: ... "E nessa atitude continuei até 26 de janeiro do ano passado, data da publicação do discurso de v. excia., contrário também aos referidos Estatutos. As palavras de v. excia. por insuspeitas, ponderadas, documentadas e altivas, choçaram-me profundamente e levaram-me à convicção de que o Instituto da Hiléia Amazônica, tão almejado por todos os estudiosos, pretende, em verdade, erguer-se sobre os escombros da soberania de nossa pátria." Nesta carta do Sr. Plínio Ayrosa, publicada no "Correio Paulistano", edição de 16 de abril dêste ano, vemos a que pode conduzir o "apoliticismo", mesmo quando o apolítico é um homem honesto. Esse outro trecho do já famoso documento dá-nos uma prova de como, por estar segregado do mundo, colocado na torre de marfim das altas pesquisas científicas, pode um cidadão cometer contra sua própria pátria um crime imperdoável: ... "Muitíssimo afastado das atividades político-partidárias, por temperamento e por força de minhas funções de professor, atribuí tal oposição ao desconhecimento das grandes vantagens que o Instituto traria à nossa cultura universitária." Esse alheamento do Prof. Plínio Ayrosa às atividades políticas, fizera-o admitir que os brasileiros colocados em oposição ao Instituto da Hiléia, somente assim faziam por falta de conhecimento do assunto; e se não fôra a leitura dos discursos do Sr. Bernardes, o eminente professor da Universidade de São Paulo estaria para toda a vida, quem sabe, comprometido na conspiração estrangeira contra o Brasil! No mínimo, é ao que o "apoliticismo" pode levar... A manifestação popular de que foi alvo no Rio de Janeiro o Sr. Artur Bernardes, no mês de abril próximo passado, nela sua atitude patriótica de condenação ao Instituto da Hiléia, demonstrou a todos que a assistiram a extraordinária vitalidade anti-imperialista de nosso povo, e a sua disposição de não permitir, sejam quais forem as consequências, a ocupação do solo da patria por militares estrangeiros mascarados de cientistas.

Não é segredo para ninguém que os Estados Unidos controlam através dos representantes dos governos latino-americanos a UNESCO, organismo da ONU, de onde partiu o projeto da Hiléia Amazônica. Todos sabemos que o governo americano, dirigido pelos trustes, aplica com relação não somente aos países enquadrados no Plano Marshall, mas notadamente aos países da América do Sul uma política de

dominação total, tendo em vista planos de guerra. E é dentro desses sinistros planos de dominação e de guerra que se situa o Instituto Internacional da Hiléia Amazônica, conforme vamos ver.

O território do Brasil compreendido na zona de operações do Instituto da Hiléia, representa mais de um terço do país, atingindo, além do Estado do Amazonas, o Pará, o Norte de Goiás, o Norte de Mato-Grosso, os Territórios de Guaporé, Acre e Amapá, estendendo-se assim por 3.500.000 quilômetros quadrados. Segundo o inciso a do artigo I do texto da Convenção temos: "Os Estados contratantes por meio da presente convenção, criam o Instituto Internacional da Hiléia Amazônica com o objetivo de promover, coordenar e divulgar os estudos sobre a mencionada zona geográfica que será oportunamente delimitada." Uma organização que conta com representantes de cerca de sessenta nações, pretende pura e simplesmente firmar-se no território nacional, para "coordenar e divulgar os estudos" que ali realize. E se acha ainda com o direito, independente de consulta ao povo brasileiro, de delimitar as fronteiras de sua atividade, estendendo assim pelo Brasil afora seu domínio, se assim seus interesses aconselharem.

Mas não é só. Na letra b do inciso a, encontramos: ... "Para realizar seu propósito, o Instituto terá as funções de estabelecer, fomentar, manter colaboração efetiva entre governos, organizações, grupos e pessoas interessados em estudos científicos, pesquisas e levantamento de dados de caráter científico, relativos à Hiléia Amazônica". Uma organização estrangeira dentro do nosso território com o direito de fornecer a governos, empresas, pessoas e quem mais seja, informações sobre assuntos privativos de nossa Pátria! É a alienação completa da soberania nacional com a abertura de nossas portas à espionagem estrangeira! Somente um governo como o do Sr. Dutra, ontem aliado de Hitler e Mussolini quando nossa pátria dava seus filhos para a luta contra o fascismo, poderia consentir num crime como êsse!

"O Instituto poderá adquirir, possuir ou alienar bens, contratar e assumir obrigações, receber contribuições e doativos, movimentar fundos, criar e gerir centros científicos e outros serviços, e em geral executar qualquer ato legal necessário às suas finalidades e funções", é o que diz o inciso b. O Instituto da Hiléia, dirigido pelos americanos e seus prepostos, teria assim o direito de fazer e desfazer a seu talante, podendo mesmo comprar e vender o solo e o subsolo da região amazônica. Tudo isso sem que tivesse qualquer obrigação de submeter seus atos ao povo brasileiro, de vez que, negando as leis do país, e decidindo à nossa revelia, estaria cumprindo a cláusula do inciso b pelo qual o Instituto se reserva o direito de "executar qualquer ato legal necessário às suas finalidades e funções." A Standard Oil, a United States Steel Corporation, a Anderson Clayton, a Good-Year e tantas outras empresas estrangeiras ficariam com o campo livre para a exploração do petróleo, do manganês, do ouro, da borracha e demais inumeráveis riquezas que tanto valorizam a região amazônica.

O Instituto da Hiléia Amazônica será dirigido por um Conselho do qual participarão os representantes das ações signatárias do Tratado de Iquitos. A participação do Brasil é feita em "igualdade" de condições com as outras nações. Teremos direito a um voto, não obstante cedamos mais de um terço de nosso território e tenhamos de arcar com as responsabilidades de uma despesa anual de oito milhões de cruzeiros para a instalação e manutenção dos serviços do Instituto. Teremos de competir assim, no terreno da "igualdade" com os EE.UU. e outras nações, para a pesquisa, o estudo, a exploração, e o que mais deseje o Instituto, dentro de nosso território. É a "igualdade" referida certa vez por Luís Carlos Prestes num dos muitos discursos que proferiu contra a penetração imperialista no Brasil, é a conhecida aliança do pote de barro com o pote de ferro. Ou em lin-

guagem esportiva, é a "igualdade" que se imporia, por exemplo, a um boxeador brasileiro, principiante, que se devesse defrontar em um tablado com o veterano Joe Louis; o lutador brasileiro teria o direito, dentro da "igualdade", de esmurrar Joe Louis, e este o direito de esmurrar o nosso lutador principiante... Claro que o "demolidor de Detroit" nada teria a perder em semelhante luta.

Mas, como dizíamos, no Conselho Diretor do Instituto da Hiléia, o Brasil tem apenas direito a um voto. Esse Conselho, conforme o texto da Convenção, é escolhido por maioria de votos e, por sua vez, elege a Comissão Executiva. O Brasil poderá ou não, desde que assim decida a maioria, participar de um ou dois dos órgãos dirigentes do Instituto. Se eleito, poderá ser posteriormente excluído, se assim os interesses da maioria ditarem. E neste caso, para assuntos que dizem de perto questões referentes ao nosso próprio território, o Brasil não poderia opinar! Acrescente-se a isso o caráter entreguista do atual governo, e então veremos mais claramente o conteúdo criminoso desse organismo internacional.

Para não irmos mais longe, vamos ver o que diz o Capítulo XII do Convênio: "Os privilégios e imunidades do Instituto, de seus bens e das pessoas vinculadas às suas atividades e serviços, serão delimitadas e definidos por uma Convenção Especial a ser concluída posteriormente entre os Estados membros." Por tal capítulo, teremos uma numerosa malta de espíões gozando de tôdas as imunidades, praticando "oficialmente" todos os crimes contra o Brasil. Os brasileiros contratados para os serviços do Instituto — e todos os habitantes da região amazônica poderiam ser "habilmente" incorporados a essa organização estrangeira — seriam "internacionalizados" e sujeitos assim a leis redigidas de acôrdo com os interesses americanos. E ainda, pretextando a defesa dos bens daqueles estrangeiros ligados ao Instituto, este estaria no direito de criar polícia própria, e também para a interpretação de suas leis e conseqüente aplicação, um corpo judiciário, sem dúvida também escolhido pelo voto da maioria... Os estrangeiros pertencentes ao Instituto estariam fora da jurisdição brasileira, completamente livres de qualquer contrôle de nossa parte, sem pagar impostos, sem responder por crimes perante nossos tribunais, num verdadeiro paraíso.

Temos assim em linhas gerais o que se compreende pela denominação pomposa do Instituto Internacional da Hiléia Amazônica.

Em discurso proferido na Câmara Federal, o líder conservador Sr. Artur Bernardes teve ocasião de denunciar o Instituto da Hiléia Amazônica, e valendo-se de noticiário procedente dos EE.UU., fez oportuna denúncia da preparação de

uma expedição norte-americana com destino à Amazônia. Expedição que vem munida de navios especiais, aviões, helicópteros, "cientistas" das Fôrças Armadas dos EE. UU., e financiada particularmente pela Standard Oil, pela R.K.O. Rádio Pictures, e também pela Marinha e pela Fôrça Aérea americana. Traz essa expedição um imenso aparelhamento fotográfico, com o qual pretendem devassar os nossos segredos, filmando os pontos estratégicos do Brasil, e assenhoreando-se assim de todos os meios de defesa naturais ou artificiais com os quais contemos para a defesa de nossa soberania. É a invasão de nosso território por tropas estrangeiras desta vez "protegidas" por um Instituto que de "científico" e "cultural" só tem a fachada, como bem deixou claro em sua carta ao Sr. Bernardes, o cientista Plínio Ayrosa.

Em verdade, e isso é o que precisa ficar claro, o que se pretende com o Instituto Internacional da Hiléia Amazônica é dar caráter permanente e em bases sólidas, à espionagem ianque no Brasil. O que se deseja é oficializar essa espionagem que o Departamento do Estado há tanto realiza no país com a conivência do governo do Sr. Dutra. O que se objetiva é habituar os brasileiros à permanência de "cientistas" estrangeiros em nosso solo, que procurarão tornar-se familiares à nossa gente, e assim, mais facilmente, prepararem o terreno para a dominação total de nossa pátria. A criação do Instituto da Hiléia, e sua instalação antes mesmo que a Câmara Federal tivesse tempo de opinar, mostra a pressa com que anda o imperialismo ianque na execução de seus planos de colonização e de guerra.

E na iminência de uma nova guerra, guerra atômica e de extermínio da humanidade, como é a que os EE.UU. intentam, temos que ver na criação desse Instituto mais uma manobra do Departamento de Estado com o propósito de nos arrastar e a outros povos latinos-americanos, às suas aventuras suicidas contra a União Soviética e as Democracias Populares. Pois o que visa o imperialismo é a transformação de toda aquela região do Brasil em zona de guerra, com o aproveitamento das riquezas minerais e vegetais que ali existem, para o fabrico de material de guerra, para a fabricação da bomba atômica, esse instrumento de morte contra o qual já se levanta a humanidade, exigindo sua interdição imediata. A luta assim contra o Instituto da Hiléia, contra a internacionalização de mais de um têrço do território brasileiro, contra a entrega do Brasil aos militaristas ianques, além de representar uma valiosa contribuição à causa da libertação nacional do jugo estrangeiro, constitui também um poderoso obstáculo que o nosso povo levantará no caminho dos que, como Truman e Dutra, almejam uma terceira guerra mundial.

A V I D A

P. PAVLENKO

Ela atravessava a rua com menininho de quatro anos. Dois bondes — um que ia e outro que vinha — barraram-lhe o caminho parando em frente. Ela esperou que passassem.

De repente, o pequeno, dando um salto de alegria, atirou-se diante dos bondes que se punham em movimento. A mãe deu um grito, um grito tão horrível que ambos motorneiros brecaram ao mesmo tempo. Os passageiros espicharam o pescoço para ver o que se passava.

— Que mulher! — exclamaram alguns. — Que susto nos deu!

Ela correu apavorada por onde havia desaparecido a criança, gritando — Kolya! Kolya!

— Como é o menino? Não é um de blusa azul? Loureiro.

Sem voz, a limpar o suor que escorria pela testa, ela fazia que sim com a cabeça, fitando com olhos arregalados de pavor as pessoas em derredor.

— Não é aquele?... Veja! Um militar está carregando-o. Deve estar ferido...

— Onde? Onde? — e ela correu na direção indicada.

Um aviador, moreno, coberto de pó da cabeça aos pés, descia a rua levando Kolya nos braços. Beijava e abraçava o menino que ria, feliz.

— Camarada aviador! Camarada aviador, o senhor está louco? — bradava a mãe correndo-lhe no encalço.

Mas o aviador parecia não ouvir e continuava andando.

— Kolya, meu Kolyinha — repetia êle como num transe. — Como é que você veio parar aqui, seu diabinho?

— Que significa isso?! — A mulher agarrou o aviador pelo braço e fê-lo parar. Estava transtornada. — Aonde vai com meu filho? — exclamou. — Isto é o cúmulo! Largue-o imediatamente ou chamo um policial!

O aviador encarou-a perplexo.

— Que deseja? — perguntou.

Começou a juntar gente.

— Aonde leva meu menino? Isto é um desafôro!

— Seu menino? Ele é meu filho! e, como que para se certificar bem, atentou, perturbado, na criança. — De quem você é filho, Kolya?

— Seu, papai — respondeu o garôto, e mostrando a mulher: — e ela é minha mãe.

— Mãe de quem? Onde está sua mãe?

— Minha mãe verdadeira está no cemitério — explicou Kolya. — Os alemães, quando vieram, mataram minha mãe; tia Lipa tapou meus olhos, mas depois eu vi...

— Está bem, Kolya, basta — o pai teve um gesto convulso. Então êle foi adotado pela senhora. Faz tempo isso? — perguntou, dirigindo-se à mulher.

A verdade sobre a Associação Brasileira de Escritores em S. Paulo

ROSSINE CAMARGO GUARNIERI

Desde a sua fundação, em 1942, a seção paulista da Associação Brasileira de Escritores vem sendo dirigida por um pequeno grupo de associados, encabeçado por Sérgio Milliet, Mário Neme e outros poucos.

Esse grupo, através destes oito anos, veio se revezando nos cargos da Diretoria e do Conselho Fiscal da A.B.D.E., valendo-se de vários expedientes, entre os quais se destaca o de fazer com que os seus possíveis opositores ou concorrentes estejam sempre com as mensalidades atrasadas, não podendo, assim, participar das eleições em que são os principais interessados. Outro expediente muito utilizado por esse grupo tem sido o de manter os associados do interior do Estado (que constituem a maioria no quadro social) na mais completa ignorância a respeito de todas as questões ligadas à vida da entidade.

Durante um longo período, as eleições se processaram com a participação de apenas algumas dezenas de associados da Capital, quando o quadro social da A.B.D.E., em São Paulo, conta com cerca de setecentos sócios.

Inconformado com esse estado de coisas, em princípios de 1948, um expressivo grupo de escritores se organizou num movimento de opinião para modificar a situação existente, através de um trabalho de esclarecimento. Para sua melhor identificação, esse movimento recebeu o nome de "Movimento Renovador da A.B.D.E.". Encabeçavam-no escritores de todas as tendências políticas e literárias, podendo-se destacar, dentre eles, os seguintes: José Geraldo Vieira, Joaquim Nobre Pinto Nazário, Jamil Almansur Haddad, Mário da Silva Brito, Domingos Carvalho da Silva, Caio Prado Júnior, José Escobar Faria, Afonso Schmidt, Geraldo Pinto Rodrigues, Rossine Camargo Guarnieri, Helena Silveira, Artur Neves, Carlos Burlamaqui Kopke, Péricles Eugênio da Silva Ramos, João Acioli, Ciro T. de Padua, Abguar Bastos e outros, e tinha por finalidade principal:

1.º Exigir a moralização das eleições associativas, que sempre se realizaram baseadas em métodos deliberadamente antiquados, que permitiam fraudes, (sistema das procurações...) e pleitear a adoção de um regulamento honesto para os futuros pleitos;

2.º Quebrar o caráter absurdamente secreto imperante na vida da associação, permitindo aos associados o livre exame das atas das reuniões da diretoria e dos balancetes financeiros, que nunca foram publicados;

3.º Lutar pela reforma dos Estatutos Sociais e do Regimento Interno, de maneira a melhor atender aos interesses dos seus associados, principalmente, os do interior do Estado.

No decorrer da campanha que então se desenvolveu em todo o Estado, conseguiu o "Movimento Renovador", no curto espaço de sua organização, algumas vitórias substanciais, vencendo as artimanhas de um pequeno grupo de interessados em manter a A.B.D.E. (Seção de S. Paulo), na mais completa inatividade, servindo-se da sua sede social como escritório comercial e como reduto de uma panelinha de aproveitadores chefiados por Sérgio Milliet e Mário Neme.

Depois de muitas relutâncias e negações por parte desses elementos, conseguiu o "Movimento Renovador" a reforma do Regimento Interno da A.B.D.E. (Seção de São Paulo), principalmente, na parte referente às eleições que passaram, então, a ser baseadas em regulamento especial — garantia da inviolabilidade do voto.

O 2.º ponto principal do programa do "Movimento Renovador", o franqueamento das atas, balancetes e outros documentos da entidade ao livre exame dos associados, jamais foi conseguido inteiramente, sendo sempre apresentadas pelos responsáveis as mais ridículas desculpas para não permitir o exame daqueles documentos que, até hoje, permanecem secretos.

Pressionada pelo "Movimento Renovador", em outubro de 1949, a Diretoria da A.B.D.E. (Seção de São Paulo) foi obrigada a convocar uma assembléia que tinha por expressa finalidade a reforma dos Estatutos Sociais.

Essa assembléia foi realizada no dia 13 de outubro de 1949. Os trabalhos decorreram normalmente e, em debate livre, foram feitas algumas alterações no texto do Estatuto, à luz de um anteprojeto apresentado pela comissão, pouco antes, nomeada.

Ela mordida os lábios, contendo forte emoção.

— Vamos — disse o aviador, — acalme-se. Que devemos fazer? Precisamos conversar ... Para onde ia a senhora?

— Para casa.

— Para casa? Então vamos para lá. É verdade que estou que pareço nem sei o quê... E que negócio complicado arranjei... Mas não se incomode...

Os curiosos abriram-lhes passagem.

— Não é nada... É por aqui o caminho... à direita...

Mas o senhor não vai fazer nada contra a lei.

Não pode... Não deve fazer...

Ele não dizia nada. Ela o seguia como uma culpada que, presa em flagrante, sabia o que a esperava.

Nem souberam como chegaram à casa.

Era um quarto apenas, pequeninho, mobiliado só com sofá, uma mesinha e um fogareiro a óleo em cima de uma mala. Num canto viam-se alguns brinquedos quebrados.

O aviador depôs o menino no chão.

— Permita-me. Sou o Major Brazhnev.

— E eu me chamo Rogaltchuk. Tenho prazer em conhecê-lo. Espero que não tenhamos nenhum desentendimento.

— Que espécie de desentendimento poderíamos ter? — perguntou-me ele, surpreso, fitando essa mulher que lhe dava a impressão de ligeiramente desagradável.

Ela era de estatura média, um tanto magra, de rosto agradável porém com acentuados sulcos em redor da boca. Sua fisionomia denotava extrema perturbação, tristeza e desesperança. Os braços finos tinham um ligeiro tom azulado. Anemia.

— Sente-se, por favor — disse ela. — É melhor extrarmos em conversa. Não tenho muito tempo.

— Não quer primeiro lavar o rosto — refrescar-se um pouco, camarada Brazhnev? E tomar uma chávena de chá?...

O major percebeu na voz da mulher o desejo de retê-lo, de pedir-lhe um favor, implorar-lhe algo.

— Não, vamos primeiro resolver o assunto.

Antes de começar sua história, porém, ela retirou-se um instante do quarto indo falar com a gente do vizinho. Brazhnev ouviu ruído de chaleira e louça.

— Eu morava em Leningrado — começou Rogaltchuk. Meu marido foi morto em janeiro, quase ante meus próprios olhos. Fiquei sózinha. Foi-me tão grande o golpe, que não sabia como continuar vivendo. Necessitei de alguém ao meu lado cuja vida, cuja felicidade, dependesse de mim. Resolvi adotar um orfão. Existiam muitos. Mas não encontrei logo no início o que idealizava. Procurava um que se parecesse com meu marido. É verdade que criança muda muito de fisionomia, mas o que eu desejava, pelo menos nos primeiros dias, era rever as feições queridas de meu marido nalgum rosto. Também queria que o menino tivesse o mesmo nome que ele. Quando vi Kolya senti que era ele quem eu procurava para meu filho, meu filho para sempre.

— Mas ele não é orfão — retrucou o major. — Houve um engano.

— Sou orfão, sim, papai — interpôs o menino. — Tia Lipa também foi morta pelos alemães.

Ali estava o menino, um pedacinho de gente, o rostinho estreado de veias azuladas, a ouvir a deslinda de sua própria vida.

— No orfanato me disseram que a mãe e o pai de Kolya haviam sido mortos, e que os parentes mais próximos ou também teriam sido mortos ou se encontravam feridos no hospital. Tratei logo de preencher as formalidades, fiquei com o menino.

Acostumados a encontrar pela frente a oposição sistemática e organizada dos elementos que se encontravam dirigindo a seção paulista da A.B.D.E. contra tôdas as propostas honestas apresentadas pelos integrantes do "Movimento Renovador", causou surpresa a "boa-vontade", o "liberalismo", a inexplicável "honestidade" então demonstrada por Sérgio Milliet, Mário Neme e seu grupelho, durante o transcurso da assembléia. Esse liberalismo chegou a tais extremos que coube ao cínico e bifronte pelego socialisteiro Sérgio Milliet propor à assembléia que a mesa fôsse secretariada por elemento do "Movimento Renovador", procurando, com esse gesto, simular uma honestidade que nunca lhe foi própria.

Por falta absoluta de vigilância da parte dos elementos do "Movimento Renovador", não se conseguiu descobrir, no momento, o golpe oculto que estava sendo preparado pelos apaniguados de Sérgio Milliet e Mário Neme.

A explicação para a atitude aparentemente limpa e honesta demonstrada por Sérgio Milliet, Mário Neme, Antônio D'Elia e seus comparsas, somente veio a furo em abril do corrente ano, quando a Direção Nacional da Associação Brasileira de Escritores convocou as suas seções estaduais e, dentre elas, naturalmente, a de São Paulo, para apoiarem o III Congresso Brasileiro de Escritores, a realizar-se na Cidade do Salvador (Bahia), de 17 a 21 de abril de 1950.

A realização desse importante certame tinha sido aprovada, inclusive pela Seção de S. Paulo da A.B.D.E., no II Congresso Brasileiro de Escritores, levado a efeito em Belo Horizonte, em 1947 e, em 1949, na Convenção Regional de Escritores, promovida pela seção paulista, na cidade de Campos de Jordão, e cujas importantíssimas resoluções não foram divulgadas pela diretoria chefiada por Sérgio Milliet, porque elas contrariavam os interesses mesquinhos de seu bando.

Pois bem. Qual foi a posição adotada pela Diretoria da Seção paulista, diante daquela convocação? Por incrível que pareça, foi esta:

A maioria da direção da seção paulista, acolitada pelos aventureiros capitaneados por Sérgio Milliet e Mário Neme, respondeu à direção nacional da A.B.D.E. que não daria apoio oficial àquele importante congresso, alegando que a seção paulista da entidade não mais fazia parte da Associação Brasileira de Escritores de caráter nacional e que se constituía em entidade independente e autônoma, desligada do órgão nacional, com a reforma de seus estatutos, verificada na assembléia do dia 13 de outubro de 1949... A surpresa foi geral. Jamais os associados da seção paulista foram convocados para o fim expresso de reformar os esta-

tutos, com o propósito de desmembrar a Associação Brasileira de Escritores, entidade de caráter nacional, com seções em quase todos os Estados do Brasil.

A manobra, como se verificou posteriormente à confissão pública de divisionismo, foi realizada da seguinte maneira: ao passar para o livro de atas o texto do Estatuto então reformado, coube a Antônio D'Elia (comparsa de Sérgio Milliet e Mário Neme) secretário da então diretoria, alterar, sutilmente, o nome da entidade que de "ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES (SEÇÃO de S. Paulo)", passou, por um golpe de mágica, a denominar-se apenas "Associação Brasileira de Escritores de S. Paulo"...

Os aventureiros haviam suprimido da ata a palavra "SEÇÃO", que dava à entidade paulista, desde a sua fundação, o caráter de parte ESTADUAL de um todo NACIONAL, pretendendo, com essa manobra sorrateira e cavilosa, ludibriar a boa-fé de cerca de setecentos associados que NÃO FORAM CONVOCADOS PARA AQUELE FIM CRIMINOSO e nem delegaram poderes para meia dúzia de chantagistas mascarados de escritores desmantelar a sua entidade de classe e transformá-la em valhacouto de negociastas e provocadores! O pretenso desligamento da Seção paulista era, assim, fruto de um embuste, por isto mesmo, ilegal e de nenhum efeito.

A prova mais completa do divórcio entre os associados e o bando de aventureiros que promoveu aquela manobra, tivemos no fato de mais de 100 associados da Seção de S. Paulo (Interior e Capital) terem dado o seu decidido apoio ao III Congresso Brasileiro de Escritores, colocando-se, assim, abertamente, contra a orientação divisionista da sua diretoria que, contrariando matéria aprovada em congressos anteriores, lhe negara apoio oficial.

Ao tomar conhecimento dessa absurda situação, a direção nacional da Associação Brasileira de Escritores poderia ter levantado essa grave questão no plenário do III Congresso Brasileiro de Escritores, desmascarando definitivamente esse grupelho de provocadores e pelegos divisionistas que, a serviço de ambição pessoal desmedida e apoiado na mais absoluta ausência de qualquer resquício de escrúpulo e honradez, teve o desplante de levar a termo esse manejo subreptício e indecoroso. Não o fez, porém, esperando que a diretoria subsequente, a atual, dirigida pelo Sr. Sérgio Buarque de Holanda, promovesse a correção daquele ato ilegal e reconduzisse a Seção de S. Paulo à comunhão nacional da Associação Brasileira de Escritores, da qual se afastara contra a vontade da esmagadora maioria de seus associados. Isso, entretanto, não aconteceu. Os atuais componentes da direção da A.B.D.E. em São Paulo, tendo à frente o Sr.

— Não fui eu que fui morto, e sim alguém com o mesmo nome — observou o major.

Rogaltchuk parecia procurar algo.

— Que está procurando, mamãe? — perguntou o garoto.

— Minha carteira, meu bem.

— Você nunca enxerga as coisas, mamãe. Está ali na cadeira.

O major observou o menino com o rabo dos olhos. Sentira-se mal ouvindo o menino chamar de mamãe a essa mulher estranha, mas não podia repreendê-lo.

Rogaltchuk tirou o passaporte da carteira e apresentou-o ao major.

— Julguei-me no direito de adotar o filho de um comandante do Exército Vermelho, morto em ação. Asseguro-lhe que tive boa educação e que ganho o suficiente para criar o menino... E também sou viúva de um comandante do Exército Vermelho.

Sua voz tinha um tom grave mas agradável, e ouvindo-a Brazhnev pôs-se a lembrar daquela outra mulher — daquela mulher tão cheia de espírito e vida, que nunca mais viria. Daquela que fôra sua esposa e a quem unira sua felicidade, suas esperanças, sua própria vida. Parecia-lhe que com sua morte, perdera um pedaço de si mesmo, transformando-se num mero mortal, vulnerável, sem destino. Com ela se fôra parte de seu futuro.

Do quarto vizinho trouxeram uma bandeja com chá e geléia de frutas. Brazhnev serviu-se de uma xícara e distraidamente nela pôs duas colherinhas de geléia.

Reinava silêncio no quarto. Rogaltchuk, evidentemente, já lhe houvera dito tudo que havia a dizer.

Papai, olhe o que você fez! E você não é pequeno — Kolya estava radiante de pilhar o pai fazendo o que não de-

via. — Mamãe vai passar um pito. Não sabe que geléia não é para pôr no chá?

O pai sorriu, humilde.

Estou fazendo bobagem? Ando desnorteado... Desculpe, não faço mais isso. Coma um pouco de geléia, Kolya.

— Não é isso que devo fazer, disse o garoto em tom de mentor. — Devo primeiro tomar minha aveia, para depois tomar chá.

— Vejo que o senhor não estava prestando atenção no que eu dizia observou Rogaltchuk com a voz trêmula de emoção. — Ora, ouça: Kolya é tanto meu filho quanto seu. É meu filho perante a lei. Adotei-o.

— Que quer dizer com o adotou? Ora...

— Seu nome continua naturalmente sendo Nicolau Brazhnev. Mas está registrado no meu passaporte.

O major levantou-se e pôs-se a andar de um lado para o outro.

— Que situação complicada — observou. — Que devemos fazer? Precisamos decidir imediatamente. E de maneira sensata. Quero, em primeiro lugar, agradecer-lhe por tudo que fez por Kolya e pelo carinho e amor que lhe dispensou. Estou realmente profundamente grato. Se o tivesse encontrado por aí abandonado nem sei o que faria. Não quero nem pensar... Bem, que faremos quando eu voltar da guerra?

Para que pensarmos nisso agora? — replicou Rogaltchuk com firmeza. Quando chegar a ocasião estou certo que resolveremos a questão da melhor maneira para o menino.

Nunca o pequeno parecera tão querido para o pai. Na sua camisinha remendada parecia muito preocupado. Compreendia que seu destino estava sendo traçado, e talvez receasse que os adultos não o decidissem da melhor maneira.

Sérgio Buarque de Holanda, resolveram apoiar publicamente os atos ilegais da diretoria anterior e subscrever todos os seus desmandos.

Diante dessa situação, a diretoria nacional da A.B.D.E., apoiada no Art.º 20 de seus Estatutos, resolveu endereçar a três dos atuais responsáveis pela entidade paulista, Srs. Sérgio Buarque de Holanda, Luís Lopes Coelho e Raimundo de Meneses, a carta que foi amplamente divulgada pela imprensa desta Capital e que sai publicada em outro local desta revista, informando a esses senhores que a diretoria nacional da A.B.D.E. havia tomado conhecimento do desligamento ilegal praticado pela diretoria de S. Paulo (o que valia considerar inexistente a A.B.D.E. neste Estado), exigia a pronta entrega do patrimônio social e determinava que se abstivessem de usar indevidamente o nome da entidade, à qual não mais pertenciam.

Ao mesmo tempo, a A.B.D.E. nacional resolveu credenciar numeroso grupo de escritores de S. Paulo para, em nome da direção nacional da associação, organizar, instalar e fazer funcionar neste Estado a Seção estadual e os Núcleos municipais da Associação Brasileira de Escritores, a fim de prosseguir na luta pela unidade democrática dos escritores brasileiros.

Frente à publicação das cartas do escritor Álvaro Moreyra, presidente da A.B.D.E. nacional, a atual diretoria de S. Paulo convocou uma reunião especial e coube ao Sr. Sérgio Buarque de Holanda vir a público, através de uma carta, em nome de seus colegas, para responder a Álvaro Moreyra.

A pretendida resposta contém afirmações que somente podem convencer aos que ignoram totalmente o que foi e o que tem sido a vida da seção paulista da Associação Brasileira de Escritores, entregue sempre à nefasta influência de uma camarilha de politiquinhos e aproveitadores sem escrúpulos.

A leitura da carta enviada por Sérgio Buarque de Holanda à imprensa nos conduz à convicção de que esse escritor e com ele os demais membros da atual diretoria da organização que dirigem, resolveu assumir publicamente a inteira responsabilidade de todos os atos ilegais praticados pelas diretorias anteriores da A.B.D.E. em nosso Estado.

Para mim, isso é simplesmente prova de rematada burrice. Mais, diz um ditado popular: "O que é de gosto é regalo da vida..."

Essa é a verdade sobre a Associação Brasileira de Escritores em S. Paulo. O resto é conversa para os parvos e os desonestos. E com estes, nós nada temos em comum.

* * *

O major suspirou.

E seu ordenado — dá para dois?

Não tenho queixas — retrucou Rogaltchuk. Seu semblante desanuviava-se.

— E quanto a roupas — deve ser um problema difícil hoje em dia?

— Ele tem o essencial. A época também não é para luxos. Além do mais Kolya é um menino ajuizado e de boa índole.

— Bem, contribuirei com uma parte do que ganho. Outra coisa: a senhora terá que se pôr em contacto com a cooperativa do Exército e da Marinha. É, vamos fazer isso. Tem um lápis? Tome nota do número do meu correio de campanha.

Rogaltchuk tomou nota.

— Talvez agora queira lavar o rosto? — disse ela oferecendo-lhe uma bacia d'água.

— Obriado. Não estou tomando seu tempo, espero?

— Não, não. Hoje é meu dia de folga.

— Mamãe vai me levar ao cinema hoje — disse Kolya.

— Quer ir também, papai?

— Não posso, meu filho. Tenho que viajar. Mas irei acompanhá-los até lá.

Rogaltchuk retirou-se do quarto para deixar o major à vontade. Este lavou o rosto e o pescoço. Depois pegou o nassanorte de Rogaltchuk e pôs-se a examiná-lo atentamente. Estava ainda lendo quando ela voltou.

— Então seu nome é Zinaida Antonovna, — disse meio sem jeito. — Ora, ora... Eu sou Vasili Vasilyevitch. Penso que é melhor tornarmos-nos amigos, que acha?

— Acho que é boa idéia, — respondeu ela sorrindo.

O major escovou o uniforme e limpou com o lenço as condecorações do peito.

E nesta hora em que as piranhas intelectuais da reação tentam abocanhar a seção paulista da A.B.D.E. — patrimônio comum dos escritores democratas do Brasil — eu me dirijo a todos os intelectuais honestos e patriotas — àqueles que não se corromperam no exercício de sua profissão — apelando para que mantenham a unidade nacional da Associação Brasileira de Escritores em todos os Estados do Brasil, não permitindo o prosseguimento dessa politicagem rasteira, impatriótica, mentirosa e divisionista, que só aproveita aos desfibrados e velhacos fantasiados de intelectuais apolíticos.

E a unidade que devemos preservar e ampliar não é a imunda comunhão das ratasanas traidoras e reacionárias e sim a unidade democrática e patriótica, preconizada por escritores livres, na "Declaração de Princípios", do III Congresso Brasileiro de Escritores, unânimemente aprovada por intelectuais de todas as tendências políticas e literárias:

"Fiéis às tradições e aspirações de nosso povo e de nossa cultura, que são de paz, amor à Pátria e à liberdade, os escritores brasileiros adotam os seguintes princípios:

I — É indispensável ao exercício da profissão do escritor a existência de condições materiais adequadas. Sentem, por isso, os escritores, necessidade de lutar pela emancipação econômica e o desenvolvimento de nosso país;

II — É condição do livre exercício da atividade criadora no domínio da literatura e da arte um clima democrático e de garantias constitucionais. No Brasil, tais garantias têm sido constantemente violadas por atos de arbítrio do poder público e postas em perigo por projetos de leis obscurantistas e retrógrados como os de imprensa e de segurança nacional;

III — Os escritores brasileiros, em face da ameaça de guerra e do emprêgo da bomba atômica, proclamam sua vontade de lutar pela interdição dessa arma de agressão e de extermínio e pela conclusão de um entendimento entre as principais potências que integram a ONU;

IV — Para alcançar tão nobres objetivos, devem os escritores trabalhar por ampla unidade, acima de quaisquer divergências. Assim, ao mesmo tempo que traduzem os anseios da maioria, identificando-se com a realidade, poderão colocar sua arte a serviço do povo, dos ideais de paz, democracia, progresso e bem-estar."

É contra essa "Declaração de Princípios" que estão lutando alguns escribas e traidores, acobertados pelo manto de uma tese falsa, que se estriba num profissionalismo apolítico e leva os escritores a esquecer de que, antes de ser intelectuais, são cidadãos e brasileiros e têm deveres para com o nosso povo e nosso país.

— Bom, é hora de ir-me embora.

Sairam juntos, dando a mão ao garoto.

Brazhnev, com suas condecorações, atraía a atenção de toda a garotada. Paravam para olhá-lo de boca aberta. Kolya, orgulhoso e feliz, seguia entre os dois.

No ponto do bonde o major ergueu o menino e beijou-lhe o rosto, o pescoço, os bracinhos magros.

— Queira bem a Zinaida Antonovna e faça tudo que ela mandar — disse.

— Quem? — perguntou o menino.

— Sua mãe... ela...

— Eu já gosto mesmo dela. E você?

Zinaida Antonovna empalideceu um pouco e todo seu corpo retraiu-se instintivamente.

— Kolya, meu bem, diga para papai escrever para você.

— Papai, você vai escrever para a gente, não vai?

— Sim, é claro. E você me escreva também. Kolya. Vamos ver, então, se será um menino bonzinho e obediente.

— Mamãe escreverá, e eu farei uns desenhos na carta.

Otimo. Bem, obrigado por tudo... Deixemos as coisas como estão. Adeus, Zinaida Antonovna. — e pela primeira vez ele fitou-a nos olhos, simplesmente, francamente.

— Mas por que não beija mamãe? Você me beijou, mas não beijou mamãe. Por que, papai?

Brazhnev abraçou-a e tocou-lhe levemente a testa com os lábios.

— Sou-lhe imensamente grato, minha amiga.

Ele subiu no bonde e, apesar de haver muitos lugares vazios, ficou no estribo a contemplar longamente a frágil figura daquela mulher desconhecida e a frágil criança a seu lado,

Os Horrores dos Bombardeios Atômicos

O que aconteceu em Hiroshima e Nagasaki (Japão), quando explodiram as duas bombas atômicas lançadas em agosto de 1945, é explicado com muitos detalhes em dois relatórios oficiais, um dos norte-americanos e outro dos ingleses. O relatório dos americanos chama-se: "Efeitos das Bombas Atômicas, Pesquisas dos Bombardeios Estratégicos, Estados Unidos, U.S.S.B.S., 4 e 5". O inglês, tem o nome de "Os efeitos das bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki", publicado em Londres no ano de 1946.

Os ataques contra essas duas cidades japonesas, não têm similares em toda a história militar do mundo. Os aviões B.29, carregados com bombas atômicas, partiram da ilha de Tinian, escoltados por um ou dois aviões de observação. Num desses aviões de bombardeio cujo nome era "Enola Gay" ia o Capitão Robert Lewis.

À meia-noite do dia 5 de agosto de 1945, o Capitão Lewis e sua tripulação receberam, sem maiores explicações, a seguinte ordem: "Preparem-se para voar." O Coronel Tibbets, chefe da

expedição de bombardeio foi informado, apenas, do seguinte: "O "Enola Gay" deverá voar dentro em breve. Que a tripulação esteja a postos."

Às duas horas e cinquenta minutos da madrugada do dia 6 de agosto, o "Enola Gay" levantava vôo, com uma tripulação de 7 homens, sabendo apenas que a missão era arriscadíssima. No comando ia o Coronel Tibbets. Já no ar, lhes foi dado pelo rádio o rumo que deveriam seguir.

Ao entrarem em território japonês, receberam a seguinte ordem: "Vôoem sempre a 5.000 metros de altura. Evitem combates com caças inimigos. Não aterrizem em solo japonês. O aparelho deve voltar à base intacto ou desaparecer por completo."

Depois de nove horas de vôo, ouviram nova ordem: "Dentro de nove minutos estarão em cima de uma cidade; lancem a bomba número 1."

A primeira bomba, de acordo com os relatórios oficiais, foi lançada a 6 de agosto de 1945, às 8 horas e 15 minutos da manhã, sobre Hiroshima.

O relatório americano — "U.S.S.B.S., 5" diz:

"A maior parte dos trabalhadores já se encontrava em serviço, mas um grande número deles ainda se achava a caminho do serviço; quase todas as crianças das escolas e um certo número de operários, trabalhavam ao ar livre, ocupados na demolição de prédios bombardeados, para proteção contra o fogo e enviando o material aproveitável para fora da cidade.

O ataque realizou-se 45 minutos depois de tocado o sinal de perigo passado. Por causa da falta de aviso e da indiferença da população em face da presença de pequenos grupos de aviões, a explosão ocorreu em condições de surpresa quase total, quando ninguém se encontrava nos abrigos subterrâneos. Muita gente se encontrava do lado de fora dos abrigos subterrâneos; outras pessoas, na maior parte, achavam-se no interior de habitações frágeis ou em edifícios comerciais."

Cerca de 11 quilômetros quadrados da cidade de Hiroshima foram completamente destruídos pelo fogo.

"A surpresa, o desabamento de inúmeros edifícios, o incêndio, fizeram um número de vítimas até hoje nunca visto: 70 a 80 mil pessoas foram mortas, desapareceram ou foram consideradas mortas e quase outro tanto, feridas. O grande número de vítimas é tanto mais impressionante se se compara com os resultados do raide sobre Tóquio, realizado entre 9 e 10 de março de 1945, no qual o nú-

AOS JOVENS E CRIANÇAS DO BRASIL

Os jovens estão nas escolas e nos colégios, as crianças nos grupos escolares e nos cursos de bairro. Sua existência é de todos conhecida. Vivem debaixo das asas da família, o que é natural, o que é uma felicidade. Acordam-se pela manhã e já encontram o café na mesa. Depois do café, vão para a sala de visitas e se entregam aos estudos. À roda deles, a casa procura ficar em silêncio.

— Vocês não vêem que o menino está estudando?

Essa é a vida que, tantos anos depois, constituirá a saudade de muitas pessoas. Ah! — dirão elas — quando eu era menino e iniciava os meus estudos... E têm razão para isso. As figuras bondosas dos pais estarão desaparecidas. A casa, que parecia tão grande, tornar-se-á tão pequeninha... Passando pela rua, os então homens graves perguntarão aos seus botões:

— Seria nesta casa que eu morei, há muitos anos? Acho-a agora tão humilde...

Esse é o drama sentimental que, desde o começo do mundo, ou pelo menos da nossa civilização, confrange a alma dos homens. Dói como a vida, dói como a morte. Mas está dentro de nosso coração e a gente o recebe com ternura. Isso se deu com nossos avós, com nossos pais, conosco mesmo que estamos escrevendo estas linhas. No entanto, vocês, jovens e crianças de hoje, estão ameaçados de perder, de um momento para outro, tudo o que lhes é mais caro: a vida, os pais, os parentes, os amigos, a casa, os objetos familiares, os livros, tudo.

Vocês não sabem disso. Não leram o que por aí se escreve, ninguém ainda lhes contou, como eu estou fazendo agora, o mal espantoso que dia e noite paira sobre as suas cabeças limpas de preocupações. E' que no mundo há homens maus, embora vocês não acreditem. São homens que também já foram crianças, que também já foram jovens como vocês, que também já tiveram suas famílias, seus amigos, mas que agora, depois que se tornaram adultos, colocaram-se a serviço da própria riqueza e da riqueza dos seus parceiros, contra a felicidade de todos os homens, de todas as mulheres, de todas as crianças. Eles dispõem de uma arma diabólica a que deram o nome de bomba atômica. Já foi empregada contra as mulheres e as crianças de Hiroshima e de Nagasaki. Os que não morreram ficaram aleijados, disformes, incapazes de viverem como nós outros. Esses sujeitos maus em cuja existência vocês talvez não acreditem, estão ameaçando novamente o mundo com mais uma grande guerra, com bombardeios de cidades, com destruições espantosas levadas a cabo por arrasadoras bombas atômicas...

Jovens e crianças das escolas, dos colégios, dos grupos escolares, de toda a parte. No mundo, neste momento, delineia-se um grande movimento contra a bomba atômica, que é de uma crueldade espantosa. Os maiores sábios, os maiores artistas, os maiores poetas, todos os que ainda têm um coração capaz de compreender a grandeza da vida humana, estão trabalhando para que a justiça da terra condene essa arma monstruosa, de modo que ela, no caso de guerra, não seja empregada contra as populações indefesas, as cidades onde moram os velhos, as mulheres e as crianças, pois que os soldados nunca estão ali, estão — eles sim — de armas na mão, nas linhas de combate.

Jovens e crianças brasileiras! E' preciso colocar fora da lei a bomba atômica, como no passado foi feito com a guerra química — pois a bomba atômica também atinge de preferência os lares, os indefesos, os velhos, as mulheres e as crianças. Por isso, vocês, jovens e crianças do Brasil, onde quer que se encontrem, em casa, na rua, no jardim, no campo de esporte, devem propagar este grito que saiu do coração dos sábios, dos artistas, dos poetas:

— Abaixo a bomba atômica, em nome da civilização e do respeito que se deve a toda a humanidade!

micos em Hiroshima e Nagasaki (*)

mero de mortos não foi tão elevado, conquanto tivessem sido destruídos 42 quilômetros quadrados da cidade...

Três dias mais tarde, em Nagasaki quase nada se sabia a respeito do que ocorrera em Hiroshima, exceto umas vagas notícias do desastre de Hiroshima, que apareceram nos jornais de 8 de agosto." (U.S.S.B.S., 5.)

Nenhum aviso, portanto, foi dado quando lançada a segunda bomba atômica sobre Nagasaki. Apenas 400 pessoas se encontravam nos abrigos subterrâneos da cidade, construídos para mais ou menos um terço da população.

"As testemunhas de vista de Hiroshima são unânimes em dizer que viram um clarão brilhante e branco no céu, sentiram um sopro violento de ar e ouviram um trovão, seguindo-se o barulho da quebra e desabamento de casas. Falam também de uma escuridão crescente e de uma nuvem de poeira densa que envolvia a todos. Pouco depois viram os incêndios que destruíam os diversos quarteirões da cidade." (Relatório inglês, página 2.)

Os números referentes aos resultados dos bombardeios atômicos das duas cidades japonesas, comparados com os do raide incendiário realizado sobre Tóquio (Japão), em março de 1945, mostram o poder de destruição das bombas atômicas.

O raide sobre Tóquio foi realizado por 279 aviões, que despejaram 1.667 toneladas de explosivos comuns e bombas incendiárias. Essa capital tinha, em média, por quilômetro quadrado, cerca de 50.000 habitantes. Os resultados foram os seguintes: 83.600 mortos e desaparecidos; 102.000 feridos; 2.000 mortos por quilômetro quadrado destruído; e 4.500 vítimas por quilômetro quadrado.

O bombardeio de Hiroshima foi realizado por 1 avião, que lançou 1 bomba atômica. A cidade era menos populosa do que Tóquio e só tinha 14.000 habitantes por quilômetro quadrado. Os efeitos produzidos foram os seguintes: 80.000 mortos e desaparecidos; 70.000 feridos; 5.800 mortos por quilômetro quadrado; e 12.000 vítimas por quilômetro quadrado (entre mortos e feridos).

Os efeitos da explosão da bomba atômica sobre Nagasaki e Hiroshima foram muito elevados, sem dúvida. Isso se deve, em grande parte ao fato

de que os bombardeios atômicos são feitos de surpresa e, com o aumento atual na rapidez dos aviões e outros meios de transporte aéreo, o aviso com antecedência ser quase impossível.

O que aconteceu em Nagasaki é descrito da seguinte maneira:

"No momento da explosão deu-se uma libertação de energia sob a forma de luz, de calor, de irradiações e de pressão. Todos os tipos de raios espalharam-se com a velocidade da luz, compreendendo os raios X e Gama,

O LANÇAMENTO DA BOMBA ATÔMICA NÃO RESULTOU DE UM IMPERATIVO MILITAR

O lançamento da bomba atômica sobre Hiroshima e Nagasaki constituía, do ponto de vista militar, um imperativo estratégico para liquidar a resistência japonesa?

Esta pergunta foi feita em toda parte, no mundo inteiro, quando repercutiu de forma impressionante a tragédia das populações daquelas cidades japonesas, arrasadas impiedosamente pelo primeiro ataque atômico. Por mais que estivessem vivos na lembrança de todos os processos bárbaros empregados na guerra pelos japoneses e pelos nazistas, não era possível aceitar com sangue frio a horrorosa tragédia da bomba atômica lançada sobre duas cidades populosas, entregues a atividades comerciais e industriais, duas cidades tipicamente abertas. Na verdade, nem mesmo nos lances de desespero de uma situação extremamente crítica se justificaria o emprêgo da bomba atômica para evitar-se a vitória das potências fascistas. Essa, porém, não era a situação. Porque quando a bomba atômica foi lançada, as hostilidades haviam cessado na Europa. Portanto, o peso dos recursos bélicos anglo-norte-americanos já tinha sido concentrado sobre as frentes de luta contra os japoneses, em terra, no mar e no ar. As hostilidades no Ocidente cessaram a 8 de maio, com a capitulação da Alemanha nazista. E nessa ocasião, a situação nos campos de batalha da Ásia estava inteiramente favorável aos aliados — as posições insulares, inclusive as Filipinas, tinham sido reconquistadas aos nipônicos; — a Indonésia estava cercada, e sua queda era iminente; — a campanha da Birmânia chegava ao seu termo, com a vitória completa dos aliados, que logo a seguir ocuparam Rangoon; — o próprio Arquipélago Japonês estava bloqueado, e as forças aero-navais norte-americanas ajudadas pelas britânicas, eram donas incontrastáveis da situação, dominando inteiramente o Pacífico; na China os japoneses eram empurrados firmemente para trás; — a situação política interna no Japão era tal, que havia caído o gabinete militarista, para ceder lugar a um governo chefiado pelo almirante Suzuki, isento da influência da casta militarista que havia planejado a guerra de conquista.

E o que era mais importante, a URSS se preparava para desencadear o seu poderio militar contra os exércitos japoneses concentrados na frente da Sibéria, pois já havia denunciado o pacto de não agressão que mantinha com o Japão, apesar do qual os militaristas japoneses mantiveram até ao fim, nas fronteiras da Manchúria com a União Soviética, as suas melhores tropas, constituídas pelo famoso exército do Kuantung, com um efetivo de cerca de um milhão de homens, comandado pelos melhores e mais aguerridos oficiais da casta belicosa que traçou os planos de conquista armada da Ásia. Aliás, desde a conferência de Ialta, a URSS se comprometera, nos entendimentos diretos entre Stálin, Roosevelt e Churchill a fazer que, noventa dias após a cessação das hostilidades na Europa, as forças armadas soviéticas se lançassem ao ataque no Extremo Oriente, e, com efeito, precisamente a 8 de agosto, formidáveis exércitos soviéticos levavam de roldão, na fronteira com a Manchúria, as melhores divisões nipônicas.

Mas, a estratégia política de Truman não esperou que o compromisso do aliado das duas batalhas do Ocidente se realizasse, pois, dois dias antes, a 6 de agosto, o sucessor de Roosevelt ordenava que se atirasse a primeira bomba atômica. E essa ordem não era para que se lançassem sobre uma cidade-fortaleza, mas atingia uma cidade de meio milhão de habitantes, que era alvejada quando se movimentava, depois das 8 horas da manhã, para os pontos de trabalho, pois Hiroshima era uma cidade comercial e industrial tão longe de ser um objetivo militar, que havia sido poupada pelos pesados bombardeios norte-americanos que antecederam a ofensiva de desembarque no Arquipélago Japonês. Está claro que o que Truman visou não foi apenas "atemorizar" o Japão, a fim de apressar a terminação da guerra e poupar a vida de milhares de soldados, pois para tanto não recuava diante da crueldade de massacrar terrivelmente centenas de milhares de criaturas indefesas; o que Truman visava, na sua sinistra estratégia política, era aterrorizar o mundo todo com a sua arma tremenda, tanto assim que, após o lançamento da primeira bomba e, dois dias após o desmoronamento da frente japonesa na Sibéria, ordenava a 10 de agosto que se lançassem uma segunda bomba, dessa feita sobre Nagasaki, mais destruidora do que a primeira.

Truman assim agia porque os povos asiáticos, depois da ocupação de seus territórios pelos conquistadores japoneses, haviam iniciado uma luta de libertação que naturalmente, escorraçados os nipônicos, continuaria contra os imperialistas do Ocidente. Truman queria era aterrorizar o povo chinês, e todos os povos asiáticos, cuja luta pela defesa de suas pátrias vinha sendo titânica. Truman buscava, com a tremenda arma assassina, e graças ao sacrifício de milhares de vidas de inocentes, atemorizar a União Soviética, que ele sabia campeã da paz e, portanto, inimiga das guerras imperialistas e amiga dos povos que lutam pela sua libertação.

(*) Este artigo baseia-se, fundamentalmente, no livro "Consequências Políticas e Militares da Energia Atômica" do Prof. P. M. S. Blackett, Prêmio Nobel de Física, antigo membro da Comissão de Energia Atômica do Governo Britânico, (V. Fundamentos, 11, p. 43).

os ultra-violetas, os raios visíveis e os infra-vermelhos, estes com seu calor irradiante. Uma onda de pressão criada pelo enorme deslocamento do ar, formou-se quase instantaneamente em torno do ponto de explosão, mas espalhou-se mais lentamente, mais ou menos com a velocidade do som. Os gases superaquecidos que constituíam a bola de fogo inicial, espalharam-se e subiram mais lentamente ainda... O clarão não durou mais do que uma fração de segundo, mas foi tão grande a sua intensidade que chegou a produzir queimaduras de terceiro grau sobre a pele humana não protegida dentro do raio de um quilômetro e meio... Nas proximidades do ponto zero (ponto do solo exatamente em baixo da explosão), o calor torrou os cadáveres e tornou-os irreconhecíveis." ("U.S.S.B.S., 4 —página 22).

O desabamento dos prédios, causado pelo deslocamento do ar, produziu uma série enorme de incêndios, que se espalharam nas duas cidades e as destruíram quase que totalmente. Esses incêndios, que foram produzidos pelas radiações atômicas, por curto-circuitos e pelo próprio fogo das cozinhas, produziram um grande número de vítimas.

"A força do sopro causado pelo deslocamento do ar, que se seguiu ao clarão, foi tão grande que afundou os telhados dos edifícios de cimento armado — e achatou totalmente os prédios menos resistentes. A pressão máxima do sopro, no ponto zero, não foi muito elevada por causa da altura em que se deu a explosão, não tendo sido maior que a de uma bomba comum de alto poder explosivo; essa pressão diminuía à medida que a sua propagação se distanciava do ponto inicial. Não obstante, a pressão atingiu uma distância maior e teve maior duração que a de uma bomba comum de alto poder explosivo; a maior parte das construções de cimento armado foram danificadas ou destruídas até a uma distância de 200 metros em Hiroshima e de 600 metros em Nagasaki. Os prédios feitos com tijolos foram derrubados, numa distância de 2.200 metros, em Hiroshima, e de 2.500 em Nagasaki." ("U.S.S.B.S.", 4 —página 23)

Para se ter uma idéia dos efeitos das duas bombas atômicas sobre a vida e o movimento das duas cidades, basta dizer que:

"Tanto em Hiroshima como em Nagasaki, as proporções do desastre atingiram a um tal nível que reduziram à completa paralisação a vida urbana e industrial. Os ataques clássicos mais destruidores, como os raids de



Criancinhas cegas descem para o abrigo antiaereo durante um bombardeio, (da guerra contra o nazismo).

Hamburgo, no verão de 1943 e o de Tóquio, na primavera de 1945, não conseguiram produzir efeitos comparáveis, paralisando toda a organização da comunidade." (Relatório inglês, página 3).

Quanto à destruição em Hiroshima, os efeitos da explosão atômica mostram o que poderá acontecer com cidade maiores e mais populosas.

"Das 90.000 casas que existiam na cidade, cerca de 65.000 foram totalmente destruídas e quase todas as restantes foram danificadas, pelo menos superficialmente. As canalizações subterrâneas não foram arrebentadas, a não ser nos pontos em que passavam sobre pontes que transpõem os cursos d'água que cortam a cidade. Todas as pequenas fábricas situadas no centro da cidade foram destruídas. As grandes empresas, localizadas nos arrabaldes da cidade quase nada sofreram e, mais

ou menos, 94% dos seus operários saíram ilesos. Quase 74% da produção industrial local resultava dessas grandes empresas. Calculou-se que trinta dias depois do bombardeio, elas pudessem recuperar o seu nível de produção, se a guerra tivesse continuado. As vias férreas que atravessam a cidade foram consertadas e, dois dias depois do ataque, a 8 de agosto, estavam em condições de funcionar novamente." (U.S.S.B.S., 4 —página 23).

Esses resultados mostram que a maior destruição causada pela bomba atômica é, realmente a de vidas humanas, sendo que os estragos materiais não têm a mesma gravidade.

Em Nagasaki, das 57.000 casas da cidade, foram destruídas 20.000. Quanto aos efeitos sobre a indústria, nessa cidade, foram os seguintes:

"Calcula-se que se a guerra tivesse continuado e se o abaste-

cimento de matérias primas fossem favorável à reconstrução, os estaleiros de construções navais poderiam ter recuperado pelo menos 80% da sua produção máxima em 3 ou 4 meses; as siderúrgicas teriam sido consideravelmente recuperadas no prazo de um ano; as usinas de eletricidade atingiriam novamente, em dois meses, uma boa parte de sua produção e, em seis meses, voltariam à sua capacidade normal; as fábricas de material bélico voltariam a funcionar com 60 a 70% da sua produção anterior, em quinze meses." ("U.S.S.B.S., 4 — página 23.)

Tanto em Hiroshima como em Nagasaki, foram os edifícios de cimento armado que melhor resistiram a explosão, agüentando-se semidestruídos, no meio das cinzas da cidade. Mas,

em contraste com a sua aparência exterior, esses prédios estavam completamente queimados por dentro e os respectivos incêndios haviam matado os seus moradores. Os prédios destinados a suportar a explosão atômica, devem ser construídos segundo os modelos de segurança contra terremotos.

Os dados e informações reunidos e estudados pelos técnicos e cientistas, mostram que as bombas atômicas de plutônio causam grande atômicas de outros efeitos numa área de 20 quilômetros quadrados, isto é, quase um alqueire de terreno. Além disso, o deslocamento do ar ou sopro produzido pela sua explosão é igual ao que produz a explosão de 20.000 toneladas de dinamite.

A mortandade causada em Hiroshima e Nagasaki (120.000 pessoas mortas) não foi maior porque o número de pessoas por quilômetro quadrado era relativamente pequeno. Os

relatórios oficiais calculam que uma explosão igual, numa cidade como Tóquio, teria matado 300.000 pessoas com um número igual de feridos. Isto quer dizer que uma explosão atômica em cidade como Rio e São Paulo poderá matar de 150.000 a 200.000 pessoas de uma só vez.

Os estudos dos dois bombardeios realizados sobre as cidades japonesas, confirmaram que os danos causados a edifícios, máquinas, instalações industriais, etc. foram relativamente insignificantes quando comparados com a destruição e inutilização de vidas humanas. Além disso, os efeitos retardados da explosão atômica, sobre o organismo humano, ainda não são totalmente conhecidos e vão sendo registados à medida que se revelam. Isso demonstrou que as armas atômicas são, principalmente, ARMAS DE TERROR CONTRA POPULAÇÕES CIVIS, armas de destruição indiscrimi-

PORQUE DEVEMOS ASSINAR E FAZER ASSINAR O APÊLO DE ESTOCOLMO

PROF. OMAR CATUNDA

Na campanha em que estamos empenhados atualmente — a de assinaturas contra a bomba atômica — temos notado algumas resistências mesmo de pessoas honestas, que, por diversos motivos, manifestam hesitação ou se recusam formalmente a assinar o apêlo de Estocolmo. Vamos adiante enumerar algumas considerações destinadas a eliminar, na medida do possível, as dúvidas que têm sido levantadas e contribuir assim positivamente para esclarecer e justificar esta campanha.

1. Trata-se de um apêlo humanitário, cujos resultados reverterão em benefício de toda a Humanidade, em tudo que esta expressão representa de valor material e espiritual. A energia atômica, empregada como arma de guerra, é muito mais mortífera do que destrutiva. A radioatividade produzida por uma bomba atômica não destrói os objetos inanimados que estejam a uma certa distância do ponto de explosão; no entanto, nenhum ser vivo escapa à sua influência, quando atingido por ela. Objetivos militares fábricas de armamentos, estradas, pontes, navios de guerra, fortalezas, etc. podem ser pouco ou mesmo nada danificados, enquanto que todos os entes humanos atingidos à mesma distância — soldados, homens, mulheres, velhos ou crianças ficarão ou queimados vivos, ou — o que é ainda pior — terão adquirido queimaduras incuráveis, ou ficarão: anêmicos, deformados, cegos, idiotas, ou terão comprometido irremediavelmente a sua descendência. O físico inglês Blackett mostrou que se a guerra tivesse prosseguido, o Japão conseguiria em dois meses reconstituir todo o parque industrial de Hiroshima — nunca, porém se poderia restituir a vida aos oitenta mil habitantes que lá morreram pela explosão de uma única bomba, nem a saúde aos que foram atingidos pela radioatividade.

O apêlo de Estocolmo não pode, portanto, deixar indiferente quem quer que possua uma parcela de sentimento humano — amor ao seu semelhante, piedade pelos que sofrem, ou esperança em um futuro melhor para a espécie humana.

2. O apêlo é absolutamente imparcial. Nêle está expresso, em síntese, o desejo comum de todos que realmente queiram ver abolido definitivamente o uso dessa arma de extermínio. Quem quer que o assinare terá subscrito com esse ato, exclusivamente o que está contido no apêlo, podendo continuar com as suas mesmas convicções religiosas ou políticas, sem o menor compromisso a não ser o de considerar criminoso de guerra o governo que primeiro utilizar a arma atômica; e a rigor, ninguém pode garantir de antemão qual o governo que será condenado pelos milhões que já assinaram e que ainda deverão assinar o apêlo de Estocolmo. Nem mesmo podemos tomar como definitiva a atual situação em que somente dois países — os Estados Unidos e a União Soviética — estão em condições de usar a energia atômica como arma de guerra. Futuramente poderão estar nesta condição outros países, e a condenação poderá perfeitamente atingir o governo inglês, o alemão, o holandês, ou outro qualquer que cometa a loucura de arrostar o julgamento de milhões de seres humanos.

3. O apêlo, nas atuais circunstâncias, é a forma mais eficiente de luta pela paz. A sua eficiência torna-se cada vez mais sensível com o número sempre crescente de assinaturas enviadas. E a pressão da opinião pública — que todo governo reconhece e respeita — mas agora expressa em escala muitíssimo maior, em escala mundial. Quando o número de assinaturas atingir a algumas centenas de milhões, então a bomba atômica estará condenada por uma parte ponderável, pode-se dizer a parte mais consciente da Humanidade.

nada de populações não participantes das operações militares.

Outra conclusão tirada dos bombardeios das duas cidades japonesas é que a destruição causada pela bomba atômica é maior nas zonas de terreno plano (Hiroshima), mas essa "vantagem" desapareceria com o lançamento de diversas bombas.

Quando o Capitão Lewis, de volta à base, desceu do avião que lançara a bomba atômica sobre Hiroshima, seus chefes foram abraçá-lo dizendo: — "Capitão Lewis, você lançou a primeira bomba atômica. A celebridade esperava-o. Jornais e rádios passaram a ocupar-se do acontecimento em todo o mundo.

Lewis, referindo-se ao que acontecera em Hiroshima, dizia: "Olhei para o Coronel Tibbets e pareceu-me que tinha os olhos em sangue, como se todos os horrores da guerra e do medo o queimassem."

O Capitão Lewis, que era católico, pensando na catástrofe de que fôra o instrumento, remoia: "Cem mil mortes... Vinte mil católicos..."

Hoje, depois de ter estado às portas do desespero, o Capitão Robert Lewis

já não é mais militar. Num convento dos Estados Unidos, éle esconde a sua desgraçada sorte, a sorte do homem que apertando um botão de comando, abateu de uma só vez 100 mil vidas inocentes.

Os efeitos dos bombardeios atômicos ainda estão presentes em Hiroshima e Nagasaki. Os queimados, os aleijados, o grande número de pessoas que se vão tornando cegas, o monumento aos milhares de mortos, e as sepulturas dos que ainda estão morrendo, o campo de cinzas e escombros que ficou no lugar onde antes estavam duas cidades, ainda estão presentes no espanto de toda a humanidade. Mas, já se anuncia uma nova guerra, já se faz alarde de poder destruir novas cidades pela bomba atômica, calcula-se friamente quantas pessoas será possível eliminar ou inutilizar com uma só explosão.

Hiroshima e Nagasaki eram duas cidades como outras que existem pelo mundo, apenas diferentes nos seus aspectos exteriores, na população e nos seus problemas. Mas eram habitadas

por seres humanos, com as suas crianças, sua juventude, suas escolas, seus hospitais, suas fábricas e sua vida própria.

Hoje, novamente, ergue-se sobre todas as cidades e criaturas do mundo, a ameaça atômica.

E' urgente meditar sobre esses fatos e compreender que a luta pela sobrevivência está acima de todas as diferenças. O que importa saber é quem está disposto a impedir um novo massacre, sem indagar de onde possa partir a iniciativa de novos ataques atômicos, sem procurar dividir pelas diferenças que necessariamente existem entre os seres humanos, a grande cruzada pela sobrevivência dos povos.

Os homens e mulheres de boa vontade do mundo inteiro, aos milhões, declaram, pelo APELO DE ESTOCOLMO: — Consideramos que o governo que primeiro utilizar a bomba atômica, não importa contra que país, terá cometido um crime contra a humanidade e deverá ser tratado como criminoso de guerra."

Dizemos a parte mais consciente, e esta afirmação é inteiramente justificada; pois não há, nem pode haver, uma parte ponderável da espécie humana que se contraponha ao apêlo de Estocolmo. Temos visto pessoas que se recusam a assinar, por uma razão ou por outra, mas as que são "favoráveis ao emprêgo da bomba atômica", as que têm coragem de justificar por qualquer motivo e desencadeamento da guerra atômica, essas são em tão pequeno número (como aliás todos os casos de monstruosidade) que não têm importância numérica.

A força do apêlo cresce enormemente ao crescer o número de assinaturas. Ninguém mais pode duvidar, por exemplo, do desejo imenso de paz do povo búlgaro, pois de sete milhões de habitantes, mais de cinco milhões já assinaram o apêlo. Seria possível, nestas condições, imaginar que um governo desse país teria coragem de ir contra a opinião de sentença por cento da população? E se êste movimento conseguir o apoio consciente de uma parte ponderável dos povos da América Latina, não será isso a expressão mais espontânea e sincera do desejo de paz que tem sempre prevalecido entre êstes povos? E se dentro de algum tempo alguns milhões de cidadãos norte-americanos assinarem o apêlo, terá o governo dos Estados Unidos a ousadia de cometer uma ação que foi considerada criminosa por êsses milhões de patrícios, por êsses milhões de eleitores?

4. O apêlo é um ato positivo de união de toda a Humanidade. E realmente, não houve até o presente, em toda a História, nenhuma manifestação coletiva que em tão pequeno espaço de tempo tivesse reunido tão numerosas adesões, com tal unidade, em todo o globo terrestre. Quem assina êsse apêlo deve saber conscientemente que está subscrevendo a mesma opinião que tem sido afirmada e reafirmada por milhões e milhões de pessoas no mundo inteiro. Assinam o apêlo de Estocolmo europeus, americanos, australianos, persas, tibetanos, africanos; assinam-no também escritores, operários, camponeses, comerciantes, professores, estudantes; assinam-no espíritas, católicos, protestantes, budistas, judeus, brancos, pretos, índios, mestiços de toda espécie. E assim, com o crescer da

campanha, quando enfim os governos de todo o mundo se virem compelidos a obedecer à vontade expressa por todos os povos, interditando as armas atômicas e destruindo as bombas atômicas existentes, ficará em cada um dos milhões que assinaram o apêlo esta lembrança que êle recordará com orgulho: "Eu contribuí para a proibição das armas atômicas. Eu sou um ser humano!"

5. A campanha de assinaturas do apêlo de Estocolmo é assim o prenúncio da vitória da causa da paz. O próprio movimento de opinião que esta campanha suscita já mostra aos povos de todo o mundo que nem tudo está perdido, que o povo pode, por um movimento de grande amplitude, exprimir o seu desejo de paz; a simples troca de idéias que provoca todo êsse movimento mostra que é possível mesmo a pessoas de opiniões completamente divergentes, concordarem em um ponto e nesse ponto contribuirem efetivamente para o bem da Humanidade, proscurendo as armas atômicas.

E mais tarde, quando o movimento atingir mais profundamente todos os povos, quando se tornar assunto comum em todas as ruas, nas escolas, nos bairros, nos campos, nos meios operários e profissionais, e quando, sob a pressão da opinião pública, os governos interditem a bomba atômica, um novo alento brotará no seio de todos os povos, uma nova esperança no futuro, surgindo desta época de pessimismo tão generalizado: se com a simples assinatura de um apêlo a Humanidade consegue proscurever essas armas de extermínio, porque não poderá um movimento maior, mais amplo, mais organizado, mais profundamente, discutido e sentido, deter para sempre o braço assassino dos fazedores de guerra, quaisquer que sejam êles? A Humanidade precisa de paz, paz para curar as feridas de duas guerras que mancharam a primeira metade dêste século vinte, paz para progredir, paz para produzir, para dar pão aos que têm fome, para salvar da morte as crianças doentes, paz para instruir, para propiciar a todos os povos os benefícios da civilização. E se a Humanidade se convencer pelo exemplo de que é possível, por um movimento universal, impor o seu desejo, então essa Humanidade há de saber impor em todo o mundo o seu desejo de Paz.

D. ALICE TIBIRIÇÁ

HELENA NIOAC PRADO

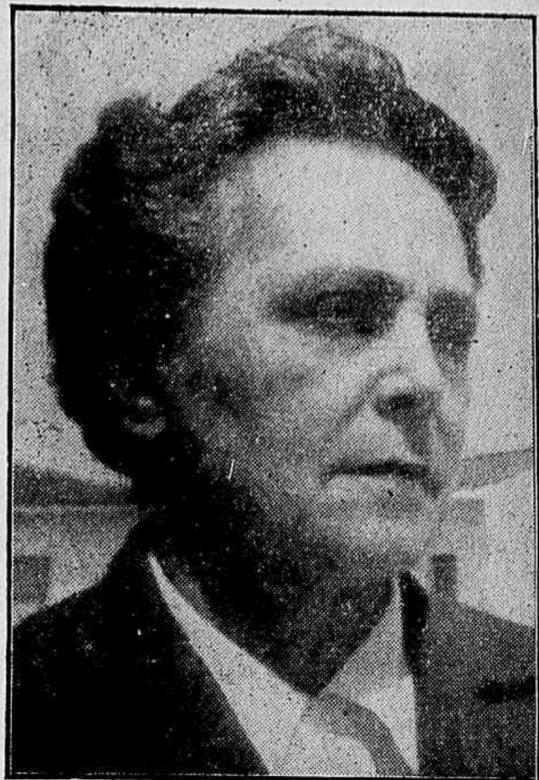
Faleceu D. Alice! Que grande perda para os que a conheceram e para os que a amaram! Como D. Alice não conheci mulher nenhuma. Aliava a maior das bondades e o mais doce carinho a uma energia de ferro. Qualquer campanha que surgia lá estava D. Alice sempre do bom lado sempre dando o seu inestimável apoio às causas justas. Nunca deixou de prestar sua solidariedade aos que sofrem, procurando resolver os seus problemas. Sentiu como ninguém o problema da lepra em nosso País, num momento em que se tornara assustador, e quando poucos ainda dêle cogitavam; compreendeu a tragédia de um doente, naquele tempo, incurável, por todos escorraçado e tratado como criminoso. Em 1926 D. Alice fundou a Sociedade de Assistência aos Lázaros e Defesa contra Lepra, iniciando então uma campanha sem tréguas até conseguir que o governo de São Paulo e a opinião pública se interessassem pela triste situação dos leprosos. D. Alice não se contentou em resolver o caso dos leprosos só na Capital; criou vários postos de assistência nos municípios do interior, percorreu o Brasil todo fundando hospitais. Dava assim os primeiros passos para a solução de um dos mais graves problemas nacionais da época; e o que é mais notável, não o considerou sob o prisma vulgar da caridade individual, que humilha o beneficiado e nada resolve senão casos isolados. Graças a campanha encetada por D. Alice não se vêem mais leprosos vagando pelas ruas e estradas, mendigando e contaminando populações inteiras, espetáculo êsse corriqueiro de vinte tantos anos atrás. D. Alice foi uma pioneira, a pioneira pode-se dizer da solução do problema da lepra em São Paulo. No entanto foi afastada do movimento por pessoas invejosas que a caluniaram para se revestirem de suas glórias e seus méritos. Até hoje ainda os doentes são maltratados nos hospitais; D. Alice denunciou êsses fatos desde suas primeiras ocorrências, mas prevaleceu a prepotência dos que queriam tornar-se "donos" da campanha da lepra...

Não foi só na campanha da lepra que D. Alice se destacou; foi em todos os movimentos patrióticos tais como a campanha do petróleo, da Paz e na sua grande luta pelos direitos da mulher. Como Presidente da Federação das Mulheres do Brasil, expoente máximo entre nós, do movimento feminino, D. Alice não se cansou de participar de tôdas as manifestações públicas, e em se afirmar uma grande democrata e lutadora. Durante a campanha do petróleo, D. Alice batalhou

incansavelmente, declarando-se contra a política de entrega dos nossos minérios aos americanos. Protestou enérgicamente contra a reunião dos embaixadores americanos (Kennan, Miller, etc.) quando êstes vieram ao Brasil discutir em território brasileiro assuntos concernentes à nossa economia interna.

Na campanha da Paz lançou-se de corpo e alma no movimento. Lutou com entusiasmo e coragem, e soube compreender que a paz se conquista, e não se aguarda passivamente como faz a maioria das mulheres de sua condição social.

Em 1948 veio a São Paulo e aqui fundou o organismo estadual do movimento internacional das mulheres: a Federação das Mulheres do Estado de São Paulo, que tem por um de seus princípios básicos a luta pela Paz. Conclamou tôdas as mulheres para que se unissem em tôr dessa humanitária campanha, que é de tôdas as mulheres, de tôdas as mães que aspiram para seus filhos uma infância sem sangue e sem lágrimas. A guerra passada deixou 13 milhões de órfãos, sem o emprêgo da bomba atômica; pode-se imaginar o que será de nós com êsse novo e criminoso engenho de guerra à disposição de governos agressores que visam o domínio econômico de países como o nosso! D. Alice tomou parte em todos os comícios e atos públicos preparatórios dos Congressos, Mundial dos Partidários da Paz, realizado em Paris e Continental do México. Para ambos foi, nas assembléias preparatórias, eleita delegada, por aclamação; mas por ocasião da partida, teve seu passaporte por duas vezes interceptado pela polícia do Distrito Federal, não tendo podido participar de nenhum desses congressos em que se discutiu e se afirmou o desejo e o anseio dos povos do mundo por uma Paz duradoura. D. Alice sofreu perseguições de tôda espécie porque soube sempre colocar-se ao lado das reais aspirações do povo brasileiro. Quando veio a São Paulo pela última vez, em outubro de 1948, foi levar a sua solidariedade às amigas da Federação que haviam marcado uma reunião preparatória para uma mesa redonda contra a carestia. Nessa ocasião D. Alice foi prêsã, levada a altas horas da noite para S. Roque onde ficou seqüestrada durante dois dias. Era a recompensa com que o governo de São Paulo pagava seus sacrifícios pelas causas públicas do Estado. Assisti ao desespero de sua família, que não sabia onde ela se encontrava, e que às suas perguntas, na Ordem Política e Social, recebia a mentirosa resposta, cujo efeito se pode



imaginar, que seu paradeiro era ignorado... Sômente quando libertada soubemos dos maus tratos por ela sofridos e da razão que a Polícia apresentava para sua prisão: "perigosa agitadora"!

D. Alice, grande brasileira! Que sofrimento e que dor, em paga de tôda uma vida de dedicação e de serviços prestados ao Estado! O nosso único consôlo é que D. Alice sabia que as mulheres de São Paulo, que o povo de São Paulo não estavam de acôrdo com os crimes do governo que os infelicitava. Mas D. Alice não se deixou amedrontar. Voltou ao Rio de Janeiro e prestou declarações à imprensa reafirmando seu firme propósito de prosseguir lutando pelo que achava justo e digno de um cidadão brasileiro. Foi com as mulheres da Federação até o fim de sua vida, lutando pela conquista dos direitos da mulher pela Paz Mundial. Ainda do seu leito de morte enviou várias mensagens às mulheres brasileiras pedindo-lhes que prosseguissem na campanha da Paz, na defesa de seus Direitos e na conquista de um Brasil melhor e independente. Suas últimas palavras foram "PAZ E AMOR."

D. Alice dedicou sua vida inteira ao interesse alheio, esquecendo-se a si própria; não teve ao menos, por ocasião do seu falecimento, as homenagens que eram devidas. E por quê? Por que se limitaram os jornais a pequenas notícias publicadas sem destaque e a pedido de amigos? Por que silenciaram as Câmaras a morte de uma das maiores brasileiras? A resposta é simples, D. Alice faleceu num momento em que não convém ressaltar as campanhas pelas quais sempre lutou. Enquanto os provocadores de guerra querem ensanguentar o mundo, enquanto governos irresponsáveis querem entregar as nossas riquezas aos estrangeiros, não convém alarde em tôrno de uma lutadora como D. Alice, de uma defensora intransigente do que é bom e digno. D. Alice não foi homenageada como devia pelos órgãos oficiais, mas no coração dos que a conheceram deixou um germe indestrutível que é um novo estímulo de lutar pelos ideais que sempre defendeu, e uma imensa saudade que o tempo não conseguirá nunca apagar!

UM ESCRITOR SERVE Á

Preocupam-se atualmente os Estados Unidos em fazer crer ao mundo que um entendimento com a URSS, visando uma paz duradoura, é impraticável. Os soviéticos, proclamam eles, são por natureza refratários a qualquer conversação amistosa. "Se houvesse clima favorável, soviético e americanos poderiam consolidar o que os povos tanto almejam — a paz. De nossa parte, sempre houve disposição para um acôrdo de tão alta importância, mas os soviéticos, bem o sabeis, são demasiado caturras: ninguém conseguirá demovê-los da sua natural intransigência. Diante disto, concordareis conosco, o caminho a seguir não poderá ser o das conversações; eles não conhecem linguagem mais convincente que a das armas. Só a guerra poderá assegurar a paz que tanto desejais"...

Esta é a linguagem de Wall Street. A revista "Life", do grupo monopolista Morgan, apresenta em sua edição de 13 de março, extenso material sobre a "ameaça" vermelha, concluindo pela necessidade de os EE. UU. se prepararem convenientemente para enfrentar a "invasão" russa. Tal propaganda busca demonstrar que a guerra contra a U.R.S.S. é inevitável. Os mais autorizados porta-vozes dos monopólios norte-americanos, que sempre dominaram o govêrno dos Estados Unidos (1), têm se preocupado seriamente em estabelecer ativo contacto com a juventude americana, preparando-a psicologicamente para a guerra (2).

A LINHA AUXILIAR DO IMPERIALISMO

Ajudando a estender pelo mundo essa rede americana de propaganda, vamos encontrar, sob a pele de ovelhas, velhos lobos asquerosos, cuja missão é converter em linguagem literária os mais caros ensinamentos imperialistas.

Tais lobos acodem pelo nome de Gide, Koestler, Stephen Spender, Ignazio Silone, Louis Fisher, Richard Wright e outros. Escrevem contos, novelas, romances, panfletos, tudo isso para dizer a mesma coisa que Mr. Truman e Mr. Acheson estão dizendo: com os comunistas não é possível nenhum entendimento.

Semelhante afinidade explica o valor que o imperialismo exalta nestes homens e nos oferece, ao mesmo tempo, a exata medida do seu carácter e a natureza política do seu pensamento.

Para mais facilmente exercerem a sua função em pele de ovelhas, empregam os lobos geralmente uma linguagem avêssa à

"Entre os que querem dólares e os que querem viver, a luta se decide". DALCIDIO JURANDIR.

classe dominante. Pouco hábeis, porém, não conseguem esconder por longo tempo a sua origem, e sempre que venham a jôgo os interesses dos grandes capitais, saltam de suas posições "socialistas", para dar forma à linha auxiliar do imperialismo. A esta linha, que atravessa todos os países, reunindo a irmandade do anticomunismo, cumpre difundir as produções "democráticas" dos seus irmãos em Truman.

Daí a divulgação intensa que ultimamente se vem fazendo de livros como "Escolhi a Liberdade", "O Zero e Infinito" e, mais recentemente, a antologia em que figuram conhecidos transfugas da revolução. Nesta dolorosa antologia aparece o nome de Richard Wright, cujo serviço intitulado "Tentei ser um Comunista", vem de ser traduzido para o português pelo sr. Raymundo de Souza Dantas e publicado no "Jornal de Letras", dos irmãos Condé.

RETRATO DE UM RENEGADO

A intenção de Mr. Richard Wright ao escrever a sua historieta, foi a de desincompatibilizar-se com a camada capita-

lista dos EE. UU., de quem se mostra inimigo ao ingressar no Partido Comunista. Para cumprir êste propósito, nada melhor do que atacar os seus antigos companheiros, e Mr. Wright o faz, num depoimento em que arrola a série de "razões" que o levaram a descrever dos comunistas, com os quais nunca lhe foi possível entender-se.

O depoimento de Mr. Wright é a coisa mais burlesca que se possa imaginar; mas hábil ou não, serve à corrida armamentista dos monopólios, e isto foi o quanto lhe bastou para ser vertido para o nosso idioma. Quem o ler, porém, perceberá o logro de Mr. Wright e de seus introdutores no Brasil. Pretendendo oferecer-nos um retrato "fiel" da intransigência, da inflexibilidade dos comunistas, o que o ilustre Mr. Wright nos dá, na verdade, é o seu próprio retrato, onde a vaidade, a suficiência e a ausência de carácter são as linhas mais preponderantes.

A passagem em que nos relata os seus primeiros contactos com o "John Reed Club", organização de artistas de esquerda, reafirma o que dissemos. Mr. Richard

PIOR QUE NO ROM

Os acontecimentos da Corêia vieram demonstrar mais uma vez a necessidade de se colocar fora da lei a bomba atômica. A idéia de liquidar-se a pendência surgida entre aquêles pequenos povos por meio de um desses engenhos de morte foi lançada, divulgada e certamente perfilhada por muitos homens de govêrno. O público, nem sempre bem informado, tanto leu essas opiniões insensatas que, certamente, acabou por achar plausível a destruição de milhões de seres humanos em benefício de grupos financeiros que nem sequer pertencem às duas facções em luta...

Nem todos sabem ao certo o que seja uma bomba atômica. Nós, em 1950, ao falarmos dessa máquina de destruir cidades, lembramos das que foram atiradas sobre Hiroshima e Nagasaki, matando ou mutilando de forma horrorosa as populações de velhos, mulheres e crianças — pois os moços àquela hora estavam pelejando nas linhas de frente, a muitas léguas de distância. Esse atentado contra as leis mais mezinhas da solidariedade humana bastaria, só por si, para condenar essa arma que — mesmo do ponto de vista militar — não visa o soldado combatente, mas o paisano indefeso. É, portanto, uma arma covarde. A justiça internacional deverá proibir o seu uso. O país que a empregar primeiro deverá ser considerado país criminoso; suas autoridades deverão responder por êsse imenso crime contra a humanidade.

Nestes dias agitados de 1950, a bomba atômica já conta cinco anos de apressado aperfeiçoamento, sem olhar a despesas astronômicas nem sacrifícios de toda classe. Hoje, uma bomba atômica já se tornou mil vezes mais destruidora do que era em 1945. Nagasaki e Hiroshima, na história da barbaridade humana, já não representam mais do que uma sombra da verdade infernal da nossa época. Há quem diga que, no ponto em que os cientistas se encontram agora, uma dessas bombas — só uma — poderá arrasar, destruir, riscar do mapa grandes centros populosos como por exemplo a nossa cidade de São Paulo. Depois da explosão, não haverá mais pedra sobre pedra. Nem homem sobrevivente para contar os horrores. Nem resquício de vida animal sobre as lajes calcinadas.

Pior do que isso, muito pior. Para desorganizar a vida de um país inteiro não é preciso mais do que a notícia, hábilmente difundida, de que em tal dia, em tal hora, cairão desses aparelhos diabólicos sobre os principais centros industriais. Imaginemos, para ilustrar estas palavras, o que significaria tal ameaça, comunicada através do rádio internacional, no seio das populações dos centros produtores do nosso Estado...

(1) "É impossível entrar na Casa Branca sem o consentimento das famílias dominantes." "... quase todos os embaixadores em Londres, Paris, Tóquio, Belfim, Roma, etc., foram homens de confiança de Morgan, Rockefeller, Mellon e outros magnatas das finanças." Em "As 60 Famílias Norte-Americanas", de Ferdinand Lundberg, citado por I. Kousminov em "O Capitalismo Monopolista de Estado" — "Problemas" n.º 12.

(2) O discurso de William Bullitt na Universidade de Yale, é sintomático. Esse velho aliado dos nazistas mostrou-se descontente pelo facto de o dinheiro dos contribuintes norte-americanos estar sendo empregue em batatas, "em vez de se destinar a aviões a jacto."

GUERRA

ROLDÃO MENDES ROSA

Wright não só dá conta do seu alto espírito de suficiência, como também põe a mostra, cnicamente, o oportunismo que o levou a filiar-se ao Partido Comunista. Segundo ele, quando se encontrava na direção do Club, foi-lhe imposta, pelos comunistas daquela organização, uma condição para continuar como secretário: entrar para o Partido Comunista. Supondo que seja isto verdade, que fez Mr. Wright, que de antemão, como ele o confessa, reconhecia nos comunistas os mais graves defeitos? Recusou a proposta que tanta repugnância lhe teria causado? Não, aceitou-a. Tentando agora desculpar-se perante a linha auxiliar do imperialismo, cnicamente ele diz: "Não tive outra alternativa".

"RAZÕES" DE UM PUSILÂNINE

O oportunismo em Mr. Richard Wright aparecerá sempre disfarçado nas mais cândidas desculpas. Sem a necessária coragem para confessar os seus erros, tenta sempre a saída que menos o comprometa, de modo a salvar, na aparência o seu espírito soberbo, que nunca admitiu críticas nem conselhos. O reconhecimento de culpa, a noção de responsabilidade, não coisas que

não se enquadram no arejado espírito de Mr. Wright. Um homem que reconheça os seus próprios erros, deixa-o perturbado. Não é pois de estranhar que tanto nojo lhe tenha causado o fato de um comunista, Ross, dar por justas as críticas que lhe faziam. Mr. Wright ficou perplexo; não compreendia por que Ross não se opunha a elas. "Ninguém o atormentava. Ninguém o ameaçava. Estava livre para sair da sala e nunca mais ver um comunista. Por que então Ross se confessava culpado? — esta pergunta preocupou seriamente a Mr. Wright. "Ross não tinha sido drogado. Ele estava atento, vivo. "Por que negava? Por que mentia? A honestidade de Ross foi-lhe produzindo náuseas, e Mr. Richard Wright, medularmente pusilânime, escreve: "Saí dali enojado".

E é um homem destes, eivado dos vícios mais vulgares da classe dominante, desonesto e satisfeito de si mesmo, que "tentou" ser comunista...

Ignorante do marxismo, estranho pela sua formação ao proletariado, pensou Mr. Wright que o fato de ser ele escritor lhe bastaria para galgar posições e colaborar na direção do Partido. Não pensou em folhear os clássicos da ciência proletária e estudá-los; não quis aprender, mas queria levar a melhor com homens experientes da luta política, discutindo matéria que ele próprio confessa ignorar.

Tal a sua nulidade política, que Mr. Wright desejou, não afastar-se do Partido, mas dispor de seu tempo unicamente para escrever romances, continuando a ser visto

e recebido como um membro do PC. Tentando o pulo, pergunta numa reunião partidária, com a inocência dum burguês, qual das ocupações competia ao escritor comunista: fazer literatura ou dedicar-se a trabalhos políticos? E a resposta não foi outra: as duas coisas. Mas Mr. Richard Wright, do alto de seu profundo saber, não pôde concordar com o "disparate"... isto o fazia crer que os comunistas, obstinados pela política, não davam importância às maravilhas que ele estava escrevendo... É esta uma das "razões" que servem a Mr. Wright para demonstrar que não é possível um entendimento com os comunistas.

A SOCIEDADE SE DIVIDE EM CÔRES...

Claro que Mr. Wright, à base de deformações e de atitudes covardes, não poderia entender-se com os comunistas. Os comunistas combatem todo e qualquer racismo, e Mr. Wright, muito embora o deseje negar, é um racista. Filho de um país onde o preconceito do negro é cultivado com o beneplácito do governo, o oportunista e vaidoso Mr. Wright adota, por sua vez, o preconceito do branco, passando a aceitar a divisão americana dos homens: negros e brancos. Consoante esta classificação tola e racista, encontramos a cada passo em sua arênga expressões desta ordem: "Voltei-me e dei com branco", "... pesando a sinceridade dos estranhos brancos", "um comunista branco", "o secretário negro da reunião", e assim por diante:

A reação do negro contra o branco seria explicável, mas não o é em se tratando do brilhante escritor Richard Wright, que nada tem a aprender em sua superioridade, e a quem, por isso mesmo, jamais feríamos a pretensão de dizer que a sociedade se divide em classes e não em côres.

Viciado a tal ponto pelos tesouros portentosos da cultura cristã-americana, é que o grande Mr. Wright "tentou" ser comunista, como se no Partido Comunista houvesse um só lugar para dúbios e racistas.

UMA PAGINA A MAIS DE VILEZA

"Tentei ser um Comunista" (na verdade, nunca o tentou) é um serviço frívolo. Não convencendo a ninguém de bom senso, só poderá, quando muito, arrancar os aplau-

posição nas montanhas. O êxito alcançado foi muito maior do que se esperava... As populações, tomadas de pavor começaram a fugir para a rua e depois para os campos, como se essa irradiação não fôsse uma fantasia de romancista, mas a realidade do fim do mundo... E a irradiação teve de ser suspensa. Mas deixou atrás de si uma página dolorosa que hoje é lembrada e o será ainda por muitos anos...

A bomba atômica, para tranqüilidade de todos os seres humanos, deverá ser, o mais depressa possível, colocada fora da lei, como inimiga da civilização, da cultura e dos mais altos propósitos morais desta infeliz humanidade. E o Brasil — que se orgulha de não ser jamais um país agressor — deverá formar entre os povos que mais se batem em prol desse ato de justiça — que é a condenação da bomba atômica como meio de luta nas guerras que, por infelicidade nossa, venham novamente ensanguentar o planeta em que nos foi dado viver...

ANCE DE WELLS

AFONSO SCHMIDT

Apenas ouvida essa informação (que nem sequer precisa ser verdadeira) começará o êxodo das cidades. E ninguém, por nenhum processo violento ou suasório, poderá impedir esse impulso rápido, instintivo, alucinado, de dois milhões de seres humanos — homens, mulheres e crianças — fugindo caoticamente dos grandes centros ameaçados. Todos os meios de produção paralisarão instantaneamente. As fábricas ficarão desertas. As casas comerciais, as escolas, as residências e os mercados esvaziar-se-ão num espantoso atropelo. Os serviços de transporte sofrerão colapso. Estradas de ferro, bondes, ônibus, automóveis, tudo. As ruas ficarão entupidas de veículos que mal poderão mover-se. Nos bairros, os automóveis serão tomados a unha pelos homens alucinados que desejam fugir o mais depressa possível. E os carros estragados, pouco a pouco, se irão transformando em barricadas na embocadura dos caminhos que demandam o campo. Grandes massas de fugitivos se chocarão nas estradas, na sua corrida louca de uma cidade para outra. Foi assim que, na França e em outros países da Europa, nos dias da ocupação nazista, se procedeu ao êxodo das populações em pânico. Devemos notar, porém, que naqueles momentos o perigo, com ser grande, não tinha as proporções que hoje oferece uma bomba atômica caindo sobre qualquer cidade, para a sua destruição total.

A onda humana fugida de uma cidade, ao cair em outra cidade, contribuirá para tornar ainda mais espantoso o caos. Não haverá trabalho possível, quer nos campos quer nas oficinas. E a fome irromperá por todos os cantos, com os motins, os assaltos, até mesmo os saques. E, na terra desorganizada, já sem encontrar resistência possível, as quinta-colunas infiltradas pelo inimigo poderão assenhorear-se de nossa terra.

O que aí fica — felizmente — não passa de uma fantasia. Mas está perfeitamente dentro da lógica, do pouco que se tem escrito sobre o poder diabólico da bomba atômica. Como vimos, para a desorganização e talvez a conquista de uma cidade como São Paulo essa bomba nem sequer precisa ser lançada sobre a Praça da Sé. Bastará, de certo modo, a notícia de que o inimigo vai atacar por esse meio a nossa capital e os centros industriais que a cercam. O pavor desencadeado pela ameaça fará o resto. E que resto! Exagêro? Lembrem-se do caso recente da irradiação da «Guerra dos Mundos», de Wells, numa das grandes emissoras da América do Norte. A estação começou a anunciar que, em certo ponto do território, os «marcianos» estavam descendo do céu com suas armas mortíferas, tomando

TEMPO DE GUERRA E DE BOMBAS

A HIROSHIMA E NAGASAKI
AOS HOMENS, AOS BICHOS E ÀS FLORES E ÀS
ÁGUAS E ÀS ROCHAS

JORGE MEDAUAR

AS ESTAÇÕES eram esperadas:

Inverno, primavera, verão, outono.
Vinha a época das chuvas, suas modas,
Vinham os dias de sol, costumes de verão.
Sabia-se o tempo das pitangas, a safra
Do ananás e do caju. Flamboyants
Vermelhos, abertos como incêndio.
Colheita de melão e melancia.
Desabrochar de lírios e gardêneas.
Época de pesca, estação de caça.
Solstícios de inverno e de verão.

II

Vieram os americanos: A publicidade
Confundiu as estações no rádio,
No cinema, em páginas de jornais; época de O.K.
Época de jeep, época de leite-em pó,
Época de chiklets e coca-cola.
Histórias em quadrinhos, feijoada em lata.
Flôres de matéria plástica.

III

Foi-se o tempo das esperadas estações,
Fundiram-se as épocas em aplainada táboa.
Hoje é tempo de guerra e de bombas:
Atômica, hidrogênio.

VI

Teremos que nos beijar uma coletiva despedida,
Pássaros, árvores, bichos, rios e cidades.
A morte já são será provável apenas para o que segue.
Antes, a semente da vida, o germe do amor.
Permanecia, ficava a palpitar no coração à espera.
Era possível a saudade, orvalhava-se o broto da esperança,
Havia recordações e memória. Hoje
Escolas e creches, cidades, praias e bosques,
Sinos na torre de ponteagudas igrejas
Terão que se dar adeus.
Pobre Hiroshima, triste Nagasaki.
Nem ao menos despedida.

V
É o fim do peixe que se perde

E do cardume, do pássaro que desfere o vôo
E do ninho, do casal de abelhas no espaço
E da colmeia, da espiga de trigo e do trigal,
Fim da criança e do útero, do tecelão e do tear,
Do pintor e do quadro, do espelho e da imagem,
Do violino e da música. Fim do poeta
E da poesia.

IV

No silêncio tranquilo da planície
A bomba, como um promontório subindo no ocidente
Intumesce ao longe o dorso metálico.
Eis-nos ameaçados, no cone de sombra que avança.
É preciso avisar às árvores, despertar
Ovelhas e bois da falsa noite que prossegue,
Assobiar chamando as aves no fundo dos ninhos,
Roçar os lábios no chão e passar a mensagem
Ao cortêjo das formigas, aos lerdos caracóis,
À relva miúda e à alcaparra. É sombra, não é noite.
Raízes, nossas subterrâneas veias,
Dizei aos minerais. Flôres, borboletas
O tempo não mudou: são falsas estações.
Essa noite não destila o límpido orvalho.

VII

Juntos, desagregaremos o pardo promontório
E enrolaremos o negro pano de sombra
Aberto sobre os campos.
Ouviste o apêlo de Estocolmo, bailarino?
Tem que ser hoje, tecelão,
mesmo, camponês.
Vamos forrar de pétalas a planície,
Abrir caminho às esperadas estações.
Terminou o tempo de guerra e de bombas:
— Agora é tempo de paz.

S. Paulo, junho, 1950

ões sem ressonância dos pelegos nacionais. Com o seu trabalho, Mr. Wright apenas acrescentou à história abjeta dos renegados uma página a mais de vileza e oportunismo. Atraindo para si o repúdio da classe operária consciente e organizada, ganhou em troca os bons olhares do agrupamento monopolista, a quem serve com a sua insinceridade e abjeção.

A publicação da historietta desprezível de Mr. Wright, no Brasil, é mais um desses gestos de amabilidade e simpatia com que a linha auxiliar distingue o imperialismo. Os guerreiristas poderão esfregar as manoplas, satisfeitos. O serviço de Mr. Wright vem ao encontro de sua maior aspiração no momento: iludir os desavisados, dizendo-

lhes que os comunistas não conhecem, na verdade, a linguagem do bom entendimento, a linguagem da paz. Outros repetirão o mesmo, servindo à podridão burguesa, e com isso ganharão os monopolistas em maiores lucros (3). Eles querem a guerra, pensando que uma nova hecatombe triplicará os seus bilhões, e os Koestler, os Richard Wright ai estão para traduzir litera-

(3) "... enquanto os monopólios americanos tinham um lucro (líquido) de 13 bilhões de dólares em 1946, aumentaram esse lucro para 18 bilhões em 1947, 21 bilhões em 1948 e cerca de 30 bilhões em 1949." Em "Colosso de Pés de Barro" — "Voz Operária", 24-4-50.

riamente aquilo que os imperialistas dizem. Vivemos, porém, uma época diferente na História. O sentimento anti-imperialista nos povos coloniais e semi-coloniais é hoje uma realidade palpante. Todos sabemos onde se agrupam os fatores de guerra. Sabemos dos motivos por que desejam atirar-nos, a juventude, uns contra os outros e saborear, a margem do sangue, o espetáculo hediondo. Mas temos um desejo e uma vontade superiores aos designios dos senhores monopolistas e seus aliados, os pelegos intelectuais.

Amamos a Paz, queremos a Paz, não obstante os Silone e os Wright.

Carta aberta aos escritores ocidentais

ILYA EHRENBURG

Termina a terceira sessão do Comitê permanente do Congresso mundial dos Partidários da Paz. Os participantes desta sessão dirigiram um apêlo: "a todos os homens honestos que, independentemente da natureza de seus pontos de vista quanto às razões geradoras da tensa situação internacional de nossos dias, inquietam-se a êste respeito e desejam sèriamente o restabelecimento das relações pacíficas entre os povos."

Os participantes desta sessão assinaram um apêlo e propuseram a todos os homens honestos que aí deixassem sua assinatura. Recordo o texto dêsse apêlo: "Exigimos a proibição absoluta da arma atômica, arma de terror e de extermínio maciço de populares. Exigimos o estabelecimento de um rigoroso contrôle internacional que assegure a aplicação da medida de interdição. Consideramos que o govêrno que utilizar a arma atômica terá cometido um crime contra a humanidade e deverá ser tratado como criminoso de guerra. Pedimos a todos os homens de boa-vontade no mundo que assinem êste apêlo."

Grande parte dos escritores progressistas já assinou o apêlo. Dirijo-me aos que hesitam, a êsses a quem insinua que uma intriga política se dissimula sob o apêlo dos Partidários da Paz, a êsses a quem procuram persuadir de que a pomba da paz faz lembrar o famoso cavalo de Tróia.

Por que me dirijo aos escritores? Em primeiro lugar, porque eu próprio sou escritor. Sei que o escritor compreende a importância da sua assinatura; compreende que milhões de leitores o ouvem e o escutam; não se contenta êle com ver, e prever; não se contenta com descrever, e prescrever. Leva, pois, sôbre seus ombros uma enorme responsabilidade.

O escritor que escreve um livro é responsável por todos os livros que foram escritos antes dêle, é responsável por todo o tesouro literário do mundo, pelos grandes valores do passado. O escritor que descreve um simples amor humano é responsável por todos os amantes do mundo, por todos os berços, por todos os jardins. O escritor que fala aos homens é responsável por todos os homens. Pode hoje o escritor calar-se, esquivar-se, esquecer a criança, a felicidade humana, as velhas pedras, o destino da cultura?

Dirijo-me aos escritores porque cada assinatura de escritor será seguida de milhares de assinaturas dos seus leitores. Talvez alguns me objetem que assinatura alguma poderá impedir a guerra, poderá defender os homens. Estas objeções parecem-me mal fundadas e indignas de um escritor.

Passaram-se os tempos em que as guerras eram feitas por castas isoladas. Não creio que hoje seja possível fazer-se uma guerra contra a vontade dos povos, contra a vontade da gente simples. As assinaturas apostas sob o apêlo condenando a arma atômica, não são simplesmente fôlhas de papel levando uma enumeração de nomes de americanos e de russos, de ingleses e de franceses de italianos e de poloneses, de chineses e de indus. Traduzem estas assinaturas uma decisão, uma vontade, um juramento feito por milhões e milhões de homens. Sabemos que as diversas entrevistas entre diplomatas, até agora levadas a efeito, não deram resultado (não quero acentuar, agora, a quem cabe a responsabilidade por êste fato). Vemos que a ameaça do emprêgo da arma atômica contra homens inocentes cresce sem cessar. Vemos que um perigo sem precedentes ameaça a cultura humana.

Os antigos romanos afirmavam que as Musas se calavam quando falavam as armas. Hoje as Musas devem levantar a voz, devem falar para que as armas não o possam fazer.

Dirijo-me a êsses, dentre os escritores ocidentais, que vêem a vida de uma maneira diferente da nossa, aos que sentem e pensam, muitas vêzes, diferentemente de nós. Dirijo-me não aos partidários de uma mesma idéia, mas a todos os escritores honestos do Ocidente. Não lhes venho propor que adiram a meus pontos de vista sociais, políticos ou estéticos. Não lhes venho propor que defendam um partido político contra outros partidos, ou um Estado contra outro.

Não lhes venho propor que condenem qualquer govêrno por sua política interior ou exterior. Venho propôr-lhes uma coisa totalmente diversa e inteiramente aceitável: proponho que levantem a voz contra a arma atômica, contra as bombas e superbombas que ameaçam todos os homens; proponho que adiram à exigência formulada pelos partidários da paz no tocante à interdição sem restrições da arma atômica e no tocante ao estabelecimento de um contrôle da aplicação desta interdição; proponho que condenem o govêrno que primeiro se atrever a lançar uma bomba atômica sôbre os habitantes de um país, qualquer que êste seja.

O apêlo adotado pela terceira sessão do Comitê Permanente dos Partidários da Paz não comporta nem mistificação, nem astúcia, nem parcialidade. O "segrêdo" ligado à fabricação da arma atômica não constitui monopólio de Estado nenhum. Exigindo a interdição da arma atômica, exigimos sua proibição em todos os Estados onde esta arma é fabricada ou pode ser fabricada. Não pedimos a ninguém que condene o govêrno dêste ou daquele país, pedimos que os homens condenem o govêrno que primeiro se atrever a empregar uma arma de extermínio maciço de vidas humanas. Não é um veredicto, é uma advertência. Depois de têmos assinado êste apêlo, dirigimo-nos a todos os homens de boa-vontade. Creio que aquêle que elevar a voz contra nossa exigência quanto à proibição da arma atômica, trairá, ao fazê-lo, seus desígnios criminosos. Penso que aquêle que não quiser declarar que os homens que ousarem empregar esta arma são criminosos, trairá, ao fazê-lo, suas intenções inumanas.

Proponho-vos, escritores do Ocidente, que adirais ao nosso apêlo imparcial, ditado pelo humanismo e pela inquietude, para a civilização.

Penso atualmente em certos escritores ocidentais, que não podem aprovar os planos de extermínio maciço de vidas humanas, mas que ainda não se opuseram, que eu saiba, à arma atômica. Pediria licença para dirigir-me a cada um dêles e espero que êste apêlo pessoal contribuirá para precisar ainda mais a essência de minha mensagem.

Dirijo-me a você, Ernest Hemingway. Você sabe como aprecio o seu talento, pois já escrevi a êste respeito. Quase todos os seus livros foram traduzidos para o russo e são bem conhecidos pelos leitores soviéticos. Não me dirijo a você, unicamente por ser um escritor que aprecio. Encontrei-o durante o cerco de Madri, quando os criminosos assassinavam impunemente crianças espanholas com chuvas de bombas. Você, então, estava indignado, e com razão, contra o punhado de homens que haviam trazido males terríveis para o povo espanhol. Eu me lembro. Eu me lembro do dia em que os fascistas italianos atacaram a Etiópia. Você escreveu, então, um artigo cheio de indignação. Você amava o povo italiano mas sabia que os fascistas que atacavam a Etiópia cometiam um crime.

Você sabia, igualmente, que Addis-Abeba seria seguida de Madri, e Madri de Paris e de Londres. Muitas coisas nos separam atualmente, mas não quero discutir consigo. Dirijo-me ao escritor Ernest Hemingway, que viveu a tragédia de Madri: pode êle ficar em silêncio agora, que homens desumanos nem mesmo dissimulam sua intenção de jogar bombas e superbombas atômicas sôbre cidades pacíficas, sôbre mulheres, crianças e velhos? Sua assinatura não pode faltar na exigência relativa à irrestrita proibição da arma atômica.

Dirijo-me a você, Roger Martin du Gard. Guardei durante muito tempo a belíssima carta em que você condenava a inimizade e pronunciava boas palavras sôbre o meu pacífico povo. Fui obrigado a queimar esta carta em Paris, no momento da entrada dos invasores fascistas na cidade. Você sabe, sem dúvida, que os "Thibault" são bem conhecidos por nossos leitores. Sua obra está impregnada de realismo e de amor pela gente simples, o que permite que eu me dirija a você. Pediria licença para lembrar-lhe que nosso amigo comum Jean-Richard Bloch falava freqüentemente na "responsabilidade do talento". Dizia êle que quando males terríveis ameaçam o mundo não tem o escritor o direito

de se esquivar nem de dizer: "Isto não compete a mim." Até aqui, nada disse você do que pensava sobre o perigo que ameaça o mundo. Creio que deve aderir à exigência de interdição da arma atômica: lá não existe a exigência de um partido, mas da consciência humana.

Dirijo-me a você, J. B. Priestley. Não nos conhecemos, mas você teve a amabilidade de escrever-me um prefácio à tradução inglesa de meus artigos do tempo de guerra. Neste prefácio, dizia você apreciar o escritor que "havia levantado a voz contra os criminosos de guerra antes de terem eles cometido o seu crime, tentando, com isso, impedir este crime." Há alguns anos passados, estava você em Moscou e teve tempo, certamente, de observar que os nossos leitores e os nossos amantes de teatro o conheciam bastante. Quando voltei a Paris, depois do Congresso mundial da Paz, os homens soviéticos me perguntaram se você tinha participado dos nossos trabalhos. Eu não sabia como explicar-lhes a sua ausência. Em Paris, disseram-me que você se recusara a vir ao Congresso porque estava cansado e que você não acredita no sucesso deste gênero de conferências. Eu também estou cansado, John B. Priestley, cansado de muita coisa: da guerra que descrevi no livro que você prefaciou, e da que preparam neste momento os homens que pensam apenas nos seus interesses pessoais. Estou perfeitamente de acordo consigo; é mais agradável escrever romances e peças teatrais do que pronunciar discursos em congressos e conferências. Mas não me posso furtar à responsabilidade que me incumbe, diante de meus leitores, e, a despeito do meu cansaço, dirijo-me também a você. Sem dúvida, não lhe posso garantir que nosso apelo deterá os que nutrem desígnios criminosos, mas eu lhe garanto que, se você não intervier contra a arma atômica, não puser sua assinatura em nosso apelo, nem os seus leitores de Moscou, nem os de Londres, nem os de Nova York, jamais o perdoarão.

Dirijo-me a você, Erskine Caldwell. Você se achava na União Soviética quando os alemães nos atacaram e, sem dúvida, se lembra de como nos encontramos, por acaso, no mesmo abrigo: nessa época, os criminosos bombardearam Moscou. Você contava coisas interessantes, ria, e a noite de estio passava sem que o percebêssemos. Mas você não ria, apenas, naquela noite, pois estava igualmente indignado. Lembrando-me disso, dirijo-me a você: você deve assinar nosso apelo. Você escreveu muitas coisas belas sobre os sofrimentos da gente simples da América. Poderia você abster-se quando se trata de salvar esta gente da mais terrível das desgraças? Não exijo, de maneira alguma, que participe do meu ponto de vista sobre a origem dos acontecimentos internacionais: já não sou mais um jovem e sei que não se pode fazer com que um escritor mude de opinião por meio de cartas abertas ou fechadas — só a vida pode convencê-lo. Peço outra coisa: condene os homens que projetam a destruição de cidades pacíficas. Se lhe restam boas lembranças de Moscou de então, quando se defendia dos fascistas, pense em Moscou. Mas não é necessário. Pelo contrário, é seu dever pensar na sorte das cidades e das crianças norte-americanas. Na minha opinião, você deve assinar nosso apelo.

Dirijo-me a você, André Chamson. Estamos ligados por uma amizade de longa data. Você estava na Madri cercada e ensanguentada. Você amava profundamente a paz e odiava a guerra, mas quando os criminosos invadiram o seu país, você se juntou à resistência, você combateu. Nosso apelo foi assinado por escritores franceses de opiniões diferentes; a assinatura de Martin-Chauffier é a vizinha da de Aragon. Como poderá você não assinar este apelo? Nossos leitores conhecem os seus romances bem como a vida dos camponeses das suas Cevenas queridas, conhecem o seu "Poço dos milagres" que pinta os males causados pelos fas-

cistas na França. Estou certo de que você dá mais valor ao destino dos seus heróis que a certos diplomatas ou a certos homens políticos. Você ama a arte e muito fez para salvar numerosos monumentos do passado. Recentemente, certos jornais surgidos numa outra parte do mundo publicaram artigos sobre "o que restaria de Paris após a queda de uma superbomba." Conclui-se, por esses artigos, que nada restaria, nem o Louvre, nem a Notre-Dame, nem a Biblioteca Nacional, nem o museu do Petit-Palais cujo conservador é você. Não vou examinar neste momento a parte de verdade e a parte de basófia que há nesses artigos. Admitamos que os criminosos possam destruir Paris. Contudo, sabe você tão bem como eu que eles não são capazes de a construir. Seria necessário para isso séculos de trabalho, o gênio criador de um povo. Estou persuadido de que você levantará a voz contra os homens que glorificam as bombas e as superbombas. Você quer salvaguardar a paz, salvar as velhas pedras de Paris e as crianças das Cevenas — estou certo de que assinará o apelo.

Dirijo-me a você, John Steinbeck. Você me disse que era preciso dissipar o nevoeiro anunciador da guerra. Você visitou outrora o nosso país e escreveu um livro sobre a sua viagem. Nesse livro, disse que não gostou de uma peça soviética que acusava os americanos de criar este nevoeiro anunciador de guerra. Isto é consigo. Eu poderia responder dizendo que não gostei do seu livro sobre a U.R.S.S. Ele me pareceu um bocado superficial e de pouco peso, e eu esperava outra coisa do autor dos romances "Ratos e homens" e "Vinha da Ira", que me parecem profundos e importantes. Mas não é minha intenção entregar-me à crítica de livros ou de peças. Você observou (e escreveu) que os povos soviéticos não querem a guerra. Suponho que o povo americano não a quer tampouco. É por isso que lhe proponho que combata o punhado de homens que edificam sua fortuna graças ao jogo perigoso e criminoso com as bombas atômicas. Espero que não se esquive ao seu dever.

Dirijo-me a você, Alberto Moravia. Você escreveu um belo livro, "Os Indiferentes", e nele mostrou, como nos seus demais livros, que estava longe de se sentir indiferente ante o destino da gente simples da Itália. Discutimos consigo muitas coisas em Roma, cada um defendendo o seu ponto de vista. Mas numa coisa estávamos de acordo: quanto à necessidade de impedir a guerra. Se bem compreendi os seus livros, se o compreendi bem, você porá, certamente, a sua assinatura no apelo dirigido contra a arma atômica.

Nomeei apenas um pequeno número de homens, mas dirijo-me a um grande número deles, dirijo-me a todos vocês, escritores célebres do Ocidente, quaisquer que sejam as suas opiniões. Na hora em que um perigo terrível ameaça todos os homens, todos os povos, o conjunto da cultura, não podem vocês continuar calados. Nosso apelo recebe as assinaturas dos pedreiros e dos fundidores, dos tecelões e dos vinhateiros, dos administradores de terras e dos diretores de escolas, dos engenheiros e dos agrônomos. Não deixem escapar a sua hora: os escritores devem andar à frente dos outros. A sua voz, que chamamos de "consciência humana", deve ressoar bem alto e sobretudo com clareza. Muitas coisas das que vocês escrevem podem não me agradar. Podem vocês criticar ou rejeitar os livros dos escritores soviéticos. Mas a paz é necessária a vocês tanto quanto a nós: é necessária a todos os povos, é necessária à arte. Quero continuar a crer na humanidade dos melhores escritores do Ocidente. Minha confiança é partilhada por muitos leitores e vocês não a devem trair. Devem levantar-se e pronunciar estas palavras simples, calmas e severas: interdição da arma atômica, advertência aos que premeditam o assassinio de milhões de homens, paz às mães, a todas as cidades e a todas as crianças!

CONDENA A BOMBA ATÔMICA O ESCRITOR GALEÃO COUTINHO

"Sou contra a bomba atômica por que não posso compreender que os homens de ciência, depois de laboriosas investigações, empreguem contra a humanidade aquilo que pode muito bem ser utilizado em seu favor. Com

o aproveitamento da energia nuclear nas indústrias pacíficas, poder-se-á resolver todos os problemas em proveito das populações hoje miseráveis e famintas." Galeão Coutinho.

ALTINO ARANTES, MEMBRO DA
ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS,
VERBERA A ARMA ATÔMICA

"A bomba atômica, com as hecatombes e as devastações incalculáveis que ocasiona, é arma cruel, iníqua e impiedosa que a religião e a moral condenam e que, por isso mesmo, deve ser proscrita para sempre do Direito Internacional e das práticas dos povos cultos." Altino Arantes.

APRO... *Fundamentos*

ANO I



Diretor: BARÃO DE ITARARÉ



JULHO-AGOSTO 1950



N.º 4

A GUERRA NA CORÉIA

ALGUMAS NOTAS PARA SE COMPREENDER O QUE REALMENTE SE ESTÁ PASSANDO POR LÁ.

A luta na Coréia é bastante difícil de ser compreendida. Por isso, vamos tentar uma explicação, para que as pessoas que estão atordoadas com o ronco dos aviões a jato e o estrondo das explosões semi-atômicas, ponham em fila indiana os seus pensamentos e possam entender o que se está passando na realidade.

Os que avançam e batem o invasor são norte-coreanos e os que recuam e batem em retirada são norte-americanos.



Os americanos, porém, já deixaram de ser do norte, porque, no momento, estão completamente desnorteados.



O presidente Truman pediu, por sua vez, ao Congresso 7 bilhões de dólares para sustentar a luta dos coreanos do sul. Os coreanos em geral, com os chineses em particular, vão com certeza aceitar esse precioso auxílio. E já começaram a lhe dar o troco.



O Departamento de Estado anuncia que a luta na Coréia só terminará quando os coreanos do norte forem rechaçados para além do paralelo 38. Mas até lá os norte-ame-

ricanos já levaram uma surra sem paralelo na história.



Assim, a luta na Coréia já chegou a seu fim. Aos norte-americanos, no momento em que redigimos estas notas, só resta uma pequena cabeça de ponte. Mas, quando estiver circulando esta edição, é muito provável que os coreanos já tenham forçado os norte-americanos a carregar a ponte. E a ponte na Coréia é coisa de se levar na cabeça.

O FIM DO MUNDO

Quando a humanidade atingir o ideal de fraternidade todos os homens serão irmãos. E, então, acabará o mundo, porque não haverá mais país.

CONSELHOS ÚTEIS

AOS PASSAGEIROS DE BONDE

Em lugar bem visível, em todos os bondes, há sempre um letreiro que diz assim: "É proibido fumar nos três primeiros bancos."

Se o leitor amigo fôr fumador inveterado e tiver, por acaso, conseguido um lugar vago num desses bancos da frente e lhe vier a vontade de fumar, não faça cerimônia. Trate de saborear tranquilamente o seu cigarrinho, porque se fôr levar a sério tudo o que está escrito, acaba tomando a "Saude da Mulher."

O DILÚVIO

A história é conhecida. Choveu quarenta dias e quarenta noites, sem parar, sem uma folga. As águas subiram tanto que toda a terra ficou alagada e, como consequência lógica, morreram, mais ou menos afogados, todos os homens e todos os animais, que não conseguiram tomar passagem na arca de Noé.

Agora, que já se passaram tantos séculos, depois do tremendo cataclisma, parece que ninguém poderá levar a mal esta pergunta:

— Que foi feito dos peixes?

PROVÉRBIO MULÇUMANO

Não é pecado mortal matar o pai dos porcos, mas é um crime muito feio roubar o respeitável público no preço do toucinho.

OS TEMPOS MUDAM

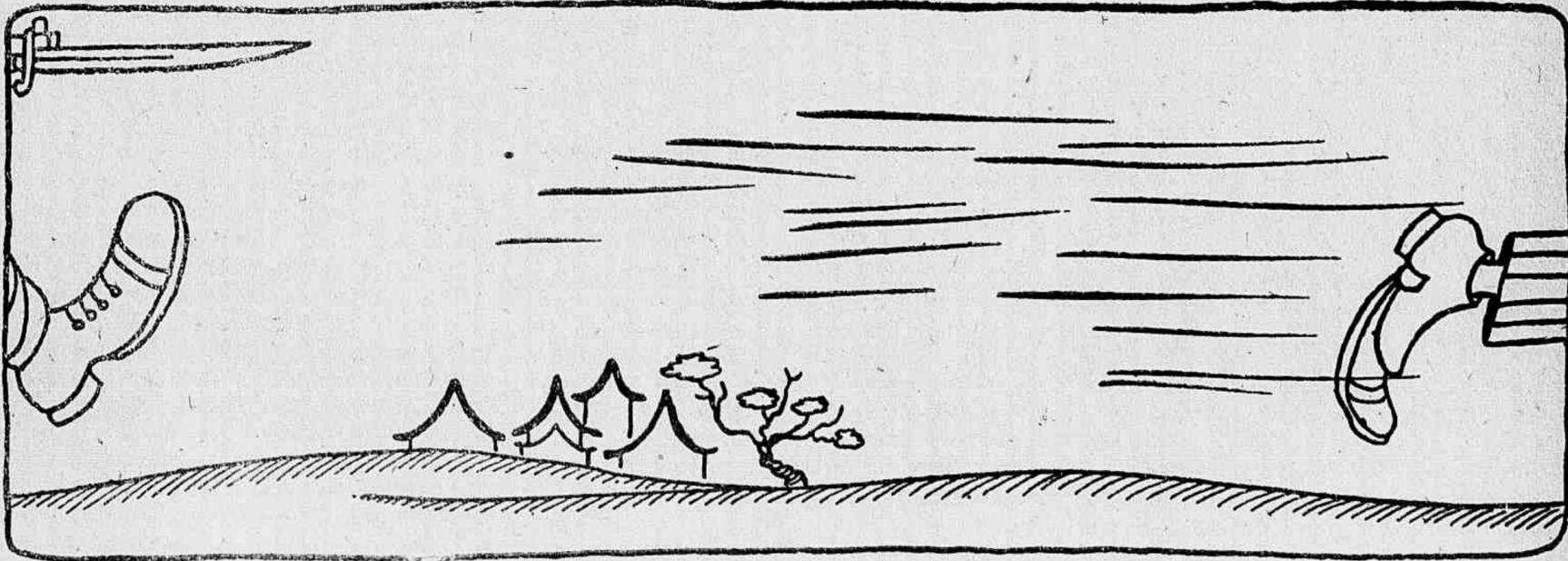
A balança era, antigamente, o símbolo da justiça. Hoje, é a desgraça da freguesia dos armazéns de secos e molhados.

CASTA AVARENTA

S. Bernardo costumava dizer que os filhos de Adão constituíam uma casta avarenta e ambiciosa. Que idéia faria S. Bernardo dos homens, se vivesse atualmente no Brasil e tivesse que pagar aluguel de casa e comprar mantimentos no mercado?

CONFIRMAÇÃO

Depois da aliança com Plínio, o Doce, ficou provado e reprovado que o brigadeiro não é tão ruim como dizem, mas muito pior.



PAISAGEM DA CORÉIA.

CINEMA CINEMA CINEMA

Hollywood na "Guerra Fria"

JOSÉ SOARES

HOUVE UM TEMPO em que Hollywood marchou para a democracia. Como estivessem os Estados Unidos em guerra com o Eixo, Hollywood empenhou-se em conquistar patentes e condecorações, seja por valor, como o piloto de guerra James Etewart, seja por outros quaisquer meios, como o "Conorel" Jack Warner, que tem um posto honorário num exército estadual, quase imaginário — segundo consta. Nessa marcha, volta e meia os magnatas de Hollywood apregoaram bonitas idéias, como fez o produtor Cecil Blount DeMille. Realizador de "As Cruzadas", "O Sinal da Cruz" e outras grandiloquências, DeMille afirmou categoricamente ter sido superada a fase circense de Hollywood e que se iniciava agora a "era do pensamento", sob o olhar severo do público. Muito bem! O ruim é que, depois de tal declaração, DeMille fez "Os Inconquistáveis" em vez de fazer os filmes sérios prometidos, filmes que refletissem as realidades sociais de nossa época. Devem lembrar-se os leitores de que "Os Inconquistáveis" não passou duma chanchada heróica, que fez o público mais, em momentos pretensamente dramáticos, do que riu com as melhores situações cômicas de comédias das melhores — conforme nos afirma o crítico inglês Max Knepper. Já se anuncia de DeMille outra chanchada, essa bíblica: "Sansão e Dalila". Isso é o que ele chama era do pensamento. Melhor seria dizer: era atômica, pois Hollywood está participando ativamente da "guerra fria" contra a União Soviética e as forças progressistas do mundo inteiro.

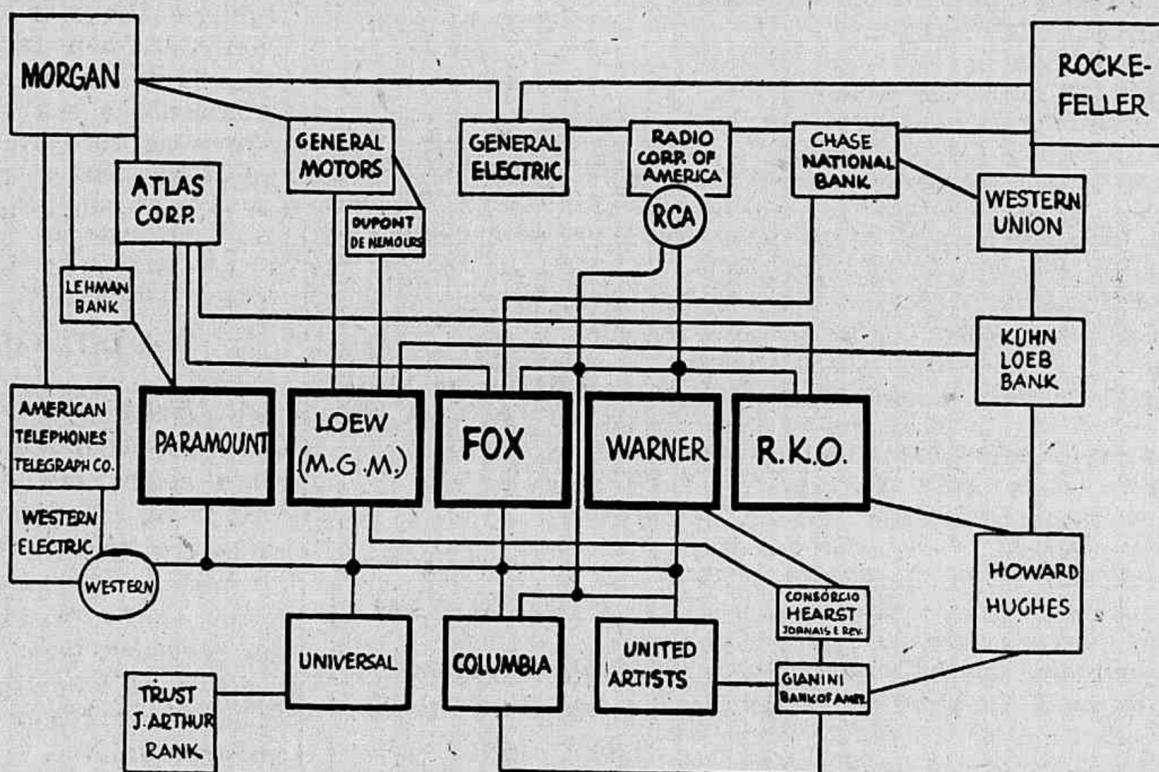
CONFRONTOS, CONTRASTES, PERSPECTIVAS

Quando o mundo estava emolgado com as gigantescas vitórias do Exército Vermelho e do povo soviético, Hollywood, para atender às exigências do público, atirou-se à produção de películas que se referissem à URSS e às suas lutas. A preocupação de ganhar dinheiro levar a terceira indústria ianque a tocar até mesmo em assuntos delicados. Já em 1940, por exemplo, o extraordinário sucesso de livreria de "Vinhas da Ira" havia levado os produtores norte-americanos a fazer do romance de Steinbeck uma versão "de certo modo castrada" (o adjetivo é de Roger Manvell).

Assim, a mesma Metro que fizera os filmes anti-soviéticos "Ninotchka" e "Camarada X", realizou "Canção da Rússia" e ganhou rios de dinheiro. A mesma Colúmbia da comédia anticomunista "Café Para Dois", com Melvyn Douglas, apresentou às platéias mun-

diais "Alma Russa", com Paul Muni. A RKO fez "Quando a Neve Tornar a Cair", com Gregory Peck. A Warner fez "Missão em Moscou". Samuel Goldwyn apresentou "Estréla do Norte", com Dana Andrews. A United distribuiu "Três Moças Russas", com Anna Sten. E assim por diante.

Mas o mundo logo se dividiu em dois campos. Ficaram de um dos lados os donos de Hollywood, os financistas e os trustes que controlam a sua produção, e que são os seguintes, segundo Georges Sadoul:



plo, obteve como prêmio a ampla divulgação mundial de suas cacetíssimas memórias.) Outros, porém, mantiveram-se firmes e lutaram. Esses foram Humphrey Boggart, Larry Parks, Katherine Hepburn, Rosalind Russell, Paul Robeson e outros muitos. Figuras prestigiosas, como Chaplin, Fredric March e Edward G. Robinson, sofreram intensa campanha de intimidação.

Quanto aos cérebros, os diretores, produtores e escritores, que conduzem os astros, o Comitê foi mais longe. Dez grandes figuras do cinema viram seus contratos de trabalho rescindidos, foram submetidos a processo por "desacato ao Congresso" e condenados à prisão. São eles: Alvah Bessie, Herbert Biberman, Lester Cole, Edward Dmytryk (diretor de "Rancor"), Ring Lardner Jr., John Howard Lawson (autor de "Bloqueio", "Alma Russa", "Desespéro"), Albert Maltz, Sam Ornitz, Dalton Trumbo (autor de "Trinta Segundos Sobre Tóquio", "Roseiral da Vida"). Desses, Trumbo e Lawson já estão encarcerados, na mes-

Hollywood tinha, portanto, que entrar na "guerra fria" promovida pelos seus donos e senhores. Para quebrar a resistência dos profissionais progressistas da cinematografia ianque, o Comitê de Atividades Anti-Americanas foi mais uma vez mobilizado, lançando-se imediatamente à "caçada" aos astros e estrélas, cenaristas e diretores.

Uns caíram de joelhos. Esses foram os Robert Taylor, os Adolph Menjou, as Ginger Rogers, os Richard Arlen e outros. (Menjou, por exem-

ma prisão onde Howard Fast e Eugene Dennis cumprem pena.

Não era evidentemente a primeira vez que Wall Street exercia pressão sobre Hollywood, publicamente através do Comitê parlamentar para investigação das chamadas atividades anti-americanas, e nos bastidores por meio de sanções econômicas. Antes da Segunda Grande Guerra, conta Georges Sadoul, alguns dos artistas visados pelo Comitê em sua ofensiva de 1939 tiveram que pagar caro as suas "atividades subversivas". Essas atividades consistiam em apoiar Roosevelt e a Espanha legal, republicana, e em boicotar Leni Riefenstahl e Vittorio Mussolini quando esses cineastas fascistas visitaram os Estados Unidos. Para limpar-se das suspeitas, Melvyn Douglas, por exemplo, achou de bom alvitre interpretar filmes como "Ninotchka" e "Café Para Dois".

Outro tanto sucedeu agora. Dana Andrews se penitenciou do piloto soviético que fez em "Estréla do Norte" interpretando o renegado Igor Guslenko no abacaxi "Cortina de Ferro". Gregory Peck, guerrilheiro rus-

só em "Quando a Neve Tornar a Cair", destez a má impressão fazendo profissão de fé de "Americanismo" na revista "Coronet", a pretexto de opinar sobre "A Luz é Para Todos", que considera uma boa maneira de combater o comunismo... O diretor do mesmo "Quando a Neve Tornar a Cair", Jacques Tourneur, procurou obter absolvição desse pecado realizando "Expresso Para Berlim", no qual caricaturou um oficial soviético. Por seu lado, e como que para limpar-se do dinheiro ganho com "Roma, Cidade Aberta", que distribuiu nas Américas, Yates, chefe da Republic, produziu pessoalmente "A Ameaça Vermelha", filme que em São Paulo não conseguiu para o seu lançamento nem um cinema de categoria sequer.

A Colúmbia de "Alma Russa" apresentou provocações iniantis numa tira de linha, com George Raft — "Johnny Alegre" — onde artistas que faziam espões nazistas nos filmes de guerra, aparecem agora como agentes duma potência que "odeia" até palavras como capital, avidenos, investimentos etc. A Warner de "Confissões de um Espião Nazista" e Deimer Daves de "Combate Para Leste" fizeram "Ninho de Aputres", com discurso anticomunista de Victor Franzen — um francês até então dedicado a papéis de velho sátiro. Charles Boyer, arrepenido talvez dum papel de agente republicano espanhol no exílio que fez ao lado de Lauren Bacall, foi para a Broadway e encenou Sartre: "Les Mains Sales", na versão ianque "As Mãos Vermelhas".

Ethel Barrymore (possivelmente arrepenida por ter feito sob a direção de Clifford Odets — destacado partidário da paz — aquêle bom "Apenas Um Coração Solitário") desandou em tirada anticomunistas e anti-soviéticas no abacaxzinho "Danúbio Vermelho", prestando-se até a provocações como a de desejar a um soldado soviético Feliz Natal e lhe pedir desculpas em seguida, pois "vocês comunistas não creem nisso"... O Robert Ryan daquele notável "Rancor", o melhor filme sobre o problema do anti-semitismo, desempenhou uma película que "justifica" e "reabilita" um delator. "Ato de Violência", sob a direção de Fred Zinnemann, que durante a guerra fez "A Sétima Cruz", de Anna Seghers!

Esses filmes já foram estreados em São Paulo. É claro que Hollywood não parou aí. Muitos outros filmes virão, uns fomentando o ódio racial, outros contra a União Soviética, e ainda outros voltados contra o comunismo. Pode-se desde já passar em revista alguns deles.

"CASEI-ME COM UM COMUNISTA"

— Da RKO — Sobre esse filme a cronista Christopher Kent tece uma série de ironias em "Modern Screen" (revista cinematográfica ilustrada, inteiramente insuspeita: nela escreve até Hedda Hopper, colaboradora do famoso Comité parlamentar). Em resumo: "De acordo com a RKO, os comunistas andam em tropelias em San Francisco que nem um bando de rapazes do Al Capone. Pum, pum, pum, e mais um leal cidadão ianque morde o pó. Visto como até agora o partido não meteu bala em Whittaker Chambers, a RKO está decididamente

avanzando o sinal, mas é que com certeza eles gostam de estar prevenidos. Aliás, se os comunistas são tão imprudentes e de um modo geral patetas, como os camaradas deste filme, o país nada tem a temer. O herói Robert Ryan foi comunista por uns tempos, durante a Depressão. Viu a luz, subiu de estivador a vice-presidente de uma companhia de navegação. Casou-se com Laraine Day e leva uma vida regalada. Mas o partido nunca esquece. Envia Christine Norman (Janis Carter), antiga paixão de Ryan, dizer-lhe que ainda pode ser útil. "Não entre em acordo com o Sindicato", ordena o partido. "Queremos que o movimento do porto de San Francisco seja paralisado por dois meses." Ryan só responde: pílulas! Os comunistas prontamente liquidam um traidor, à vista de Ryan. Está vendo? Vou à polícia", diz Ryan, "fazer uma confissão completa do meu passado." O partido lembra-lhe que o seu passado inclui o assassinato do caixeiro de uma loja durante uma greve anos atrás, e a cadeira elétrica está à sua espera. Ele está no papo. Fomentará a greve desejada. Em seguida Christine trabalha o irmão de Laraine (John Agar). Logo o irmão está um comunista sectário... O partido mata-o, malgrado as suas convicções (o rapaz descobre que Christine o fizera de bôbo) e depois o partido mata Christine porque ela está amolecendo (de rato amava Agar). E depois o partido mata Ryan (mas antes éle mata o partido, ou pelo menos Thomas Gomez e William Bailey, os dirigentes do partido em San Francisco). Precisa ver os três morrendo no chão de um armazém! Antes de morrer, Ryan entrega Laraine à proteção do líder sindical Richard Rober, que sempre a amou. "Vocês foram feitos um para o outro", diz Ryan, ou coisa parecida. E a greve no porto de San Francisco vai por água abaixo. Amém."

"TRAIDOR" — A mesma cronista Christopher Kent a qual, diga-se de passagem, não morre de amores pela União Soviética ou o comunismo, tanto assim que ao comentar "Danúbio Vermelho" achou também algo para dizer sobre a URSS, diverte-se ao comentar "Traidor" ("The Conspirator"), filme da Metro que, em resumo, é assim: "Robert Taylor faz um comunista, homem maduro, garboso oficial britânico (subversivo, às escondidas), o qual se casa com a colegial Elizabeth Taylor, uma borboleta da alta sociedade à qual a política aborrece bastante. Liz ignora o comunismo de Bob, mesmo quando o marido se disfarça com uns óculos enormes e sai à noite embuçado numa grande capa. O Partido Comunista zanga-se por Bob ter-se casado sem sua aprovação. "Livre-se dela", ordenam triamente. Oh! que sinuca. Bob se livrará dela ou se livrará do Partido, ou o Partido se livrará dele com um tiro no meio da testa? Essa é a recompensa que se tem, depois de se ter sido um fiel militante do partido desde menininho. A crise de fato surge quando Liz descobre a outra face da vida de Bob e exige que éle se liberte das correntes escarlates que o prendem. (Escarlate é mais dramático



Que diferença entre a Hollywood que distribuiu "Roma, Cidade Aberta" (de que se vê uma cena na gravura) e que fez agora "Danúbio Vermelho"!

do que vermelho, vocês não acham? — pergunta a cronista.) Bob leva Liz a uma caçada e quase lhe estoura os miolos, antes que ela comece a compreender que é mais fácil éle livrar-se dela do que de seus ideais. Não é lá um grande filme, mas Liz está uma gostosura de se ver, quer esteja gritando de prazer, quer faça de horror. Ela grita bastante, dum jeito e de outro..."

PENICILINA ESTRAGADA — Em

"The Third Man" (O Terceiro Homem), produção de Selznick ("E o Vento Levou") e Korda ("O Pimpinela Escarlate"), filmada em Viena sob a direção de Carol Reed ("O Condenado"), conta Georges Sadoul que "os heróis anglo-americanos (Joseph Cotten, Trevor Howard) lutam contra o comando soviético para arrancar de suas garras uma infeliz e comovedora vítima, uma tcheca (Alida Valli), que não quer retornar a Praga. É em zona russa que o bandido (Orson Welles), protegido por Moscou, a quem serve, organiza um tráfico de penicilina estragada, vitimando crianças e mulheres grávidas. Esse quadro "trágico" de Viena repete, em essência, a propaganda ligeira americana "A Mudana" (da Paramount, com Marlene)". Welles chega a dizer: "Tantos anos de terror, sob os Borgias, deram-nos Miguel Ângelo, Rafael, Da Vinci. Seiscentos anos de paz, de virtude e democracia, na Suíça, não produziram senão uma nova espécie de relógio: o cuco." Acontece apenas que essa frase, acentua Sadoul, releve a ideologia dos imperialistas a quem Graham Greene, autor do filme, serve, batendo no peito e apregoando o seu catolicismo. Nessa frase se trai o dedo de Wall Street.

CONTRA OS NEGROS — "Pinky" e

"The Lost Boundaries" (As Fronteiras Perdidas) são filmes pretensamente contra a discriminação racial. A revista "Life" elogia o primeiro, explicando que o título constitui uma expressão da gíria, que serve para designar "os negros que tenham a pele muito clara" (?). A protagonista (Jeanne Grain) é preta mas passa por branca... Dilema: continuar passando por branca e casar-se com o galã branco, ou confinar-se no bairro dos negros, junto com a sua "gente" e viver como negra, não mais como enfermeira, mas sim como lavadeira (a deprender das fotos que se vêem em "Life"). Aconse-

lhada por Ethel Barrymore, a moça conforma-se com a sua "inferioridade racial"... Na outra fita, idêntica situação é vivida por um médico e sua esposa, "negros de pele branca". Os filhos são racistas, ignorando o que são na realidade seu pai e sua mãe. O autor do enredo, William L. White (autor de "Impressões Sobre os Russos"), conclui do mesmo jeito: conformação dos "negros de pele branca" com a sua "condição" de pretos... Há outros filmes em produção, com a mesma tese.

"A PONTE AÉREA — Há ainda "The Big Lift" (A Grande Ponte), assim intitulado para rimar com o nome do astro, Montgomery Clift, novo galã em franca ascensão. Trata da ponte aérea para Berlim. Dirigido por um cineasta que já apresentou trabalhos interessantes, George Seaton ("De Ilusão Também Se Vive"), Monty é um dos pilotos da ponte aérea e ama a alemã Bruni Löbel, entre outras. Segundo a propaganda que do filme está fazendo a Fox, amar é a grande preocupação dele. Outro piloto, na pele de Paul Douglas, lhe diz: "Não fazemos apenas História; pegamos as garôtas também!" Ao que responde Clift: "Faça você a História. Eu fico com as garôtas!" Pode-se concluir daí que é essa a compensação com que o imperialismo acena para os rapazes ianques: cooperem com as medidas de guerra, e terão um harém!

O PÚBLICO REPELE A "GUERRA FRIA" DE HOLLYWOOD — Há, porém, nessa publicidade de "The Big Lift", um aspecto bastante esclarecedor: nenhuma referência ao "bloqueio" de Berlim ou aos soviéticos. Isto é: Hollywood sabe que o público

não está disposto a ver fitas anti-soviéticas, anticomunistas ou antiprogressistas em geral. E, até segunda ordem, o que Hollywood quer é fazer renda, bilheteria, enquanto vai, entorpecendo o público com enredos "escapistas".

Por isso "Danúbio Vermelho", filme mediocre que ocupou no Metro e no Roxy, em São Paulo, uma inexpressiva semana, nada teve em sua publicidade (excluído o próprio título) que permitisse aos espectadores saber de antemão que seu argumento girava em torno duma bailarina russa (Janet Leigh refugiada em Viena, perseguida pelos russos e protegida por uma freira (Ethel Barrymore) e dois oficiais britânicos (Walter Pidgeon e Peter Lawford). O azar do Metro e dos exibidores está em que o público reduzido que cai no engodo e vai ver essa fita pouco atraente protesta — e protesta com energia.

O Roxy ainda conserva sinais da indignação popular, que se ergueu veemente e ativa ao constatar que num cinema de bairro eminentemente operário, como o Brás, apresentavam esse filme, considerado uma afronta aos sentimentos democráticos de sua população e um insulto ao seu bom-senso, pois, segundo é voz geral, somente imbecis podem levar a sério "Danúbio Vermelho". É de se esperar que protestos semelhantes se ergam tôdas as vezes que os filmes da "guerra fria" sejam apresentados aqui.

CONCLUSÕES

Hollywood, como se vê, está participando ativamente da "guerra fria". As forças de reação contam com os filmes norte-americanos para caluniar o movimento progressista mundial e

para envenenar os espíritos. Pode haver futuramente, por parte de artistas, diretores e escritores de Hollywood, uma tal resistência que venha a sustar as provocações de guerra encomendadas por Wall Street. Sinal da vitalidade do movimento progressista na cidade do cinema está em que foi um astro de Hollywood — John Garfield — que criou o principal papel de "The Big Knife", peça teatral em que Clifford Odets expõe como gangsters e assassinos os magnatas da indústria cinematográfica. Thomas Mitchell, Walter Abel, Rhás Williams e outros artistas de cinema interpretaram as principais partes de "O Maior Ladrão da Cidade", peça teatral de crítica, escrita por Dalton Trumbo logo após ter sido expulso de Hollywood pelo famoso Comitê.

Todavia, enquanto Hollywood não se reabilita, os que lutam pelo progresso e pela paz continuarão, sem dúvida, a boicotar os filmes de provocação, prevenindo-se contra o veneno oculto na produção norte-americana em geral. Os elementos progressistas, certamente, compreenderão o alcance da denúncia feita por Suslov perante o bureau de informações dos partidos comunistas europeus:

"UM DOS PRINCIPAIS MEIOS DE AMOLDAR IDEOLÓGICAMENTE OS PAÍSES "AMERICANIZADOS" CONSISTE EM INUNDA-LOS... DE FILMES DE HOLLYWOOD, NOS QUAIS OS GANGSTERS E OS ASSASSINOS, OS SÁDICOS E OS SEDUTORES, OS HIPÓCRITAS E OS VELHACOS SÃO INVARIavelmente AS PRINCIPAIS PERSONAGENS EM CENA."

SOBRE O MARXISMO...

(conclusão da pag. 19)

N. J. Marr denigre ruidosamente o método histórico-comparativo tratando-o de idealista. E, contudo, é preciso dizer-se que o método histórico-comparativo, apesar de seus graves defeitos, é assim mesmo melhor que a análise, realmente idealista, dos quatro elementos de N. J. Marr, porque o primeiro leva ao trabalho, ao estudo das linguas, ao passo que o segundo só leva a consultar, pachorrentamente, a bola de cristal dos famosos quatro elementos.

N. J. Marr trata com arrogância toda tentativa de estudar os grupos (as famílias) de linguas e vê nisso a manifestação da teoria da "língua-mãe". E, contudo, não se pode negar que não há nenhuma dúvida sobre o parentesco linguístico de nações tais como os eslavos, por exemplos, e não há dúvida que o estudo do parentesco linguístico destas nações poderia ser de grande proveito para a linguística no estudo das leis do desenvolvimento da

A URSS APONTA...

(conclusão da pag. 10)

belecer o regime que o povo odiava. Então, os governos dos Estados Unidos, França, Inglaterra e outros Estados intervieram nos assuntos internos da URSS para não permitir a unificação de nossa pátria. O governo dos Estados Unidos também não se deteve ante uma intervenção armada. Juntamente com as tropas de outros países, as tropas dos Estados Unidos ajudaram os generais czaristas russos na sua luta contra o povo russo. Também então, quando os círculos governamentais dos Estados Unidos tentaram através da intervenção arma-

da impor ao povo o regime que êle derrubou, todos sabem como terminou esta aventura.

É útil recordar êsses exemplos da história, porque a intervenção armada dos Estados Unidos na Coréia recorda muito os acontecimentos acima mencionados.

DEVE CESSAR A INTERVENÇÃO ARMADA NA COREIA.

Na sua resposta de 29 de junho sobre a declaração do presidente Truman de 27 de junho, o governo soviético mostrou que se mantém invariavelmente na sua política de paz no mundo inteiro e de não intervenção nos assuntos internos

lingua. Inutil dizer que a teoria da "língua-mãe" não tem nenhuma relação com isso.

A dar-se ouvidos a N. J. Marr e sobretudo a seus "discipulos", se poderia pensar que não existiu qualquer linguística antes de N. J. Marr, que a linguística surgiu com a "nova doutrina" de N. J. Marr. Marx e Engels eram muito mais modestos: julgavam que seu materialismo dialético era o produto do desenvolvimento das ciências, inclusive da filosofia, durante o período precedente.

Assim, a discussão teve também o mérito de revelar as falhas ideológicas existentes na linguística soviética.

Penso que quanto mais depressa nossa linguística se libertar dos erros de N. J. Marr, tanto mais depressa lhe será possível sair da crise que atravessa atualmente.

Liquidar o regime à moda de Araktcheev na linguística, renunciar aos erros de N. J. Marr, introduzir o marxismo na linguística: tal é, a meu ver, o caminho pelo qual se pode sanear a linguística soviética.

de qualquer país, segundo seu princípio tradicional.

O governo soviético considera que os coreanos têm o mesmo direito de arranjar a unificação de seu país, como o fizeram os Estados Unidos, no 6.º decênio do último século, quando unificaram seu país.

De tudo isto resulta que o governo dos Estados Unidos realiza um ato hostil contra a paz e se torna responsável pelas conseqüências da intervenção armada.

A ONU só estará defendendo a paz se o Conselho de Segurança exigir a cessação incondicional da intervenção armada dos Estados Unidos na Coreia e a retirada imediata das tropas americanas da Coreia".

NOTAS e notícias

O 2º. aniversário da morte de Monteiro Lobato

No dia 4 de julho comemorou-se em todo o Brasil o segundo aniversário do falecimento do grande e inesquecível Monteiro Lobato. Em todos os recantos de nossa pátria, nas cidades e nos campos, nas fábricas e nas fazendas, nos escritórios e nas escolas, milhões de brasileiros reverenciaram com saudade e carinho a memória do patricio ilustre, do corajoso companheiro que, com seus livros e sua atividade prática, sempre lutou pela independência e o progresso de nossa terra e pela felicidade de nosso povo.

Apesar do criminoso silêncio da imprensa "sadia" em torno do nome de Lobato, apesar da sabotagem e da perseguição governamentais em tôdas as comemorações que visam cultivar a memória do criador do Zé Brasil, não obstante a "indiferença" e o mutismo dessa pandilha de "pelegos intelectuais" que, nas páginas literárias dos jornais burgueses, cumprem servilmente as ordens do Departamento de Estado norte-americano, o povo brasileiro soube converter o 4 de julho numa data patriótica na qual, homenageando a memória de seu escritor mais querido e de um de seus intérpretes mais fiéis, êle reafirma a sua determinação de prosseguir, até a vitória final, na luta anti-imperialista, na luta contra o latifúndio e em defesa da paz.

O túmulo de Monteiro Lobato se converteu hoje, em nossa pátria, num verdadeiro marco divisor entre o campo da traição e da covardia e o campo do progresso e da paz. Dêle se afastam, lívidos de medo e de ódio, todos os novos calabares que, dentro do govêrno ou como quadros intelectuais do imperialismo, comem na gamela nojenta que as hienas de Wall Street lhes estendem. Para êsses traidores da pátria, o 4 de julho é apenas uma data em que os gringos ianques, comemoram o seu "independence day", e oferecem, nos seus consulados e "uniões culturais", mais um cocktail aos seus criados e comparsas. Mas para o povo brasileiro, que sente na carne a exploração imperialista, o 4 de julho é e será sempre o *Dia de Lobato, o lutador anti-imperialista*, uma data em que se prestam contas, ao velho companheiro tombado, da nossa árdua e gloriosa marcha na luta de libertação nacional.

* * *

O povo de São Paulo, como no ano passado, acorreu ao cemitério da Consolação para tributar suas homenagens a Lobato. Junto ao túmulo do grande morto fizeram-se ouvir o Prof. Omar Catunda, pelo Centro de Estudo e Defesa do Petróleo; o jornalista George Cabral, pela revista "Emancipação" e o dr. Iturbides Serra, em nome de "Fundamentos" e dos intelectuais de São Paulo. Usaram ainda da palavra um jovem representante da União Paulista de Estudantes Secundários e uma das diretoras da Associação Feminina "Monteiro Lobato", do Cambucí. Fôram depositadas diversas corbelhas de flôres na campa de Lobato, e prestou-se uma homenagem a D. Purezinha Monteiro Lobato, viúva do escritor, que, em companhia de suas filhas, se achava presente à solenidade.

Galeão Coutinho, através de uma das estações de rádio desta Capital, também discorreu sobre a personalidade do grande morto e, como um dos diretores da *Cruzada Humanitária pela Interdição das Armas Atômicas*, pôs em relêvo o conteúdo pacifista da obra de Monteiro Lobato. Disse Galeão Coutinho que, nesta hora em que o mundo se acha na iminência de uma nova guerra de proporções incalculáveis, quando no seu furor agressivo o imperialismo norte-americano ameaça a humanidade com as armas atômicas, pretendendo repetir em escala maior a tragédia de Nagasaki e Hiroshima, a obra de Lobato — principalmente a sua literatura dedicada às crianças — deve ser considerada, pelo seu conteúdo humano e anti-guerreiro, como eficiente instrumento educacional a serviço da paz e da concordia universais.

A poetisa Antonieta Dias de Moraes e Silva, também pronunciou nesse dia uma palestra radiofônica na qual demonstrou que Lobato, assim como Romain Rolland e Barbusse, forma na fileira dos mais dignos e valorosos partidários da paz. Toda a obra de Lobato, disse a poetisa paulista, "conduz a criança a amar a vida sob seus múltiplos aspectos, ensina-a a contrapor a inteligência à força bruta e a encarar a guerra como um recurso anti-humano, e irracional. Lobato faz a inteligência de Emilia dominar a força bruta de Hercules e, na sua História do Mundo para as Crianças, êle ensina aos seus pequenos leitores que todas as guerras são provocadas por interesses que nada têm de comum com os anseios de felicidade e bem-estar dos povos". E acrescenta, para finalizar, "Lobato criou êsse esplêndido Sítio do Picapau Amarelo, onde a imaginação das crianças passeia e brinca em paz, sem receio de guerras e de bombardeios atômicos. Tôdas as crianças do mundo desejam viver num Sítio igual ao que Lobato descreve e porisso, nós mulheres devemos nos unir na luta contra a guerra, na luta pela interdição da bomba atômica e ajudar a criar um mundo em que nossos filhos brinquem e cresçam sem sustos e sem medo, como brincam e crescem as felizes figurinhas que o pacifista Lobato criou e fez viver no seu maravilhoso Sítio do Picapau Amarelo."

* * *

Nós de FUNDAMENTOS também prestamos nossa saudosa homenagem ao grande guia e companheiro que, como disse Afonso Schmidt, "ao desaparecer de nosso meio não poderá ser substituído no posto de combate por um homem ou por alguns homens, mas por uma geração inteira". O nome de Lobato está estreitamente ligado a FUNDAMENTOS. Foi êle o fundador desta revista. Foi êle quem nos ajudou a traçar as linhas diretrizes de nossa atuação. Lobato confiava em FUNDAMENTOS. Desejava êle uma revista que estivesse sempre a serviço do povo, que lutasse corajosamente contra o imperialismo e contra o latifúndio — causas fundamentais do atraso e da miséria de nosso povo. Infelizmente a morte veio colher Lobato antes que êle pudesse, com

o brilho e o vigor da sua inteligência, aprofundar nas páginas da revista que conosco criou, as teses que constituem o cerne de sua grandiosa obra. Hoje, passados dois anos, nossa revista atinge o seu 16.º numero e através de todas as vicissitudes com que sempre se defronta um órgão inteiramente livre e independente — um órgão da imprensa popular. Em nossas páginas procuramos sempre veicular a verdade e abordar de frente os temas e os problemas mais diretamente ligados à vida e às lutas de nosso povo.

E foi justamente para prestar uma homenagem a seu fundador e estreitar as ligações com os seus leitores de todas as classes e condições sociais que

FUNDAMENTOS — no 2º aniversário da morte do grande pacifista Monteiro Lobato — resolveu instituir **O GRANDE PREMIO DE CONTOS MONTEIRO LOBATO PRÓ APELO DE ESTOCOLMO**, cujo regulamento se encontra em outro local dessa revista.

Estamos certos de que esse concurso, que visa despertar a inteligência do Brasil para a luta pela paz e pela interdição das armas atômicas é a maior homenagem que podemos prestar à memória do grande escritor cuja vida nos serve de estímulo e exemplo.

FINANCIAMENTO DO MANGANÊS NO AMAPÁ

Depois da garantia dada pelo governo brasileiro ao empréstimo americano à Light, compreendendo responsabilidade solidária em quase cem milhões de dólares, está o governo Dutra empenhado agora em dar a mesma garantia no empréstimo de 35 milhões que a "Bethlehem Steel Corporation" pretende conseguir para explorar as jazidas de manganês do Amapá, num programa de intensificação das exportações do minério para as usinas de guerra norte-americanas.

O poderoso truste americano, que não precisa de nenhum empréstimo para desenvolver as suas explorações em qualquer parte do mundo, adotou aqui o apelido nacional de camuflagem de Cia. **Indústria e Comércio de Minérios**, com sede aparente em Belo Horizonte, a fim de burlar a vigilância dos patriotas brasileiros e assim conseguir a solidariedade dos cofres públicos nacionais numa transação escandalosa e altamente lesiva aos interesses de nossa Pátria.

Com essa operação incrível, é o próprio governo de Dutra que vai financiar a entrega definitiva dos nossos minérios do território do Amapá a um dos mais odiosos trustes norte-americanos, entrega essa que somente será evitada pela ação enérgica do nosso povo em sua luta de libertação.

CURSOS SUPERIORES E A REVOLUÇÃO AGRÁRIA

Sob o pretexto de pugnar pela "ruralização do ensino", a imprensa reacionária paulista vem aproveitando esta fase pré-eleitoral para fazer expandir a sua demagogia eleitoreira, apontando fórmulas salvadoras para os mais graves problemas nacionais, ligados à situação do campo e à vida dos camponeses.

Procura a "sadia" bandeirante convencer que o problema agrário no Brasil não tem melhor desenvolvimento porque o nosso ensino superior está mal orientado e cita seus algarismos na procura de justificação de sua esdrúxula tese. Diz o órgão da reação, que enquanto temos em nossas faculdades superiores 5.793 estudantes de Direito, 5.548 de Medicina e 1.506 de Engenharia, temos apenas 811 alunos de Agronomia, o que, para o mal-intencionado jornal burguês, constitui o fundo e a causa do atraso de nossa produção agrícola.

E' evidente a malícia do argumento, porque ele constitui grosseiro embuste, diante do máximo problema nacional. O desinteresse pelo estudo de Agronomia é efeito e somente efeito da única causa secular que desafiou os governos desde a Colônia: o atraso da nossa economia agrária, com seu regime de latifúndios e exploração semifeudal dos camponeses, cuja solução somente será encontrada quan-

do um governo de libertação nacional instituído pelo povo, realizar a reforma agrária em toda a sua profundidade e extensão, capaz de tirar toda a nossa massa camponesa do atraso e opressão em que vive no curso de todas as gerações, desde o descobrimento.

Enquanto isto, não haverá força de propaganda capaz de interessar os nossos jovens estudantes pela profissão de agronomia, mesmo com slogans de mecanização tipo exploração Rockefeller.

CONVITE PARA UMA MAIOR EXPLORAÇÃO

O diretor do Escritório Comercial Brasileiro em Nova Iorque, Sr. Garrido Tôres, é um fiel executor da política do governo Dutra e tem como uma de suas mais importantes missões convencer os norte-americanos para aumentarem as suas invasões das nossas fontes de matérias primas e apropriações de nossas indústrias nascentes.

Em entrevista ao "Journal of Commerce", um dos mais autorizados órgãos de Wall Street, o alto funcionário da propaganda governamental no exterior teve oportunidade de empenhar a sua eloquência já revelada antes como delegado brasileiro nas conferências de Havana, Genebra e Lake Success, com o objetivo de animar ainda mais os americanos a virem aos

Concurso de contos **MONTEIRO LOBATO**

“PRÓ APELO DE ESTOCOLMO”



10 MIL CRUZEIROS PARA O MELHOR CONTO CONTRA A BOMBA ATÔMICA



Ponha sua inteligência a serviço da Paz concorrendo a este honroso Prêmio Literário.



Veja as condições de participação na primeira contra-capá deste número.

magotes para o Brasil e aqui fazerem as aplicações de capitais nas nossas diversas fontes de produção, dando como seu grande argumento a afirmação e a garantia de que "a renda de tais aplicações de capitais no Brasil seria de duas a cinco vezes maior do que a alcançada nos Estados Unidos."

O Sr. Garrido Tórreres se fez assim porta-voz fiel da política entreguista, de porta-aberta, de tratamento preferencial, que os capitalistas americanos desfrutam aqui, inclusive o privilégio de isenção de taxações de renda e garantias oficiais de resultados de agiotagem, o que, em última análise, não visa outra cousa, conforme as próprias palavras do propagandista comercial brasileiro em Nova Iorque, "senão criar novos mercados para os produtos norte-americanos, sobretudo se a economia dos Estados Unidos vier a ser ameaçada por uma nova depressão." Isto é suficiente para se inferir até que ponto de desenvoltura atinge a aplicação da política capitulacionista do governo brasileiro, que, por intermédio de seus mais credenciados portá-vozes e representantes, procura conseguir para nosso país a triste figura de escora da economia exploradora dos trustes ianques no início de sua grande depressão final.

CRUZADA HUMANITÁRIA PELA PROIBIÇÃO DAS ARMAS ATÔMICAS

No dia 14 de julho último, em sua sede central, à rua Venceslau Brás, 146, sala 312, foi eleita e empossada a Comissão Diretora e aclamada a Presidência de Honra da Cruzada Humanitária pela Proibição das Armas Atômicas. Esta entidade, que visa o mais amplo pronunciamento do povo paulista acerca da necessidade urgente de serem proibidas e controladas internacionalmente as armas atômicas, não tem caráter político-partidário e, tampouco, se norteia por qualquer ideologia. Por isso mesmo reúne pessoas pertencentes aos mais diversos partidos políticos, religiões e orientações ideológicas, realizando assim o seu objetivo de unidade em torno da urgente necessidade de um amplo pronunciamento pela interdição das armas de reação nuclear e extermínio em massa de populações civis.

A Presidência de Honra da Cruzada, aclamada por homenagem, é a seguinte: Ministro Álvaro Moutinho Ribeiro da Costa, do Supremo Tribunal Federal; Sr. Romeu de Campos Vergal, deputado federal; Sr. Pedro Pomar, deputado federal; Embaixador Osvaldo Aranha, ex-presidente da Organização das Nações Unidas; Frei Ludovico Gomes de Castro, superior provincial da Ordem dos Franciscanos de S. Paulo; Professor Lucas Nogueira Garcez, da Escola Politécnica de S. Paulo; Dr. Plínio Barreto, deputado federal; Padre João Batista de Carvalho, deputado estadual; Dr. Francisco de Castro Neves, deputado estadual; Dr. Paulo Teixeira de Camargo, promotor público da Capital; Sr. Francisco Xavier, líder espirita; Sr. Duilio Polli, prefeito de Jaboticabal; Dr. Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa; Dr. Francisco Patti, presidente da Cruz Vermelha de S. Paulo; Sr. Waldemar Sciglione, rádio-

ator; Senador Matias Olímpio; General Estillac Leal, presidente do Clube Militar; Professor Omar Catunda, da Faculdade de Filosofia de S. Paulo, Dona Maria Pais de Barros, professora; Professor José de Melo Morais, diretor da Escola Agrícola "Luís de Queirós".

A Comissão Diretora do movimento pela interdição das armas atômicas, em São Paulo, é a seguinte: Presidente Dr. Nilton Silva, Promotor Público nesta Capital; 1.º Vice-presidente; Sr. Motaury Moreira Porto, presidente da União Estadual dos Estudantes; 2.º Vice-presidente Prof. Samuel Barnsley Pessoa, da Faculdade de Medicina de São Paulo; 3.º Vice-presidente; Dr. Ruy Nogueira Martins, da Associação Comercial de São Paulo; 4.º Vice-presidente; Dr. Wladimir de Toledo Piza; 5.º Vice-presidente; Prof. Achilles Bloch da Silva, industrial; 1.º secretário; Sr. J. Carreño Gimenez, presidente da União Paulista de Estudantes Secundários; 2.º Secretário; Prof. Reinaldo Chiaverini, da Faculdade de Medicina de São Paulo; 3.º Secretário; Dr. Galeão Coutinho, escritor e jornalista; 1.º Tesoureiro; Prof. David Rosenberg, da Escola Paulista de Medicina; 2.º Tesoureiro; Sr. Alvaro Bittencourt, crítico de música; Presidente do Conselho Consultivo; Sr. Pedro Baldasari, industrial.

A Cruzada Humanitária tem recebido adesões as mais expressivas e vai realizando o seu trabalho mais importante que é angariar no nosso Estado pelo menos um milhão e meio de assinaturas no Apêlo de Estocolmo, o histórico documento que reflete o anseio de toda a Humanidade:

"Exigimos a proibição absoluta da arma atômica, arma de terror e extermínio em massa de populações.

Consideramos que o governo que primeiro utilizar a arma atômica, não importa contra que país, terá cometido um crime contra a humanidade e deverá ser considerado criminoso de guerra.

Exigimos ao mesmo tempo o estabelecimento de um rigoroso controle internacional que assegure a aplicação da medida de interdição.

Leitor, FUNDAMENTOS é uma revista de cultura que vive da cooperação do povo, é, portanto, tua e precisa de teu auxílio.

Teu dever, pois, é auxiliá-la de todos os modos: difundindo-a entre os teus amigos, enviando-lhe a tua contribuição e a de teu amigo.

Cumpra com este dever e estará contribuindo para o engrandecimento da tua revista — revista que não trai o sentimento e as aspirações do povo.

Pedimos a todos os homens de boa vontade do mundo que assinem este apêlo."

OS LUCROS DA LIGHT ARRANCADOS AO POVO

O grupo da Light e suas companhias associadas, representados pelo nome genérico de Brazilian Traction, publicaram em Londres o relatório de suas contas referentes ao ano de 1949 e por essa publicação verificamos que a poderosa empresa imperialista que explora o povo brasileiro auferiu no exercício findo um lucro líquido confessado de 31.758.603 dólares, equivalente a cerca de 700 milhões de cruzeiros.

No ano de 1948 os lucros da Light foram de 27.086.242 dólares, o que mostra que as vantagens do polvo canadense vão subindo vertiginosamente de ano para ano.

Com o aumento das tarifas autorizado pelo governo Dutra, o grupo da Light conseguiu elevar a sua arrecadação de 21,5% de um ano para outro, passando a contribuição do povo para a empresa imperialista de 101.945.202 dólares para 123.884.473 dólares, o que dá margem assim ao aumento considerável dos lucros que antes já eram tão altos.

UM PADROEIRO PARA O ANTICOMUNISMO

Dentre as diversas canonizações de santos que se vão ocorrendo no Vaticano, no curso deste Ano Santo, merece registro especial a que se realizou no dia onze de junho e que elevou aos altares romanos a figura do bispo e beato Vincenzo Maria Strambi, novo santo da constelação da Igreja.

A justificação ritual encontrada pelo pontífice para a elevação de Strambi, à santidade, foi que ele se insurgiu contra a ordem de obediência a Napoleão, quando os exércitos do corso invadiram e ocuparam as terras da diocese do bispo Vincenzo, em Macerata.

Esse gesto do novo santo é apontado no discurso do papa proferido em Roma e publicado em "A Gazeta", como exemplo de reação contra o poder temporal não conveniente ao Vaticano e todo o serviço de propaganda da sé romana foi usado para noticiar que o novo santo é o exemplo e padroeiro do anticomunismo, política que tem no alto clero uma das forças mais operativas, a serviço da onda reacionária desencadeada pelo imperialismo americano e seus sequazes.

O POETA TURCO NAZIM HIKMET

Telegramas da Turquia informam que foi pôsto em liberdade o poeta nacional turco Nazim Hikmet, depois de uma campanha mundial pela sua libertação, levada a cabo por escritores democráticos de todos os países. A ditadura turca, que o mantinha ilegalmente encarcerado há longos anos, por crime político, foi obrigada a abrir, para o grande poeta democrático, uma exceção na anistia que o Parlamento

votou exclusivamente para os presos de crime comum.

Os participantes do III Congresso Brasileiro de Escritores — cujo plenário saiu uma vibrante moção de solidariedade ao poeta nacional da Turquia — estão satisfeitos porque ajudaram a abrir as portas do cárcere ao notável combatente pela libertação nacional do povo turco.

Noticiário da A. B. D. E.

A associação que antigamente representava a secção paulista da Associação Brasileira de Escritores, deixou de existir como órgão representativo da entidade devido a inúmeros atos de divisionismo e de hostilidade praticados pelos seus últimos dirigentes, que resolveram combater a realização do III Congresso Brasileiro de Escritores, realizado em abril na cidade do Salvador e ao mesmo tempo passaram a executar uma política de franca desagregação da entidade nacional, procurando assim golpear a unidade dos escritores brasileiros. Há muito tempo Sérgio Milliet, Mário Neme, Arnaldo Pedroso d' Horta, Antônio Candido, Lourival Gomes Machado, e agora Sérgio Buarque de Holanda, Luis Coelho e outros elementos ligados ao grupo de delegados da revista *Investigações*, puseram em prática seu plano de usurpar a secção paulista da A. B. D. E., transformando-a em instrumento de seus manejos pessoais e de política de panelinha, para impedir que os escritores brasileiros promovam a sua unidade em torno de um ideal de progresso, de fidelidade às melhores tradições do povo na sua luta de liberação e de paz.

A direção nacional da A. B. D. E. esperou muito tempo que os detentores da entidade em S. Paulo voltassem atrás, para cooperarem na unificação da associação, mas tudo foi inútil, porque os usurpadores na verdade assim agiam levados por uma orientação mais profunda e que revela serem eles os mais expressivos agentes de uma política reacionária, a serviço do atraso e da desmoralização dos intelectuais, impedindo que estes constituam uma vanguarda esclarecida e operativa para o bem do Brasil.

Verificada a impossibilidade de qualquer entendimento com os detentores dos bens e da sede da secção paulista, a direção nacional da A. B. D. E., resolveu considerar inexistente a entidade em S. Paulo, o que fez mediante uma carta endere-

çada aos cavalheiros que atualmente se dizem dirigentes da "ABDE de São Paulo". Nessa carta o presidente Álvaro Moreyra diz o seguinte:

A Associação Brasileira de Escritores, por sua direção nacional, no exercício dos poderes fixados pelo artigo 20 dos Estatutos sociais, tomou conhecimento de que VV. SS. resolveram tornar independente e desligada desta entidade nacional a organização que antes representava a secção paulista da A. B. D. E., com sede na capital de S. Paulo.

"Para dar forma definitiva a esse desligamento, VV. SS. vieram praticando atos inequívocos, como sejam, entre outros, a instituição indevida de estatutos próprios em substituição aos Estatutos sociais desta Associação, hostilidade à realização do III Congresso Brasileiro de Escritores, promovido por esta entidade e que foi alvo de inúmeras tentativas de divisionismo, de ataques maliciosos por parte de VV. SS., além de diversas outras medidas que visam afetar a unidade dos escritores brasileiros, atos estes que caracterizam a intenção de VV. SS. de não representarem nem constituírem a secção paulista da Associação Brasileira de Escritores, nem pugnam pelas finalidades desta organização, que constam de seu programa de fundação e de seus Estatutos.

"Diante desta situação criada por VV. SS., a A.B.D.E., por seus órgãos de direção nacional, passa a considerar inexistente a secção paulista desta Associação, pelo que devem VV. SS. imediatamente abster-se de usar indevidamente o nome desta sociedade civil, bem como devem VV. SS. providenciar a pronta entrega do patrimônio social pertencente a esta Associação e que se encontra em poder de VV. SS., patrimônio esse que não deve ser usado nem aplicado em nenhuma finalidade não autorizada pela direção nacional desta Associação."

Ao mesmo tempo, a A. B. D. E., por seu presidente Álvaro Moreyra credenciou uma comissão de intelectuais paulistas para promoverem as medidas necessárias à instalação de uma nova secção paulista da associação, organizar uma direção provisória e tomar as providências cabíveis para o funcionamento da entidade nos termos dos estatutos vigentes.

No dia 22 de julho último na sede do Sindicato dos Jornalistas, sob a presidência do escritor Galeão Coutinho, foi realizada a assembléia dos associados da A. B. D. E., para a constituição da nova secção paulista (estando presente grande número de intelectuais da Capital e do interior do Estado).

Após amplos debates por parte da assistência, foi proposta e aprovada, por unanimidade, pela assembléia, a seguinte diretoria provisória que, por espaço de seis meses, dirigirá a entidade neste Estado: presidente, Galeão Coutinho; vice-presidente, Afonso Schmidt; secretário-geral, Rossine Camargo Guarnieri; 1.º secretário, Ciro T. de Padua; 2.º secretário, Abguar Bastos; tesoureiro, Antonieta Dias de Moraes Silva; conselho fiscal; Aparicio Torelli, Ciro Moraes Campos, Valter Sampaio, Caio Prado Júnior e Francisco Pompeu do Amaral.

"Por proposta de um dos delegados presentes, foram criadas varias comissões, destacando-se, dentre elas, a do Interior que, com caráter consultivo, ficou assim constituída: L. G. Toledo Machado (Campinas), Benedito Geraldo de Carvalho (Guaratinguetá), Antonio de Luna (Limeira), Armando dos Santos (Rio Claro), Cicero Vieira de Acaíaba (São José dos Campos), Roldão Mendes Rosa (Santos), Diego Pires de Campos (São Vicente), Manuel Caetano (Campos do Jordão), Basileu Toledo França (Rio Preto), João Alves Passig (Ribeirão Preto), Melo Moraes (Piracicaba).

Ao término dos trabalhos, foram lidos pelo secretário da mesa os nomes de associados e núcleos do interior que deram sua adesão à nova diretoria, subscrivendo a "Declaração de Princípios" do III Congresso.

Por um milhão de assinaturas pela proibição das armas atômicas

Reconhecendo que a segurança da paz entre as nações está a exigir o mais extenso e profundo pronunciamento de todos os povos em favor da imediata proibição das armas atômicas, pois, todos os fatos demonstram o perigo da eclosão de uma nova guerra, agora sob o signo do extermínio indiscriminado das populações civis, os signatários apoiam e inscrevem-se na

"CRUZADA HUMANITÁRIA CONTRA AS ARMAS ATÔMICAS"

e desde já declaram-se de acordo com os termos do seguinte APÊLO que corresponde aos anseios de sobrevivência de todas as criaturas humanas, quaisquer que sejam os elementos de discriminação entre elas.

Ninguém hoje poderá aspirar ao reconhecimento e ao amor de seu povo se desprezar ou se

mantiver indiferente à sua suprema aspiração: a PAZ.

(aa) Prof. José Maria Gomes, Maslowa Gomes Venturi, Prof. Enio Sandoval Peixoto, José Eduardo Fernandes, Rivadávia Mendonça, Rio Branco Paranhos, Ciro Tassara de Pádua, Maria de Lourdes Lebert, Afonso Schmidt, Helena Silveira, Domingos Carvalho da Silva, Inês Carvalho da Silva Jamil Almansur Haddad, Rossine Camargo Guarnieri, Walter Sampaio, Ruth Monteiro Lobato, Artur Neves, Júlio Mário Dias de Moraes, Lígia Correa, Adriano de Resende, Antonieta Dias de Moraes Silva, José Geraldo Vieira, Prof. Melo Moraes, Maestro Sousa Lima, Iturbides Serra, Aparicio Torelli (Barão de Itararé), Mozart Camargo Guarnieri, Rossine Tavares de Lima, Estellinha Epstein, H. J. Koellreutter, Prof. J. Vilanova Artigas, arq. Carlos Cascaldi, Gastão Rachou Jr.

Resenha Política do Mês

A AGRESSÃO IMPERIALISTA NORTE-AMERICANA NA COREIA —

Verificou-se no curso deste último mês a agressão das forças armadas norte-americanas contra o povo da Coreia, desencadeando-se deste modo a chamada «guerra policial» dos imperialistas ianques para a dominação daquela nação asiática, onde pretendem a todo custo manter o governo títere chefiado pelo agente Li Sing Man. Os antecedentes dessa invasão monstruosa são descritos em todos os seus detalhes no artigo de Pak Hen En, um dos líderes do povo agredido, e na nota expedida pelo Vice-Ministro do Exterior da União Soviética, trabalhos esses que vão publicados em outros locais desta revista.

Os agressores imperialistas norte-americanos e o bando de traidores de Li Sing Man, nestas semanas de lutas, têm mordido o pé das mais fragorosas derrotas que lhes vão sendo impostas pelo heróico povo agredido, fortalecido pela justiça de sua causa patriótica, que é conquistar a libertação da Pátria invadida e explorada. A pequenina nação oriental tem escrito as mais belas páginas de desassombro, de coragem e de espírito de sacrifício nesta árdua luta que o colosso invasor lhe impôs, e ao mesmo tempo tem sido capaz o povo coreano, neste seu drama de libertação, de oferecer ao mundo um exemplo que é um alívio e uma esperança para todos quantos esperam livrar-se da terrível opressão dos senhores de Wall Street. Sofrendo o peso dos mais arrasadores bombardeios levados a efeito contra indefesas populações civis de cidades e aldeias, sofrendo os horrores de toda a brutalidade de fuzilamentos e extermínios de seres humanos na frente e na retaguarda, o bravo povo coreano, não obstante, tem ganho batalhas sobre batalhas em todo o caminho do Sul do país, vencendo as hostes dos arrogantes êmulos dos nazistas, empurrando-os cada vez mais para fora da terra invadida.

Conseguindo empalmar o Conselho de Segurança da ONU, os norte-americanos passaram a fazer chantagem com aquele órgão da Organização Mundial, levando-o a tomar resoluções ilegais e descabidas pelo seu vício originário de composição, proibido expressamente pela Carta Constitucional da entidade. Dando bem a prova da ilegalidade de sua ação, os Estados Unidos arrogaram-se abusivamente o direito de intervir também na luta de libertação da ilha Formosa, que o heróico povo chinês vem últimos restos da dominação criminosa e imperialista.

OUTRAS PROVOCAÇÕES GUERREIRAS

— Dispostos a passar a novos atos de agressão em outros pontos da terra, os imperialistas ianques vêm nestas últimas semanas tornando mais tenso o clima de guerra, não só no Sudeste da Europa, onde os provocadores Tito, Djilas e outros serviais de Washington, procuram a todo transe entrar em hostilidades abertas contra as Democracias Populares, como também na Tur-

quia, no Irã e em outras regiões fronteiriças da União Soviética, contra a qual desejam em última análise desencadear uma guerra de maior envergadura, com os criminosos bombardeios atômicos, com que alimentam a vã esperança de barrar o progresso do mundo e impedir a derrocada da opressão e da exploração colonial e semicolonial.

PANDIT NEHRU E A GUERRA NA COREIA

— Tudo fizeram os imperialistas ianques para empalmar uma forjada unanimidade de nações em favor de sua ação guerreira contra o povo coreano, mas o chefe do governo da Índia não se submeteu ao papel que Washington lhe atribuía, e passou a atuar independentemente, promovendo demarches no sentido de encontrar a solução pacífica para o conflito e nisto obteve pronta e positiva resposta de Stálin, que anuiu com entusiasmo em cooperar para a liquidação da guerra desencadeada no oriente asiático. Mas, o governo de Truman, dando bem o sinal de seus planos guerreiros e agressivos, não aceitou a mediação e fez abortar a iniciativa indu, o que se tornou evidente com a declaração de Acheson dando sumariamente por encerradas as gestões do governo de Nova Delhi. É que os dirigentes norte-americanos querem resolver a questão no campo de batalha e, para isto promovem todas as medidas de acumulação de matérias e tropas que procuram obter em todos os países, inclusive no Brasil, de quem esperam pelo menos 20 mil soldados.

CLIMA DE INTOLERÂNCIA GUERREIRA

— Nos Estados Unidos foi intensificado o ambiente de propaganda guerreira, a ponto de se fazer reinar em todo o seu território e nas áreas de sua dominação uma crescente intolerância contra tudo e contra todos que advoguem ou contribuam para serenar e pacificar o ambiente. É o caso ocorrido com o Professor Einstein, grande cientista há muitos anos residente nos Estados Unidos, que passou a ser alvo dos mais azedos comentários e das mais irreverentes acusações, pelo simples fato de haver pronunciado uma conferência propugnando o desarmamento imediato das potências. Tanto bastou isto, para que pessoas das mais bem colocadas na escala social do colosso imperialista pedissem e reclamassem a expulsão do velho sábio.

A SITUAÇÃO POLÍTICA NO BRASIL

— A situação interna do Brasil é o reflexo dos acontecimentos no exterior. O aguçamento da atividade belicosa dos imperialistas vai condicionando a situação nacional, de modo a tornar os governantes mais desejosos de golpear o povo, por meio de apressamento na feitura de uma nova lei de segurança, para dar à polícia nova carta de indenidade com que se pretende cobrir todos os atos já praticados e em projeto destinados a efetivar a dominação imperialista em nossa terra.

Na Câmara dos Deputados transita projeto de garantia de empréstimo à

United States Steel Co. para exploração e apropriação do minério de manganês do Amapá. Empréstimo idêntico se anuncia para a Cia. Sederúrgica de Volta Redonda, com o objetivo de promover o aumento intensivo da sua produção destinada ao esforço de guerra dos imperialistas norte-americanos. Será com isto a mobilização total da primeira grande empresa siderúrgica nacional.

Ao mesmo tempo, as arbitrariedades policiais se redobram, como é o exemplo do seqüestro do patriota Capitão Agüberto Azevedo, as prisões do Professor Omar Catunda e o espancamento do Deputado João Taibo Cadorniga.

Como sinal de mais estreita submissão dos governantes aos invasores ianques, é exemplo edificante a troca de telegramas entre a Câmara do Recife e o general comandante da base norte-americana na capital pernambucana, a primeira comunicando a cassação dos mandatos dos comunistas e o segundo passando uma carta de elogios e recomendando os sabujos agentes imperialistas daquele legislativo.

CAMPANHA CONTRA A BOMBA ATÔMICA

— Não obstante esse clima de intolerância e de preparação guerreira, o povo brasileiro vai desenvolvendo o seu trabalho pacífico e entusiástico de apoio ao Apêlo de Estocolmo, colhendo centenas de milhares de assinaturas no histórico documento que contribuirá para barrar a sanha dos criminosos que desejam exterminar populações inteiras para satisfazer suas ambições. Como em todo mundo onde mais de uma centena de milhões de assinaturas já foram colhidas, no Brasil também, com a Cruzada Humanitária pela Proibição das Armas Atômicas, a grande maioria do povo vai expressando a sua tradição pacifista, emprestando seu apoio à campanha de proscricão da arma de eliminação em massa.

A DEFESA CONTRA A OCUPAÇÃO IMPERIALISTA

“O Brasil está seriamente ameaçado pela guerra agora iniciada pelos Estados Unidos na Ásia. Os mais cínicos pretextos serão utilizados para justificar a ocupação de nosso território pelas tropas mercenárias de Truman, como acabam de fazer nas Filipinas e no Viet-Nam. É por isso que lutar contra as feras de Truman, que já massacram mulheres e crianças na Coreia, é lutar contra a violação do território sagrado de nossa pátria e em defesa da soberania nacional — o que precisamos fazer por cima e contra a vontade dos atuais governantes e de todos os políticos das classes dominantes, inclusive os atuais candidatos à presidência da República, que silenciam criminosamente diante do perigo que ameaça a nação e são, assim, solidários com a traição nacional do atual governo.”

(Da entrevista de Prestes publicada na “Imprensa Popular”.)

PARA



VENTI

SEU PALADAR QUER BRINDE OU
QUER CAFÉ?

PARAVENTI

“É O QUE É”
É SÓ CAFÉ